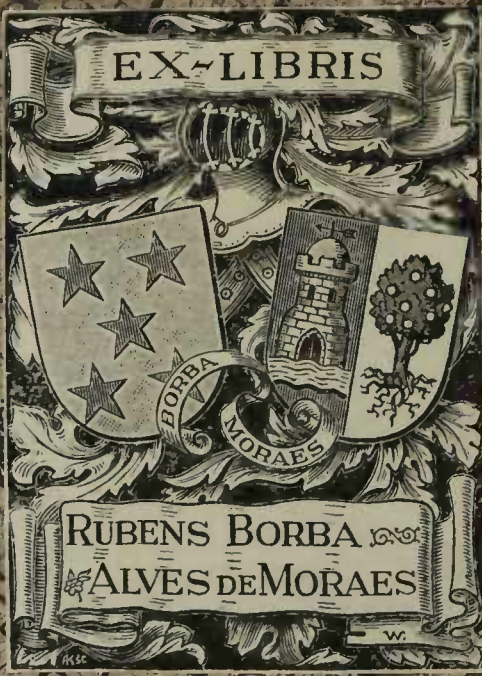




LIVRARIA L'US 1  
— DI —



le ne fay rien  
sans

**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin







**SUSPIROS POETICOS**

**E**

**SAUDADES.**

—○○○○—

PARIZ NA IMPRENSA DE HENRIQUE PLON,  
IMPRESSOR DO IMPERADOR,  
RUA GARANCIÈRE, 8.

—○○○○—



# SUSPIROS POETICOS

E

## SAUDADES

POR

**D. J. G. DE MAGALHAENS**

SEGUNDA EDIÇÃO CORRECTA E AUGMENTADA



**PARIZ**

**MORIZOT, LIVREIRO-EDITOR**

RUA PAVÉE-SAINT-ANDRÉ, 3.

**RIO DE JANEIRO**

MESMA CASA, RUA DO OUVIDOR, 112.

**1859**



## AVISO DO EDITOR.

---

Os *Suspiros poeticos e Saudades* do Sr. D<sup>r</sup> Magalhaens não necessitam hoje de recommendação alguma. Não ha litterato no Brasil e em Portugal que não aprecie estes admiraveis canticos, que desde o seu apparecimento em 1836 tão alto collocaram o nome do seu illustre auctor entre os melhores poetas que fallam a bella lingua de Camões. Bastaria este livro para sua gloria, si a sua imaginação criadora e original não produzisse depois varias tragedias, e a *Confederação dos Tamoyos*, poema épico, geralmente considerado pelos entendidos como muito superior aos que o Brasil já possuia, e que merecêo a honra de uma bella edição em grande formato, mandada fazer pelo seu soberano o Sr. D. Pedro II.

Ultimamente publicou o Sr. Magalhaens os *Mysterios*, e os *Factos do Espirito humano*, obra de alta philosophia que dará ao seu profundo auctor mais um novo genero de gloria.

Achando-se completamente exhausta a primeira

edição dos *Suspiros poeticos*, e sendo elles tão procurados, tanto em Portugal como no Brasil, julgámos que fariamos algum serviço á mocidade e ao bello sexo das duas nações irmães, dando-lhes uma nova edição destas poesias philosophicas, que tanto se distinguem pelo sentimento de religião e de moral que inspiram.

Tratámos para isso de obter o necessario consentimento do auctor, que aquiescendo benignamente ao nosso pedido, julgou dever corrigir primeiro os versos de sua mocidade que necessitassem de retoque; e bastantes foram essas correccões feitas no exemplar que para isso lhe offerecemos, além de alguns acrescentamentos, e de mais quatro canticos novos; com o que temos o prazer de annunciar que a nossa edição é em tudo muito superior á primeira.

Talvez possamos brevemente dar ao prelo mais dous volumes de poesias ineditas do mesmo auctor, entre as quaes incluiremos os *Mysterios*; o que só depende do exito desta edição.

Ajunctamos aqui o bello artigo que o Sr. F de S. Torres-Homem publicou sobre esta obra na *Revista Brasiliense*, impressa em Pariz em 1836, e que em frente deste livro acha o logar que lhe compete.

Paris, 1858

O Editor

MORÉ.

# SUSPIROS POETICOS E SAUDADES,

POR D. J. G. DE MAGALHAENS.

Paris, 1836. — Um vol. em-8º.

---

Desde os principios do seculo actual uma grande reacção começou a abalar os antigos fundamentos do reino mysterioso das Musas. O vago das lembranças do berço da civilisação moderna, os sublimes pensamentos do Christianismo, a simplicidade das scenas da natureza, que tão tocantes relações offerecem com as miserias do nosso coração, pareceram uma fonte de emoções mais delicadas e verdadeiras que os engenhosos sonhos da antiguidade. Faltava á lyra antiga essa corda grave e chorosa, pela qual se exprime a religião, e o infortunio; faltava-lhe a consonancia com os sentimentos poeticos da existencia, e com a eterna melancolia do pensamento moderno. Essa poesia, remanescente da poeira de um mundo que acabou, transportava-nos fóra da esphera dos nossos

habitos, principios, e costumes, e nem o segredo podia adivinhar dos nossos sentimentos. Preciso era que de industria nos transformassemos em Gregos, e Romanos, despindo-nos de tudo o que constitue a individualidade do homem de hoje, por que nos enternecessemos pelo pantheismo phenomenal da Grecia, e Roma, e pelos sentimentos estrangeiros dessas illustres mortas. Mas ainda assim, o peso das nossas crenças precipitava todas as sombras evocadas do polytheismo; ellas dissipavam-se ao primeiro movimento dos nossos sentimentos reaes, como ao primeiro albor da aurora fogem os phantasmas que as trevas simulam. Como tudo o que é grande, bello, e verdadeiro, foi pleno o successo da reacção contra a imitação da poesia antiga. O Christianismo, bauindo do universo as elegantes divindades, de que o povoára a mythologia, restabelecêo a magestade, a grandeza, e a gravidade da criação, e nova carreira abriu á poesia, que té então não podia encarar a natureza senão a través das ficções consagradas por Hesiodo, e por Homero. Nestas novas fontes bebe hoje suas mais brilhantes inspirações não só a poesia, como as artes, e a philosophia, irmã da theologia.

Entretanto que este movimento remoçava com uma vida toda nova, e mais florente que a primeira, a litteratura europca, os poetas da nossa lingua iam muito satisfeitos batendo a estrada sedicã, e dizendo-se inspirados pelas Musas pallidas e decrepitas do Par-

nasco. Mas eis que um joven poeta da nova escola, nascido debaixo do céu pomposo do Rio de Janeiro, ardente de futuro, e de gloria, com a cabeça repleta de harmonias, e o coração pesado de nobres emoções, acaba de relevar a pobreza da nossa litteratura com um volume admiravel de poesias. Profundo sentimento dos segredos do gosto, o qual é o bom senso do genio, sentimento bem raro nas producções da mocidade levada sempre para o grandioso extravagante; riqueza, variedade, e excellente concepção de imagens, que imprimem um effeito magico á doce melancolia do poeta; perfume, e unção religiosa espalhadas sobre as scenas da natureza; elevação dos pensamentos philosophicos, inspirados pela escola idealista allemã, e pelas doutrinas do Christianismo; pureza, e pompa de versificação; taes são em resumo os meritos dos *Suspiros poeticos* do Sr. Magalhaens. O espaço falta-nos, e só uma amostra incompleta podemos dar, extrahindo alguns fragmentos, que por separados do todo perdem um tanto da sua belleza.

A incerteza da duração da existencia, que como um contrapeso conserva-nos suspensos no meio das illusões da vida, era assumpto que naturalmente devia offerecer-se á meditação do poeta. No momento mesmo em que o mundo vacilla em torno de nós, em que os mais descorados objectos se tingem de brilhantes cores, em que uma superabundancia de vida parece trasbordar do nosso seio, e vivificar tudo que

nos cerca , a onda rapida da vida vai passando , e de chimera em chimera lança-nos fóra do nada da existencia , quando cuidavamos colher a flor promettida pela esperanza. O *Canto do Cysne* diz essa fragilidade da vida com uma simplicidade profundamente tocante , e com aquella harmoniosa tristeza de meditação , que corresponde ao que ha de mais vago , de mais indefinido , e ao mesmo tempo de mais intimo em nossa alma.

Entre tantas outras magnificas harmonias , de que os limites circumscriptos desta noticia não nos permitem dar uma idéa , apparece o cantico de Waterloo , composição notavel pela novidade das imagens , vigor do colorido , e energia da expressão. Por meio d' ella o Sr. Magalhaens dêo-nos a mostra de que podia tirar das cordas da sua lyra os sons os mais diversos , e todos iguaes na grandeza dos effeitos. Para entoar o cantico desse drama terrivel , que se chama a Batalha de Waterloo , donde a mais gigantesca realidade que ha passado sobre a terra , foi exhalar-se como um sonho na extremidade solitaria dos tres continentes , o engenhoso vate suffoca por momento os accentos favoritos do seu coração. Aqui não sôa mais essa voz docemente gemebunda da Musa , que soffre com o spectaculo da vida ; seu entusiasmo parece accender-se no fogo do raio , e o tumulto das armas lhe retine nos versos.

A inspiração do poeta compara o Heróe de Austerlitz



ao Astro da luz, que caminha ao occáso. E na verdade ha em Napoleão alguma cousa da immensidade das maiores obras da criação. Surgido de uma ilha, vai sepultar-se em uma outra ilha, no meio dos mares, onde Camões situou o Genio das Tempestades, depois de ter em seu gyro espantado os povos com tão grandes revoluções. Esse halito inflammado, que suffoca as phalanges inimigas, e accende a coragem das suas; esse effeito de orchestra produzido pelos horrores da guerra; essa abóbada de balas, que penetradas de respeito, á maneira de submissos leões, apenas ousam lamber os pés do ginete, — são ardidezas de uma sublime energia, e que traçam ao vivo as proporções colossaes do genio do grande homem, diante de cujo sopro se aniquilam todas as humanas resistencias, e até a natureza physica parece curvar-se de respeito.

As saudades da patria, e as reminiscencias das impressões da primeira juventude, que mais tarde, depois de uma amarga experiencia do mundo, e dos homens, apparecem como ruínas vistas ao clarão do archote, são para o genio do Sr. Magalhaens uma fonte inexgotavel de inspirações. No meio de todos os povos, ao longo dos caminhos desertos, no tope das montanhas cobertas de gelo, nos valles sombrios, a lembrança do Brasil faz vibrar todas as cordas do coração do poeta. Os *Suspiros á Patria*, arrancados do mais intimo da alma, correm parelhas com os bellos versos, versos saudosos do infeliz lord Byron em

Newstead Abbey aos olmeiros de Harrow , cujas sombras lhe abrigaram o berço.

Este volume de poesias do Sr. Magalhaens não é somente uma collecção de bellas harmonias , mas tambem um codigo de moral na sua expressão a mais sublime , nas suas fórmulas as mais ternas e consoladoras , e cuja luz alumia sem irritar os olhos , como o doce clarão que a lua espalha sobre um dédalo de flores. Elle é proprio a aplacar a necessidade de emoções grosseiras , que a nossa epocha agita. O sopro do infortunio , da religião , e da philosophia animou esses cantos , onde domina um doloroso entusiasmo por tudo quanto é grande , bom , e justo. Parece que a Providencia faz soffrer todos os poetas de genio , afim que instrua os outros homens com a sublime melodia dos seus gemidos : as criaturas mediocres soffrem menos , porque seus queixumes não teem harmonia , e são um desacordo de mais entre os sons confusos do mundo moral.

Esta producção de um novo genero é destinada a abrir uma era á poesia brasileira. Permitta Deos que ella não fique solitaria no meio da nossa litteratura , como uma sumptuosa palmeira no meio dos desertos. Apesar de tudo , cremos que o tempo futuro não conseguirá riscar da memoria dos admiradores das musas o nome do auctor dos *Suspiros poeticos*. Dizemos apesar de tudo , porque nós outros Brasileiros não podemos soffrer reputações ; nosso orgulho é em ex-

tremo susceptível; elle desconfia dos menores successos; um nome pronunciado tres vezes nos importuna, e irrita. O Brasil não está hoje para as letras, e as sciencias. Entre nós quantos talentos passam incognitos na vida, como esses rios sem nome nas suas solidões! A nossa mocidade tão bella, e esperançosa, por falta de direcção, de carreira, e de espirito publico; esgarra-se em falsos caminhos, ou debate-se inutilmente no meio de uma sociedade obscura. Os homens que dirigem os destinos do Brasil, sem comprehender as condições de sua missão, parecem ter dado as mãos a todas as influencias do mal, para aggravar o estado da triste epocha em que vivemos. Cada dia que corre, receamos seriamente ler nas Gazetas, que por mandado da sabia e liberal administração, o fogo fôra lançado aos estabelecimentos consagrados aos progressos da intelligencia, e da civilisação. Ao menos haveria nisso o merito de um systema de trevas logicamente combinado, e aquella belleza da desordem perfeita, que os antigos estamparam no semblante das furias. Onde estão esses illustres regeneradores, que um bello dia declararam á face do paiz, que o homem nascêra philosopho, e que o estudo da sciencia e das letras era pura chimerica? Por detraz dos homens actuaes não estão escondidos outros homens; o que hoje fere as vistas no Brasil não é uma excepção, e porêm sim o estado geral das idéas, proveniente do scepticismo moral,

da indiferença para o bem e o mal, da nullidade dos caracteres extranhos a todos os nobres sentimentos, e votados a um duro egoismo, e alfim, da extincção dos sentimentos religiosos, que são o contrapeso das humanas loucuras. Ha alguns annos, bem difficeis eram as circumstancias do Brasil, e da sua mocidade; mas do proprio excesso dos males a, esperança renascia; o presente era então sem alegrias, mas contava-se sobre um melhor futuro. O estado actual pesa sem esperanças como uma maça de ferro sobre todos os bons espiritos; tanto é elle pouco unísono com as cousas, que se vão arrastando a nossos olhos.

Desgraçada mocidade!

F. S. TORRES-HOMEM.



## L Ê D · E .

Péde o uso que se  
um portico ao edificio; e como este deve indicar por  
sua construcção á que Divindade se consagra o tem-  
plo, assim deve aquelle designar o caracter da obra.  
Sancto uso de que nos aproveitamos, para desva-  
necer alguns preconceitos, que talvez contra este  
Livro se elevem em alguns espiritos apoucados.

É um Livro de Poesias escriptas segundo as impres-  
sões dos logares; ora sentado entre as ruínas da  
antiga Roma, meditando sobre a sorte dos imperios;  
ora no cimo dos Alpes, a imaginação vagando no  
infinito como um átomo no espaço; ora na gothica  
cathedral, admirando a grandeza de Deos, e os pro-  
digios do Christianismo; ora entre os cyprestes que  
espalham sua sombra sobre tumulos; ora emfim

reflectindo sobre a sorte da Patria, sobre as paixões dos homens, sobre o nada da vida. São poesias de um peregrino, variadas como as scenas da Natureza, diversas como as phases da vida, mas que se harmonizam pela unidade do pensamento, e se ligam como os anneis de uma cadcia; poesias d'alma, e do coração, e que só pela alma e o coração devem ser julgadas.

Quem ao menos uma vez separou-se de seus páis, chorou sobre a campa de um amigo, e armado com o bastão de peregrino, errou de cidade em cidade, de ruína em ruína, como repudiado pelos seus; quem no silencio da noite, cançado de fadiga, elevou até a Deos uma alma piedosa, e vertêo lagrimas amargas pela injustiça, e misérias dos homens; quem meditou sobre a instabilidade das cousas da vida, e sobre a ordem providencial que reina na historia da Humanidade, como nossa alma em todas as nossas acções; esse achará um echo de sua alma nestas folhas que lançamos hoje a seus pés, e um suspiro que se harmonise com o seu suspiro.

Para bem se avaliar esta obra, tres cousas se deve notar: o fim, o genero, e a fórma.

O fim deste Livro, ao menos aquelle a que nos propozemos, que ignoramos si o attingimos, é o de

e levar a Poesia á sublime fonte donde ella emana , como o effluvio d'agua , que da rocha se precipita , e ao seu cume remonta , ou como a reflexão da luz ao corpo luminoso ; vingar ao mesmo tempo a Poesia das profanações do vulgo , indicando apenas no Brasil uma nova estrada aos futuros engenhos.

A Poesia , este aroma d'alma , deve de continuo subir ao Senhor ; som acorde da intelligencia deve sanctificar as virtudes , e amaldiçoar os vicios. O poeta , empunhando a lyra da Razão , cumpre-lhe vibrar as cordas eternas do Sancto , do Justo , e do Bello.

Ora , tal não tem sido o fim da maior parte dos nossos poetas ; e o mesmo Caldas , o primeiro dos nossos lyricos , tão cheio de saber , e que podéra ter sido o reformador da nossa Poesia , nos seus primores d'arte , nem sempre se apoderou desta idéa ; compõe-se uma grande parte de suas obras de traducções ; e quando elle é original causa mesmo dó que cantasse o homem selvagem de preferencia ao homem civilisado , como si aquelle a este superasse , como si a civilisação não fosse obra de Deos , á que era o homem chamado pela força da intelligencia , com que a Providencia dos mais seres o distinguira !"

Outros apenas curaram de fallar aos sentidos ; outros em quebrar todas as leis da decencia !

Seja qual for o logar em que se ache o poeta, ou apunhalado pelas dores, ou ao lado de sua bella, embalado pelos prazeres; no carcere, como no palacio; na paz, como sobre o campo da batalha; si elle é verdadeiro poeta, jamais deve esquecer-se de sua missão, e acha sempre o segredo de incantar os sentidos, vibrar as cordas do coração, e elevar o pensamento nas azas da harmonia até ás idéas archetypas.

O poeta sem religião, e sem moral, é como o veneno derramado na fonte, onde morrem quantos procuram ahí aplacar a sêde.

Ora, nossa religião, nossa moral é aquella que nos ensinou o Filho de Deos, aquella que civilisou o mundo moderno, aquella que illumina a Europa, e a America: e só este balsamo sagrado devem verter os canticos dos poetas brasileiros.

Uma vez determinado e conhecido o fim, o genero se apresenta naturalmente. Até aqui, como só se procurava fazer uma obra segundo a Arte, imitar era o meio indicado: fingida era a inspiração, e artificial o enthusiasmo. Desprezavam os poetas a consideração si a Mythologia podia, ou não, influir sobre nós: com tanto que dissessem que as Musas do Helicon os inspiravam, que Phebo guiava seu carro puxado pela quadriga, que a Aurora abria as portas do Oriente



com seus dedos de rosas, e outras taes e quejandas imagens tão usadas, cuidavam que tudo tinham feito, e que com Homero emparelhavam; como si pudesse parecer bello quem achasse algum velho nianto grego, e com elle se cobrisse; antigos e safados ornamentos, de que todos se servem, a ninguem honram.

Quanto á fôrma, isto é, a construcção, por assim dizer, material das estrophes, e de cada cantico em particular, nenhuma ordem seguimos, exprimindo as idéas como ellas se apresentaram, para não destruir o accento da inspiração; além de que, a igualdade dos versos, a regularidade das rhymas, e a symetria das estancias produz uma tal monotonia, e dá certa feição de concertado artificio que jamais podem agradar. Ora, não se compõe uma orchestra só com sons doces e frutados; cada paixão requer sua linguagem propria, seus sons imitativos, e períodos explicativos.

Quando em outro tempo publicámos um volume das Poesias da nossa infancia, não tínhamos ainda assás reflectido sobre estes pontos, e em quasi todas estas faltas incorrêmos; hoje porém cuidamos ter seguido melhor caminho. Valha-nos ao meus o bom desejo, si não correspondem as obras ao nosso intento; outros mais mimosos da Natureza farão o que não nos é dado.

Algumas palavras acharão neste Livro que nos Dicionarios Portuguezes se não deparam; mas as linguas vivas se enriquecem com o progresso da civilização, e das sciencias, e uma nova idéa péde um novo termo.

Eis as necessarias explicações para aquelles que têm de boa fé, e se aprazem de colher uma perola no meio das ondas; para aquelles, porêni, que com olhos de prisma tudo decompõem, e como as serpentes sabem converter em veneno até o nectar das flores, tudo é perdido; o que poderemos nós dizer-lhes?... Eis mais uma pedra onde afiem suas presas, mais uma taça onde saciem sua febre de escarneo.

Este Livro é uma tentativa, é um ensaio; si elle merecer o publico acolhimento, cobraremos animo, e continuaremos a publicar outros que ja temos feito, e aquelles que fazer poderemos com o tempo.

É um novo tributo que pagamos á Patria, emquanto lhe não offerecemos cousa de maior valia; é o resultado de algumas horas de repouso, em que a imaginação se dilata, e a attenção descança, fatigada pela seriedade da sciencia.

Tu vais, oh Livro, ao meio do turbilhão em que se debate nossa Patria; onde a trombeta da mediocri-

dade abala todo os ossos, e desperta todas as ambições; onde tudo está gelado, excepto o egoismo: tu vais, como uma folha no meio da floresta batida pelos ventos do inverno, e talvez tenhas de perder-te antes de ser ouvido, como um grito no meio da tempestade.

Vai; nós te enviamos, cheios de amor pela Patria, de entusiasmo por tudo que é grande, e de esperanças em Deus, e no futuro.

*ADEOS!*

Paris, julho de 1836.





# SUSPIROS POETICOS.



I.

## INVOCACÃO AO ANJO DA POESIA.



A VOZ DE MINHA ALMA.

Quando da noite o véo caliginoso  
Do mundo me separa,  
E da terra os limites encobrando,  
Vagar deixa minha alma no infinito,  
Como um subtil vapor no aéreo espaço,  
Uma angelica voz mysteriosa  
Em torno de minha sôa,  
Como o som de uma frauta harmoniosa,  
Que em sagradas abóbadas rebôa.

2.

Donde vem esta voz? — Não é de virgem ,  
Que ao prazo dado o bem amado aguarda ,  
E mavioso canto aos céos envia ;  
Esta voz tem mais grata melodia !

Donde vem esta voz? — Não é dos Anjos ,  
Que leves no ar adejam ,  
E com hymnos alegres se festejam ,  
Quando uma alma innocente  
Deixa do barro a habitação escura ,  
E na siderea altura ,  
Como um astro fulgente  
Penetra de Adonai o aposento ;  
A voz que escuto tem mais triste accento.

Como d' ara thurícrema se exalça  
Nuvem de grato aroma que a circunda ,  
E lenta vai subindo  
Em faxas ondeantes ,  
Nos ares espargindo  
Particulas fragrantas ,  
E sóbe, e sóbe, até no céu perder-se,  
Tal de mim esta voz parece erguer-se.

Sim, esta voz do peito men se exhala !  
Esta voz é minha alma que se expraia ,  
É minha alma que geme, e que murmura ,  
Como um organ no templo solitario ;  
Minha alma, que o infinito só procura ,  
E em suspiros de amor a seu Deos se ala.

Como surdo até hoje  
Fui eu á tão angelica harmonia ?  
Porventura minha alma muda esteve ?  
Ou foram porventura meus ouvidos  
Até hoje rebeldes ?  
Perdoa-me, oh meu Deos , eu não sabia !  
Eram Anjos do céo que me inspiravam ,  
E outras vozes meus labios modulavam.

Castas Virgens da Grecia ,  
Que os sacros bosques habitais do Pindo !  
Oh Numes tão fagueiros ,  
Que o berço me embalastes  
Com risos lisonjeiros ,  
Assás a infancia minha fascinastes.  
Guardai os louros vossos ,

Guardai-os, sim, qu'eu hoje os renuncio.

Adeos, ficções de Homero!

Deixai, deixai minha alma

Em seus novos delirios engolphar-se,

Sonhar co' as terras do seu patrio Rio.

Só de suspiros coroar-me quero,

De saudades, de ramos de cypreste;

Só quero suspirar, gemer só quero,

E um cantico formar co' os meus suspiros;

Assim pela aura matinal vibrado

O Anemocordio, ao ramo pendurado,

Em cada corda geme,

E a selva peja de harmonia estreme.

Ja nova Musa

Meu canto inspira;

Não mais empunho

Profana lyra.

Minha alma, imita

A Natureza;

Quem vencer póde

Sua belleza?



De dia, e noite  
Louva o Senhor ;  
Canta os prodigios  
Do Criador.

Tu não escutas  
Esta harmonia,  
Que ao throno excelso  
A terra envia ?

Tu não reparas  
Como o mar geme,  
Como entre as folhas  
O vento freme ?

Como a ave chóra,  
A ovelha muge,  
O trovão brama,  
O leão ruga ?

Cada qual canta  
Ao seu theor,  
Mas louvam todos  
O seu Auctor.

Da grande orchestra  
Augmente o brilho  
O cauto humano  
Da razão filho.

Minha alma, aprende,  
Louva a teu Deos ;  
Os teus suspiros  
Envia aos céos.

Oh como é bello o céu azul sem nódoa !  
Que puro amor nos corações atea,  
Como a pupilla de engraçada virgem,  
Que serena nos olha, e nos enleia.

Mas que imagem sublime a mim se autolha,  
Com largas azas brancas como o cysne,  
E roçagante toga, que se ondeia  
Como flocos de neve alabastrina !  
Uma harpa de ouro em suas mãos sustenta !  
Oh que voz suavissima e divina !  
Oh que voz, que as paixões n'alma adormenta !

Vem, oh Genio do céo filho!  
Vem, oh Anjo d' harmonia!  
Cuja voz é mais suave,  
Mais fragrante que a ambrosia!

Teu rosto vence em belleza  
Ao sol no zenith luzente;  
Teu largo manto é mais puro  
Do que a lua alvinitente.

As azas, que te suspendem,  
São mais ligeiras que o vento;  
São mais terriveis que os raios,  
Que gyram no firmamento.

Tua fronte não se adorna  
Com flores que o prado gera;  
Sobre teus cabellos de ouro  
Brilha de fogo uma esphera.

Teus pés a terra não tocam,  
Á teus pés a terra é dura;  
Sobre aromas te equilibras  
Recendentes de frescura.

O sol, a lua, as estrellas  
São fanacs que te illuminam,  
São corpos a quem dás vida,  
E ante teus passos se inclinam.

Os accordos de tua harpa  
Todos os astros echôam;  
Reanima-se o Universo,  
Quando as suas cordas sôam.

Vem, oh Anjo, ungir meus labios;  
Traze-me uma harpa dos céos;  
Ao som d'ella subir quero  
Meus suspiros até Deos!

Quando no Oriente roxear a Aurora,  
Como um purpureo, auribordado manto,  
Que ao Rei da luz o pavilhão decora,  
E as saltitantes aves pelos ramos  
Da madrugada o hymno gorgaerem,  
Tua voz, oh minha alma, une a seu canto,  
E as graças do Senhor cantando exora.

Quando a noite envolver a Natureza  
Em tenebroso crepe; e sobre a terra  
As azas desdobrar morno silencio;  
Nessas placidas horas de repouso,  
Em que tudo descança, excepto o Oceano,  
Que arqueja, e espuma em solitaria praia,  
Visinhos ermos com seus ais pejando,  
Como um preso que geme, e que de balde  
Da prisão contra os muros se arremessa;  
Tu tambem, como a lua, vigilante  
Nessas propicias horas, oh minha alma,  
Tua voz gemebunda exhala, e une  
Á voz do Oceano, á voz d' ave nocturna.

Emquanto estás sobre a terra,  
Como no exilio o proscripto,  
Canta como elle, que o canto  
Refrigera o peito afflicto.

Canta, que os Anjos te escutam,  
E os Anjos á terra descem,  
A escutar esses hymnos,  
Que para Deos almas tecem.

Canta a todos os momentos,  
Canta co' a noite, e co' o dia;  
E o teu derradeiro expiro  
Seja ainda uma harmonia.



II.

**O VATE.**

Porque cantas, oh Vate? porque cantas?  
Qual é tua missão? O que és tu mesmo?  
Para ti nada é morto, nada é mudo;  
Co' o sol, e o céo, e a terra, e a noite fallas.  
Tudo te escuta; e para responder-te,  
Do passado o cadaver se remove,  
E do tumulo seu a fronte eleva;  
O presente te attende; e no futuro  
Eternos vão soar os teus accentos!

Quando o vento em furor açouta as comas  
Dos brasilicos bosques, voz tremenda  
Igual a do trovão ao longe atrôa ,  
E uma nuvem de flores se levanta ,  
Que o ar com seus effluvios embalsama ;  
Assim , quando te agita o enthusiasmo ,  
Dos labios teus emana alma torrente  
Troante e recendente de perfumes.

De magico poder depositario ,  
Qual um Genio entre os homens te apresentas.  
Ante ti não ha rei , nem ha vassallo ;  
Tu nos homens só vês virtude , ou vicio.  
Como um despota , ufano em teus delirios ,  
Uns cercas de immortal aréola tua ,  
Outros condemnas ao opprobrio , e á morte.

Umaz vezes suberbo , impetuoso ,  
Qual aguia que sublime o céu devassa ,  
E do céu sobre a terra os olhos desce ,  
Teu igneo , alado genio , no ar suspenso .  
Não , oh mortaes , não vos pertença , ( exclama )



Eu sou organ de um Deos; um Deos me inspira;...  
Seu interprete sou; oh terra! ouvi-me.

Outras vezes, nas selvas meditando,  
Sobre um tronco sentado, juncto a um rio,  
Que embalança da lua a argentea cópia;  
Como entre as folhas susurrante vento  
Gemer parece, e de algum mal carpir-se,  
Tu gemes, e co' o verme te comparas,  
Que arrasta pelo chão a inutil vida;  
E vês nas aguas, que a teus pés deslizam,  
A imagem de teus dias fugitivos.

Fogem os dias como as aguas fogem;  
Mas da lua o clarão, que a agua reflecte,  
Sem do logar fugir, brilhando fica;  
Tal sobre a terra, onde escoára a vida,  
Resta do Vate a rutilante gloria!

Quando ouve o sabiá troar nas varzeas  
Do fero caçador a mortal arma,  
Suffoca o sabiá seu canto, e foge:  
Assim tu emmudeces, quando estruge

Da civil guerra, e da discordia o grito.  
Mas quando á Patria o inimigo insulta,  
Armando o braço, e reforçando o peito,  
No meio dos combates te arremessas,  
Como o raio que estronda, aclara, e fere,  
E após teus cantos a victoria marcha.

Vate, o que és tu? Es tu mortal ou nume?  
Que Deos te abala o peito, e te enfurece,  
Quando, como um vulcão que estoura am lavas  
Que accesas rolam, tua voz desatas?

Oh como é grande o Vate, que arrojado  
Da terra s'ergue como a labareda,  
E vagando no céu como um metéoro,  
Dos labios sólta a voz, e a vibra em raios,  
Que o vicio, e o crime ferem, pulverizam!

Canta, oh Vate! sagrados são teus cantos;  
Canta, que o céu te inspira, o céu te inflamma;  
Canta, que apesar seu, te escuta o mundo,  
E o vicio de te ouvir treme de medo.

Não, não és um mortal quando tu cantas !  
És o Archanjo da justiça eterna !  
Lamina accesa, fulminante empunhas,  
Com que prostras por terra a fronte ao crime,  
Com outra mão elevas o homem justo.

Ou tu cantes a guerra, ou amor cantes,  
Ou louves do Senhor as maravilhas;  
Ou do céu as angelicas bellezas,  
Ou do inferno os horrores nos retrates;  
Ou sobre o esquife de um amigo chores,  
Ou enfeites a campa da innocencia;  
Sempre teus versos, qual nectareo rócio,  
De ineffavel prazer a alma me embebem !

Ah não profanes o teu genio, oh Vate !  
O incenso só no altar queimar-se deve !  
Em lago impuro não se banha o cysne,  
Que manchar teme a candida plumagem.  
Imita o cysne; e como sempre as flammas  
Sobem ao céu, ao céu teus hymnos subam.

As riquezas que a terra ó avaro offrece,  
Mais valor para ti que o céu não tenham;

As riquezas da terra ao Vate servem  
Para imagem da mystica linguagem,  
Como ao bello ideal dão vida as cores.

No dia em que da lyra sons fôrçados  
Venderes ao tyranno em troeo de ouro,  
Nesse dia o céo dêixa de inspirar-te;  
Quebra essa lyra, e cessa de ser Vate.

Quando a virgem do sol seu voto infringe,  
Vedado lhe é tocar no sacro fogo;  
D' alva e'rôa de flores a despojam,  
Adornos de vestal, e o nome perde;  
Assim quando uma vez, oh Vate, attende,  
Venaes hymnos os labíos teus verterem,  
Deixarás de ser Vate; arranea a e'rôa,  
E co' o sello do opprobrio entra no mundo.

Opprobrio ao Vate que profana a lyra!  
Opprobrio, infamia a quem insulta o Vate.



### III.

#### A POESIA.

Um Deos existe, a Natureza o attesta;  
A voz do tempo sua gloria entõa,  
De seus prodigios se accumula o espaço;  
E esse Deos, que criou milhões de mundos,  
    Mal queira, n'um minuto,  
Póde ainda criar mil mundos novos.

Os que nos leves ares esvoaçam,  
Os que do vasto mar no fundo habitam,

Os que se arrastam sobre a dura terra,  
 E o homem que para o céo olhos eleva,  
 Todos humildes seu Auctor adoram.

Todos te adoram, sim, meu Deos, mas como?  
 Este no sol te vê, na lua aquelle,  
 Qual um touro te crê, qual um tyranno;  
 E entre sí disputando a preferencia,  
 Todos ufanos conhecer-te julgam.

No céo rutila o sol, e sobre a terra  
 Cáem seus raios como chuva de ouro;  
 Mas cada flor, um raio recebendo,  
 De um esmalte diverso se colóra.

Oh tu, qu'eu amo como casta virgem!  
 Sim, tu és como Deos, diva Poesía!  
 Sim, tu és como o sol! Por toda parte  
 Cultos te rendem de uma zona á outra;  
     Cada mortal te offrece  
 Um culto igual á força de sua alma;  
 Qual te julga uma virgem do Permissão,  
     Só de ficções amiga;

Qual da verdade o Anjo,  
Que tudo vê com olhos luminosos;  
Tua voz semelhante a uma torrente  
Tudo abala, e consigo arrasta tudo.

Oh Poesia, oh vida da Natura!

Oh suave perfume

D' alma humana exhalado!

Oh vital harmonia do Universo!

Tu não és um phantasma de belleza

Fallaz sonho de mente delirante,

E da mentira a deosa;

Tu não habitas só da Grecia os montes,

Nem só de Phebo a luz te inspira o canto!

D' alvo manto coberta, roçagante,

La no meio da noite, quando a lua

Só para os mortos alvejar parece,

Como a lanterna funebre do claustro,

Tu, encostada á Cruz do cemiterio,

Como o Anjo da morte,

Ao som de uma harpa suspirando exhalas

De quando em quando teus sagrados psalmos;

Quando tu pausas, gemebundo o vento  
Vai tambem entre os lugubres cyprestes  
Teus ultimos accents murmurando.

Nas cavas sepulcraes som luctuoso

De tua voz rebôa.

Dirías que animados por teu canto,

Os mirrados cadaveres se elevam

Do fundo dos jazigos,

E sobre as lousas curvos,

Cantam n'um côro o mystico estribillo.

Sobre o bronco alcantil de alpestre fraga

Pelos tufões batida, e pelas ondas,

Que incessantes se entonam,

Tu, sentenda, qual virgem

Do naufragio escapada,

O mar contemplas, do infinito imagem;

E depois para Deos erguendo os olhos,

Teus olhos como dous fanaes accesos,

Que dos céos co' as estrellas rivalisam,

E ao viajante ao longe o escolho indicam;

Ao compasso das vagas gemebundas,



Tua angelica voz , como um effluvio ,  
Do mais intimo d' alma a Deos exalças.

Sobre montes de ruinas dos Imperios ,  
Entre reliquias de abatido templo ,  
Ao qual somente o céo de tecto serve ,  
Et de lampada a lua , tu vagueas ,  
E te aprazes co' os serios pensamentos ,  
Que os destroços inspiram.

No campo da batalha; o chão juncado  
De ossos que alvejam , de quebradas armas ,  
Que sublimes lições aos homens dictas !

Tu és tudo , oh Poesia !  
Tu stás na paz , e na guerra ,  
Nos céos , nos astros , na terra ,  
No mar , na noite , no diã !

Oh magico Nume ,  
Que minha alma adora ,  
Do céo sacro lume ,  
Que abrasa , e vigora  
O meu coração !

Tu és o perfume ,  
E o esmalte das flores ,  
Dos soes os fulgores ,  
Dos céos a harmonia ,  
Do raio o clarão !

Tu és a alegria  
D' uma alma piedosa ,  
E a voz luctuosa ,  
A voz d' agonia ,  
Que escapa do peito ,  
De quem vai do leito  
Á terra baixar.  
Tu és dos desertos  
O som lamentoso ,  
E o echo choroso  
Das vagas do mar.

Tu és a innocencia ,  
E o riso da infancia ,  
Do velho a prudencia ,  
Do moço o vigor ,  
Do heróe a clemencia ,

Do amor a constancia,  
Da bella o pudor.

Tu, que cantaste o hymno da innocencia,  
Quando immovel ainda repousava  
No berço do Oriente a Humanidade;  
Tu, que cantando sempre a acompanhaste  
Nos seus dias de dor, ou de triumpho,  
Acaso morrerás tambem com ella?  
Ou sem ti, como um astro em seu eclipse,  
Se arrastará sem vida a Humanidade,  
Até toda no tumulo sumir-se?

Quando o sol, que é tua imagem,  
No seu zenith apagar-se,  
E tudo outra vez do nada  
No escuro golpho abysmar-se :

Tu, que és a imagem do Eterno,  
Terás fim nesse momento?  
Ou terás nova existencia  
Do Senhor no pensamento?

Sim; quando tudo extinguir-se,  
Guardará Deos na lembrança  
De tudo que agora existe  
Uma viva similhaça.

Essa image' a Deos presente  
Serás tu, oh Poesia!  
Tu és do Eterno um suspiro,  
Que enche o espaço de harmonia.

Veneza, maio de 1835.



#### IV.

### DEOS, E O HOMEM.

Nos Alpes, 14 de outubro 1834.

Quando se arrouba o pensamento humano ,  
E todo no infinito se concentra,  
De milhões de prodígios povoado ;  
Quando sobre o fastigio de alto monte ,  
Como um colibre sobre altivo robre ,  
Na vastidão sidérea a vista espaia ;  
E vê o sol , que no Oriente assoma ,  
Como n'um lago em própria luz nadando ,  
E a noite , que se abysma no occidente ,  
Arrastando seu manto tenebroso ,

De pallidas estrellas semeado ;  
Quando dos gelos, que alcantis coròam ,  
Vê a enchente rolar em cataractas ,  
Por cem partes abrindo largo leito ,  
Fragas, e pinheiraes desmoronando ;  
Quando vê as cidades enterradas  
A seus pés na planice., e negros pontos  
Aqui, e alli, moverem-se sem ordem ,  
Como abelhas em torno da colmeia ;  
O homem então se abate; um suor frio ,  
Qual o suor que o moribundo còa ,  
Rega-lhe o corpo extatico; sua alma ,  
Como um subtil vapor, que o lirio exhala ,  
Ferido pelo raio matutino ,  
Da terra se levanta; e o corpo algente  
Qual um combro de pó morto parece;...  
Ella está no infinito! — Então lhe tròa  
Uma voz, como o echo das cavernas ,  
Quando os ventos nos ares se debatem ;  
Como um ronco do Oceano repellido  
Por estavel penedo; como um grito  
Das entranhas da terra, quando accesas  
De sua profundez lavas borbotam ;

Como o rouco bramido das tormentas;  
É a voz do Universo! — voz terrivel,  
Porém harmoniosa, que proclama  
A existencia de um Ser, que de sí mesmo,  
De sua omnisciencia, e eterna força,  
Tudo tirou, quanto o Universo encerra.

Os céos, os mundos, o Oceano, a terra  
É um vasto hieroglyphico, é a fórma  
Symbolica do Ser aos olhos do homem.  
O movimento harmonico dos orbes  
É o hymno eterno e mystico, que narra  
Altamente de um Deos a omnipotencia.  
Tudo revela Deos, — e Deos é tudo.

De tal grandeza sotoposto ao peso,  
Como si o esmagasse ingente mole,  
O homem se aniquila, e desaparece,  
Qual no profundo pégo um grão de areia.

É aqui, oh meu Deos, calcando nuvens,  
Parecendo tocar o céu co' a fronte,  
Qu'cu reconheço a immensidade tua.

Existe este Universo, existe o homem,  
Porque de todo o Ser tu és a origem.

Aqui, para louvar teu sancto Nome,  
É fraco o peito humano, é fraca a lingua,  
É fraca a voz, que titubante hesita  
Tão alto remontar, e no ar perder-se,  
Antes que de astro em astro repetida,  
De um céu a outro céu, de um Anjo a outro,  
Vá retinir, Senhor, em teus ouvidos,  
Como discorde som de rota lyra.

Alva nuvem, que toucas este monte,  
Desce um pouco, e recebe-me em teu dorço;  
Asinha ala-me ao céu; na etherea plaga,  
Vendo o sol de mais perto, talvez possa,  
Com sua luz benefica animado,  
Altisono entoar um hymno excelso,  
Digno de Jehovah, que eterno escuta  
Dos angelicos córos a harmonia.  
Abre-te, oh céu azul, que a mortaes olhos  
A mansão do Senhor zeloso occultas!  
Abre-te, oh céu azul; deixa minha alma



Saciar-se co' a luz da Sião sancta.  
Sóbe, meu pensamento, vôa, rompe  
Os turbilhões dos Cherubins, e Thronos,  
Mais bellos que mil soes, mais coruscantes,  
Que em vórtice perenne estão ladeando  
Do Eterno Padre o luminoso solio.

Oh arrojado pensamento humano,  
Por mais que em teu soccorro os astros chames,  
Por mais que sua luz o sol te empreste,  
Seu ouro a terra, o céu a immensidade,  
Os rios a corrente, os campos flores,  
Suas azas a raio, os sons a lyra,  
E a noite seu mysterio, alfim si tudo  
Envocado por ti, a ti se unisse,  
Não poderas ainda em teus transportes  
Os louvores tecer do Omnipotente!

Mas, oh Deos, que missão tens confiado  
A este fraco ser, que sobre a terra  
Entre os mais seres como um rei se ostenta,  
E unico para ti erguendo os olhos,  
Parece teu rival? Missão augusta

É sem dúvida a sua; e o seu destino  
Não é o d' alimaria!... A Natureza  
Obedece a seu mando, como si elle  
Entre Deos, e a terra collocado,  
Orgam fosse das leis da Providencia.

Quem a elle se oppõe? — Embalde o Oceano  
Com cem braços separa os continentes.  
O homem desthrona os robres, e os pinheiros  
Das fragas da montanha, ousado os lança  
Sobre a cerviz do Oceano, enfreia os ventos,  
E assoberbando as vagas furibundas,  
Que ante seu genio quebram-se gemendo,  
Domina, e calca o tumido elemento,  
E atravessa de um pólo a outro pólo,  
Como atravessa os arcs veloz aguia.  
Aqui bramando, um rio se devolve,  
Qual serpente feroz medo incutindo;  
Co' uma arcada de pedra o homem cobre-o;  
Elle a derruba? — nova arcada o doma.

Como gigantes firmes, alinhados,  
Para impedir-lhe a marcha, as fronte erguem

Enormes Alpes, açoutando as nuvens  
Co' a corôa de gelo, e co' os pennachos  
De branca carambina, e verdes selvas;  
Não retrograda o homem, não desmaia!  
Quando sobre a cimeira o sol se encosta,  
E a vista estende á profundez do valle,  
O sol ja no arduo afan vencendo o enxerga;  
Quando transmonta o sol, o homem dá tregoa,  
E descança na ja vencida estrada!  
De dia em dia assim prosegue ovante;  
Ora esbrôa um cabeça mais supino,  
E co' as ruinas desse outro nivela;  
Ora sóbe, ora desce, ora torneia,  
Ora penetra a rigidez do monte,  
Como a setta do Indio os ares rompe,  
E a noite das abóbadas varando,  
D' outro lado vai ver o céo, e o dia!  
Quem tu és? Quem tu és, que podes tanto?

Tu convertes os bosques em cidades;  
Marcas do sol o gyro, e o dos cometas;  
Do povo alado as regiões exploras;  
Nem no mar a baleia está segura,

Nem nas espessas selvas o elephante!  
Quem tu és? Quem tu és, que podes tanto?

Toda a terra está cheia com teu nome;  
Um seculo transmite a outro seculo  
Dos teus feitos a historia portentosa;  
Tu só marchas, tu só te desenvolves,  
E inda não recuaste de fadiga!  
Com que signal sellou a tua fronte  
A mão do Criador? — Donde descendes?  
Quem tu és? Quem tu és, que podes tanto?

Não, não és para mim mais um enigma!  
Conheço a origem tua, e o teu destino  
Tua missão conheço sobre a terra.  
A Natureza toda te respeita  
Porque és do Criador a obra prima,  
Porque transluz em tí o seu transumplo.

Não é á força tua que se curva  
A terra, que si á força se curvasse,  
Seria o elephante o rei da terra.  
É á tua sublime intelligencia,

É a Deos, só a Deos, que tu reflectes,  
Como do sol a luz reflecte a lua.

Nas barreiras da morte tudo esbarra,  
Menos o homem, que atravessa airoso,  
Ahi o mortal corpo abandonando,  
Para no seio entrar da Eternidade;  
Assim o viajor o pó sacode,  
E deixa o companheiro de viagem  
Manto todo coberto de poeira,  
Quando á cidade desejada chega.  
A alma não morre, porque Deos não morre.

Assás, oh Deos, o homem sobre a terra  
Revela teu poder, tua grandeza.  
A Razão, és tu mesmo; — a liberdade,  
Com que prendaste o homem, não, não póde  
Dominar a Razão, que te proclama!  
Si muda para mim fosse a Natura,  
Na Razão que me aclara, e não é minha,  
Senhor, tua existencia eu descobrira.

Eu te venero, oh Deos da Humanidade!  
Meu amor o que tem para offertar-te?

Digno de ti só tem minha alma um hymno,  
E esse hymno, oh meu Senhor, é o teu Nome!

Que póde o homem dar a quem dá tudo?  
Só em meu coração suspiros tenho,  
Suspiros para todos os momentos.  
De ti, Senhor, minha alma necessita,  
Como de luz meus olhos, de ar meu peito.  
E si me é dado a ti subir meus votos,  
Si é dado pela mãe pedir um filho,  
Võem meus votos sobre as igneas azas  
Do sol, e tu, Senhor, propicio attende :  
Nada por mim, por minha Patria tudo;  
Fados brilhantes ao Brasil concede.

V.

**A PHANTASIA.**

Para dourar a existencia  
Deos nos dêo a phantasia;  
Quadro vivo , que nos falla ,  
D' alma profunda harmonia.

Como um suave perfume ,  
Que com tudo se mistura ;  
Como o sol que flores cria ,  
E enche de vida a natura.

Como a lampada do templo  
Nas trevas sozinha véla,  
Mas si volta a luz do dia  
Não se apaga, e sempre é bella.

Dos páis, do amigo na ausencia,  
Ella conserva a lembrança,  
Aviva passados gozos,  
E em nós desperta a esperanza.

Por ella sonho acordado,  
Subo ao céo, mil mundos géro;  
Por ella ás vezes dormindo  
Mais feliz me considero.

Por ella, meu caro Lima,  
Vivirás sempre commigo;  
Por ella sempre a teu lado  
Estará o teu amigo.





VI.

O CHRISTIANISMO.

---

NA CATHEDRAL DE MILÃO.

Mal que á Natura se abre a intelligencia,  
E o primo pensamento a alma desperta,  
Logo a idéa de Deos d'ella se apossa,  
E a origem sua, e o seu destino aclara.

Subito um fogo , mais que o sol brilhante  
Que as gerações dos tropicos abrasa ,  
Mais vehemente que os vulcões da terra ,  
N' alma se ateia , fogo inexhaurivel ,

Casto fogo de amor, que interno a lavra,  
E a Deos a sóbe em espontaneo culto.

Não, o medo não foi quem sobre a terra  
Os joelhos dobrou do homem primeiro,  
E as mãos aos céos erguêo-lhe! Não, o medo  
Não foi o criador da Divindade!  
Foi o espanto, o amor, a consciencia,  
E a sublime effusão d' alma, e sentidos!  
Vio o homem seu Deos por toda parte,  
E sua alma exaltou-se de alegria.

Mas no amoroso extasis não pára,  
A interna adoração só lhe não basta,  
Não se farta de amor, que amor sagrado  
É invencível, poderosa força,  
Que o espirito levanta ao infinito,  
Como a attracção os orbes equilibra  
Na immensidade, á que escapar não podem.  
Deve o espaço conter a sacra imagem  
De sua adoração, devem os filhos,  
Os netos devem nas futuras eras,  
Vendo esta imagem, adorar o Eterno.

Mas, oh homem, que ousado intento é este?  
Erguer um templo a Deos!... Que! porventura  
Templo o espaço não é digno do Eterno?  
As montanhas, o mar, os céos, os astros  
Assás não ornam do Senhor o templo?  
Ou temes que em tão vasto sanctuario,  
Nesse profundo abysmo do infinito,  
Vel-o teus olhos míopes não possam?  
Como possível é que espaço estreito  
Abranja o Criador, que enche o Universo?  
Mas pagas um tributo; — Elle to aceita.

Obreiro do Senhor, eia, trabalha,  
Sem descanso trabalha dia, e noite;  
Que teu Deos não repousa um só instante,  
Para a ordem manter de tantos mundos.  
Ah si elle um só minuto repousasse,  
Que seria de ti, deste Universo?

Alfim teu templo ergueste; reuniste  
Tudo que ha de mais bello sobre a terra,  
E sec'los no trabalho se passaram!  
Tudo aqui falla, tudo aqui revela

A força occulta que sustenta o homem,  
E o destino immortal na Eternidade.

A rigidez do marmor, e a brancura  
Duração, e pureza symbolisam;  
A larga base, a altura, a esbelta fórma,  
A agulha, cuja ponta as nuvens rompe,  
E parece querer fugir do espaço;  
A aurea Virgem, que brilha em seu fastigio,  
E este povo de estatuas, que a rodeiam,  
Todas de branco marmore polido,  
Que a gloria do Senhor perenne cantam;  
Tudo, emfim tudo sem cessar proclama,  
Que o pensamento que tão alto vôa,  
Que o pensamento que taes obras cria,  
Que o pensamento que só Deos concebe,  
Tem no tempo a existencia, e não se curva  
A lei que rege o habitador do espaço.  
Tão simples como Deos, donde elle emana,  
Não se aniquila como bruta mole;  
Mas em louvor sem fim, a Deos unido,  
Vive eternal em toda a Eternidade.

Assim é que o espirito celeste,  
Que a massa humana ~~anima~~, e n'ella impera,  
De seu Deos concebendo a idéa ~~pura~~,  
Da terra se desprende, se sublima,  
E do sagrado amor nas igneas azas  
Sóbe ao seio do Eterno, ~~que~~ o gerára.

Assim é que das lampadas do templo  
Pyramides de fogo se levantam,  
E se perdem nos ares, ~~qual~~ se perde  
O pensamento humano no infinito.

Sancta Religião, sublime, ~~augusta~~,  
Tu a idéa de Deos esclareceste,  
Idéa que, nas trevas que involviam  
A alma humana, brilhou como um relampo.  
Divina inspiração, tu só ~~podias~~  
O espirito subir ao seu Princípio,  
A despeito do mundo, e ~~dos~~ sentidos  
Nem sempre verdadeiros. ~~Tu~~ revelas  
Sacras verdades aos humanos ~~uteis~~,  
Que fóra de teu gremio ~~embalde~~ o homem  
Orgulhoso procura; ao desgraçado

Occulta mão estendes caridosa :  
Sempre consoladora, affavel sempre,  
Que mal ha-hi, que em ti cura não ache?

Ao som de tua voz mysteriosa  
Os errantes selvagens suspenderam  
As mãos de sangue tintas, e prostrados  
Sobre a terra, até-li inculta e brava,  
A insólita voz tua repetiram  
Em espontaneo arroubo. — A Natureza  
Rio-se então, quando vio pela vez prima  
Um homem abraçar o outro homem,  
E em soccorro commum viver jurarem.

Quiz o homem tecer ôs teus louvores,  
E a primeira palavra foi um hymno,  
O primeiro discurso Poesia.  
E o homem, que até-li solto vagava,  
Fraco, impotente entre animaes ferozes,  
Pelo mystico cantico attrahido,  
A bronca penedia abandonando,  
A viver começou em sociedade.

O genio então nascêo! — Qual para o mundo  
Entre os astros o sol mais claro brilha,  
E aos outros astros sua luz envia,  
Deos o genio accendêo entre mil almas,  
Para ser o fanal da Humanidade.

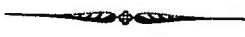
Sancta Religião, amor divino,  
Que beneficios sobre a terra espalhas!  
Quanto é mysterioso o Ser que inflammas!  
De quanto elle é capaz! Vejo donzellas,  
Roboradas por ti, vencer a morte!  
Vejo feros tyrannos desthronados,  
Vejo Nações erguidas, e cidades,  
Seus louros a teus pés heróes depõem,  
As Sciencias, e as Artes florecentes,  
Firme a Moral, as Leis, a Liberdade,  
E a Humanidade inteira que te abraça,  
E te proclama como Mãe de tudo.

Oh das Religiões a mais perfeita,  
Oh unica de Deos, e do homem digna!  
Religião plantada no Calvario,  
E co' o sangue do Christo alimentada!

Religião de amor, de paz, de vida!  
Tu, que civilisaste a Europa toda,  
E primeira na America lançaste  
O germen da grandeza, á que ella aspira;  
Tu, que marcas de Deos a magestade,  
Os direitos do homem sobre a terra,  
E o seu porvir sublime além da morte;  
Tu, que aclaras os povos, e co' os povos  
De progresso em progresso ovante marchas,  
Como a mãe que acompanha o caro filho,  
Sem que a tua divina essencia percas;  
Teus ineffaveis dons benigna espalha  
Sobre os filhos dos homens, sempre.... sempre.

Religião, inflamma, e purifica  
Meus pensamentos, e conforto presta  
Ao infeliz peregrino que te invoca,  
E que só em teu gremio paz encontra.

Milão, 17 de outubro 1834.





VII.

A INFANCIA.

Oh minha infancia ! Oh estação de flores !  
De innocente illusão alva saudosa !  
    Inda hoje te apresentas  
Ante mim , como a imagem deleitosa  
De um sonho que incantou-me a phantasia,  
Ou como a aurora de um formoso dia.

Oh da infancia attractivos lisonjeiros !  
    Mentirosos affectos !  
Com que prazer amigos passageiros ,  
Innumeros , na infancia contrahimos !

E quão faceis após os repellimos,  
De ligeiras palavras agastados.

Oh como é lindo  
O tenro arbusto  
Na primavera !  
Como parece  
Que se está rindo,  
Quando o balança  
Zephiro brando ;  
Quando descança  
Sobre os seus ramos  
O passarinho,  
E modulando  
Doces reclusos,  
Vai o ar visinho  
Harmonizando !

Como é bello esmaltado de flores,  
Exhalando balsamico aroma ;  
D'elle em torno voltejam amores,  
E se escondem debaixo da coma.

Mas eis que o adusto  
Vento do norte,  
Soprando forte,  
Ja o abala ;  
O tenro arbusto  
Neste tormento  
Todo se dobra ;  
A verde gala  
Amarellece ;  
E o duro vento ,  
Que em furia cresce ,  
Vai arrancando  
Folha por folha ,  
E sobre a terra  
Seccas lançando ;  
Té que despido  
O deixa emfim.  
O tempo assim  
Nos vai roubando  
Gratos prazeres  
Da tenra idade ,  
Quantos amigos  
A infancia tem ;

Até que vem  
A puberdade  
Com seus perigos ;  
E desta sorte  
Chega a velhice ,  
Tronco gelado ,  
Desamparado ;  
Até que a morte ,  
Como um tufão ,  
Lança-o no chão !

Oh quão perto a velhice está da infancia !  
E quão perto da infancia a morte adeja !

Genebra, outubro de 1834.

## VIII.

### PRECES DA INFANCIA.

Vós me vedes, Deos Eterno ,  
Como eu sou tão pequenina ;  
Minha alma é inda innocente ,  
Tão pura como a bonina .

Debeis como minhas vozes  
São inda meus pensamentos ;  
Do mundo nada conheço ,  
Nem prazeres, nem tormentos .

Qual tenro botão de rosa  
Que á sombra da rosa cresce,  
Sem temer o vento, e a chuva  
De um frouxo raio se aquece.

Mas pouco a pouco crescendo,  
Desabrocha, e cheiro exhala,  
Orna o prado que a sustenta,  
E da roseira é a gala.

Assim eu fillinha tenra,  
A meus páis devo esta vida;  
A seu lado elles me educam,  
Por elles serei querida.

Hoje innocente me chamam !  
Oh como é bella a innocencia  
É a virtude dos Anjos,  
É das virgens a sciencia.

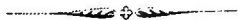
Vós, oh Deos, que podeis tudo  
Concedei-me por piedade  
Que este aroma da innocencia  
Me acompanhe em toda idade.

Oh meu Deos, dai á minha alma  
Puro e sancto pensamento,  
Como o perfume do templo,  
Que sóbe ao vosso aposento.

Dai a meus páis longa vida,  
E áquelles que á minha infancia  
Prestam soccorros continuos  
Com tanto amor e constancia.

Que felizes, que ditosos  
Por vós, oh Deos, protegidos,  
Passem seus dias, seus annos  
Como astros, sem ser sentidos.

Vigoraí minha fraqueza  
Co' a vossa sabedoria.  
Oh Deos, ouvi minhas preces,  
Escutai-me neste dia.



IX.

A MOCIDADE

Gigante do porvir, oh Mocidade,  
Erguei a fronte altiva  
Entre as brancas cabeças da velhice,  
Como ao sopro vital da primavera  
O pimpolho gentil se-desabrocha  
Entre os já seccos e curvados troncos.

Subi em sacro arroubo a mente vossa,  
Como uma labareda;  
Contemplai o passado;  
Em silencio o futuro vos aguarda,  
E o presente se curva ao vosso mando.



Deos em vós ateou do genio o fogo,  
Que a Humanidade guia,  
Como a estrella polar o navegante,  
Ou como a chammejante, ignea columna,  
Que o povo de Moysés guiou nos bosques;  
Sagrado fogo que jamais se extingue.

Em vosso coração palpita a vida,  
O brío, e a força os membros vos circulam,  
Flammeas azas vos dá o enthusiasmo,  
É vulcanica vossa alma,  
E d' aguia os olhos tendes,  
Com que medis o espaço, o céu, e o globo.

A terra vos pertence, oh Mocidade!  
Por vós renasce o mundo a todo o instante,  
Por vós resplende juventude a terra;  
Não envelhece o céu, nem as estrellas,  
Nem se encanece o sol no longo gyro.  
Em vós só se resume a Humanidade,  
Que a passos graves ao través dos evos  
Ovante marcha sempre fresca e joven.

Para vós o passado é muda estatua,  
 Que o grande livro aponta,  
 Onde a verdade, e o erro se confundem,  
 Bem como o ouro, e o esmeril no antro da terra.  
 Os seculos sellaram esse livro,  
 Quando n'elle seus fastos transcreveram.  
 Eis a pagina branca,  
 Que aguarda os feitos vossos;  
 Meditai, meditai, antes de enche-la!

Quando ja fatigados do caminho,  
 Sobre a pedra da tumba repousardes,  
 Avante marcharão os filhos vossos;  
 E esse livro tomando-vos, um dia  
 Irão saber o que seus Páís fizeram.

Qual é vossa missão? Qual vossa idéa?  
 Oh Mocidade, um só caminho existe,  
 Um só trilhar vos cumpre,  
 Si vos apraz o bem, si o bem vos chama.  
 É longa a estrada, asperrima e difficil!  
 Mas um Astro em seu fim claro rutila,  
 Permanente pharol que a cor não muda;

Olhai, — vêde-o ao través do nevoeiro,  
 Que ante vós remuínha,  
 Como elle immovel sua luz espargê!  
 Esse Astro é Deos! — Oh Mocidade, a Elle!  
 Ah não retrogradeis, — a Elle, a Elle.

Vêdes vós como se ergue encapellado  
 Ante a convulsa proa o mar em montes?  
 Vêdes a nuvem que no céo negreja?  
 O sol que empallidece? — Ouvis os roncões  
 De horridos ventos que nos ares trôam?  
 O raio crepitante que espedaça  
 Vélas, e mastro? a náó, que soluçando,  
 Qual nas vascas da morte o moribundo,  
 Nos vaivens sóbe, desce, e se debate,  
 Perde o rumo, sem tino á esmo vaga,  
 Roça no escolho a quilha, alli recûa,  
 Ao capricho dos ventos, e das vagas,  
 Té que sanctelmo lhe illumine o tope,  
 E do naufragio a salve?  
 Tal é da Humanidade o fido emblema!  
 Tal sua marcha foi, tal é ainda,  
 Por mil contrarios ventos combatida!

Porém máo-grado a furia, e a tempestade,  
A Humanidade marcha; — e Deos a guia.

Forceja a humana industria  
Para domar o mar, pôr freio aos ares;  
Talvez um dia os ares assoberbe,  
Até-qui indomaveis;  
E ás suas leis submissos,  
Tambem os ares, desdobrando as azas,  
No espaço o Genio vencedor transportem.

E porque não será melhor um dia  
Do que até hoje foi a Humanidade?  
Si Deos mil vezes a salvou da morte,  
Somente agora a deixará sozinha,  
Antes de realisar a augusta idéa,  
Que é sua vida, e pela qual só lucha?

Qual é a grande idéa,  
Que nem mesmo nos mais crueis revezes  
Jamais abandonou a Humanidade?  
A perfeição, o bem! — Ah não me illudo!  
Vossa idéa será vosso destino;

Innata idéa só do Eterno herdastes ,  
Deos em vós a gravou ; verace é ella.

Erguei os olhos vossos ,  
E cravai-os no céo , oh Mocidade !  
Vêde o astro da ecliptica ,  
Que gyrando no centro do Universo ,  
A terra vivifica ,  
A terra que vos nutre , opaca mole  
Que por elle de luz se adorna , e esmalta ?  
Em torno ao sol em perennal cadencia  
Outros astros satellites gravitam ,  
Sem deslizar das orbitas traçadas  
Pelo compasso eterno !  
Eis o physico mundo ,  
Emblema de outro , mais sublime ainda ,  
Cujo Sol sempiterno enche o Universo .  
Vossa alma é um satellite desse Astro ,  
E sem a sua luz ella não fulge ;  
Semilhante ao planeta que vos nutre ,  
Que na ausencia do sol morto negreja .  
Mas deste Astro , que excede á mortal vista ,  
Sabeis acaso o Nome ?

Perguntai ás estrellas que alcatifam  
 Os degráos de seu solio ;  
 Perguntai ao trovão, ao raio, ás ondas,  
 A terra perguntai, á aguiã celeste,  
 E ao verme que rasteja :  
 Jehová, Adonai, Deos, Harmonia,  
 Eis o Sol de vossa alma.

Por elle só viveis. Ah! si um instante  
 Em centrifugo vortice deixardes  
 O sulco de seu dedo,  
 Desgarrada, e sem lei, como um metéoro,  
 Vos perdereis no espaço.

Gigante do porvir, oh Mocidade,  
 Aprendei a entoar de Deos o Nome ;  
 Cantai, cantai da Juventude o hymno,  
 Marchai, louvando do Sênhor a gloria,  
 Como nos bosques de Israel os filhos.  
 Ante vós fugirão espavoridos  
 Tyrannos inimigos ;  
 O mar recuará as ondas suas,  
 E os montes vos darão doces torrentes.

Olhai, ah vêde a promettida terra!  
Eil-a! Marchai ovante.  
Cantai, magnificai de Deos o Nome.

Entòa, oh minha alma,  
Um hymno ao Senhor,  
Um hymno de gloria.  
Ao teu Criador.

A luz que te aclara,  
É d'Elle emanada,  
E a tua linguagem  
Por Elle inspirada.

Embalde procuras  
O bem sobre a terra;  
O bem que desejas,  
Só n' Elle se encerra.

No meio das ondas  
O nauta mais forte  
Pergunta ás estrellas  
Qual é o seu norte.

Si o vento enfurece ,  
Si o mar se exaspera ,  
Invoca seu Nome ,  
E salvar-se espera.

Si tu sempre attenta  
Seu mando escutares ,  
E por seus dictames  
Fiel te guiares :

Que haverá que possa  
Roubar-te a victoria ?  
O bem terás certo ,  
Terás certa a gloria.

Entôa , oh minha alma ,  
Um hymno ao Senhor ,  
Um hymno de gloria  
Ao teu Criador.

---

E vós da Patria minha , oh Mocidade ,  
De quem os feitos celebrar desejo...



Mas porque um suspiro inopinado

O canto me interrompe?...

Porque se apagam de meu genio as azas ,

Que expandidas nos ares flammejavam ,

E esmorecidas caiem , qual ferida

Pela setta do Indio

Süberba arára , no celeste vôo ,

Em vortices gemendo baixa á terra ?

Oh Mocidade , ouvi , não meus accentos ,

Mas a voz da verdade ,

Que em minha alma treveja ,

E me abala dos ossos a medulla.

Vós sois como uma flor não bafejada

Pelo sopro vital da primavera ,

Que mal nascida , languida se inclina.

As lagrimas do misero captivo

Caíram sobre vós , quando embalaram

Vosso berço seus braços ;

Sangue do captiveiro alimentou-vos ;

O vicio d'elle herdastes ,

Senhores vos julgais , e sois escravos.

Entre feras nutrido , é fera o homem ;

Doctrinado entre servos ,  
Afeito ao mando , a Liberdade odeia ,  
E o peito se endurece.  
E vós cuidais ser livres !  
Por vós , por vós só fallo , oh Mocidade !  
Ah não me detesteis ; máo-grado vosso  
O mal herdastes ; — mas o mal tem cura.

Ah quando bons costumes ,  
Pura Moral , amor nobre e celeste  
Vos tomarão no berço ?  
Ah quando , ah quando a sã Philosophia ,  
Sobre vós seus fulgores espargindo ,  
Destronará a tumida indolencia ,  
Que o vosso clima infesta ,  
E as portas á Sciencia , e ás Artes feixa ?  
O Egoismo , que só para sí olha ,  
Tudo em sí concentrando ,  
E os laços quebra que os humanos ligam  
Em fraternal amplexo ,  
Quando , de vós fugindo , aos vossos olhos  
Deixará que paixões que alma ennobrecem ,  
Sublimes resplandeçam ?

Alerta, oh Mocidade!  
A Patria por vós chama.  
Mostrai que da verdade  
Sancto amor vos inflamma.

Alerta! erguei a fronte,  
Medí vosso terreno;  
E o valle, e o prado, e o monte  
Se dobre ao vosso aceno.

Não diga o estrangeiro,  
Que vê tantas bellezas,  
Que o povo Brasileiro  
É pobre entre riquezas.

Bani tanta vaidade;  
Sciencia, Industria, e Artes  
São só da Liberdade  
Os firmes baluartes.

Erguei-vos, e sem susto  
Luctai com o erro futil;  
Amai tudo que é justo,  
Sancto, sublime, e util.

Alerta, oh Mocidade!  
A Patria por vós chama.  
Mostrai que da verdade  
Sancto amor vos inflamma.

Pariz, Dezembro de 1835.



X.

## A VELHICE.

Longa foi a viagem ;  
Assás luctastes ; descançai agora.

Depois de haver vingado alpestre monte  
Desde o albor da manhã , o peregrino  
Afadigado desce ,  
E envolto em trevas vai pousar no valle.

Por vós assás auroras madrugaram ;  
Por vós luas assás alvas luziram ;  
Assás de flores esmaltou-se a terra ,  
E de fructos as arvores copadas .

Sim , sim , assás gozastes ;  
Mas uma voz vos chama , e vos diz : — basta .

Basta ! — A hora soou ; abre-se a campa ,  
E o sopro do seu antro ,  
Como o vapor da canica caverna  
Nas margens do sombrio Aniãno lago <sup>1</sup>  
Da vida vos apaga a tenue flamma .

Para vós basta , oh Velhice !  
Inda o sol tem resplendores ,  
Inda a noite tem estrellas ,  
Inda a lua alvos fulgores .

Inda os prados reverdecem  
E de florzinhas se arreiam ;  
Inda , suspensos nos ramos ,  
Os passarinhos gorgeliam .

Inda o zephiro sereno  
Cheio de aroma, e doçura,  
Fruindo o nectar das flores,  
Na madrugada murmura.

Inda a cascata ruidosa  
Entre seixos se despenha;  
Inda o som da sua quêda  
Resôa ao longe na brenha.

Inda os regatos deslizam,  
As feras nos bosques rugem,  
E lambendo a branca areia,  
Nas praias as ondas mugem.

Tudo vida inda respira;  
A terra não stá mudada;  
Vós só marchais, oh Velhice,  
Triste, debil e curvada.

Vossos olhos se feixaram  
Ao quadro da Natureza;  
Em torno de vós só gyram  
A morte, o horror, e a tristeza.

Tudo em seu morno silencio  
Agora vos annuncia  
Que a noite só vos pertence,  
Que para vós vai-se o dia.

A noite eterna vos estende os braços,  
Ah! preparai-vos para o somno eterno.

Basta! — É hora das preces.  
Funéreo som no templo os bronzes vibram,  
E o echo seu parece dizer — morte!

Sob o peso da fronte encanecida,  
Já se curva e vacilla o vosso porte,  
Qual co' os flocos de neve a fragil hastea;  
Entoastes o cantico da vida,  
Entoai vosso cantico de morte;

Como o candido cysne,  
Que indo descer á escuridão do lago,  
Cantando diz-lhe adeos na fatal hora,  
Para nunca mais ver raiar a aurora.

Basta! — É hora das preces, oh Velhice!  
Para o mundo acabastes.



Vossa alma resgatai do barro impuro ;  
O céo , que alma vos dêo , péde vossa alma ,  
E a terra vosso corpo está pedindo ;  
Ah ! dai á terra o que vos dêo a terra !

Mas ah , não choreis !  
E porque chorais ?  
Si vós não sabeis  
Nem o que ganhais ,  
Nem o que perdeis .

Perdeis a terra , é certo ; mas que importa ,  
Si celeste esperança vos conforta !

Viver é sonhar ,  
Sonhar é dormir ;  
Deveis acordar ,  
Para ao céo subir ,  
E no céo velar .

Acordai ; socegai o afflicto peito ,  
Que ides deixar o amargurado leito .

O pranto enxugai ,  
Bani o temor ;

O Nome então  
Do Eterno Senhor ;  
E a Elle voai.  
Vossa bençam lançai á Mocidade ,  
Que vai na lucta entrar da Humanidade.

Pariz , Janeiro de 1836.



XI.

A BELLEZA.

Oh Belleza! Oh potencia invencivel,  
Que na terra despotica imperas;  
    Si vibras teus olhos  
    Quaes duas esferas,  
Quem resiste a seu fogo terrivel?

Oh Belleza! Oh celeste harmonia,  
Doce aroma, que as almas fascina;  
    Si exhalas suave  
    Tua voz divina,  
Tudo, tudo a teus pés se extasia.

A velhice , do mundo cançada ,  
A teu mando resiste somente ;  
    Porêm que te importa  
    A voz impotente ,  
Que se perde , sem ser escutada ?

Diga embora que o teu juramento  
Não merece a menor confiança ;  
    Que a tua firmeza  
    Stá só na mudança ;  
Que os teus votos são folhas ao vento .

Tudo sei ; mas si tu te mostrares  
Ante mim como um astro radiante ,  
    De tudo esquecido ,  
    Nesse mesmo instante ,  
Farei tudo o que tu me ordenares ,

Si até hoje remisso não arde  
Em teu fogo amoroso meu peito ,  
    De estoica dureza  
    Não é isto effeito ;  
Teu vassallo serei cedo ou tarde .

Infeliz tenho sido até-gora ,  
Que a meus olhos te mostras severa ;  
    Nem gózo a ventura ,  
    Que góza uma fera ;  
Entretanto ninguem mais te adora .

Eu te adoro como o Anjo celeste ,  
Que da vida os tormentos acalma ;  
    Oh vida da vida ,  
    Oh alma desta alma ,  
Um teu riso sequer me não déste !

Minha lyra que triste resôa ,  
Minha lyra por ti desprezada ,  
    Assim mesmo triste ,  
    Assim malfadada ,  
Teu poder , teus incantos pregôa .

Oh belleza , meus dias bafeja ,  
Em teu fogo minha alma devora ;  
    Verás de que modo  
    Meu peito te adora ,  
E que incenso offertar-te deseja .

XII.

O MYSTERIO.

O sol empallidece, o céu se enlucta,  
O raio despedaça o véo do Templo,  
Soltos trovões rebramam;  
De espanto, e horror a Natureza geme,  
Chora Jerusalem, tremem seus muros,  
E estupefacto o povo  
Entre o riso e o terror sem tino vaga.

Que sublime mysterio o Eterno Padre  
Revolve em sua mente?

Que grande sacrificio o céo consumma?  
Quem é Esse que expira no Calvario  
    Entre dous criminosos,  
Nos braços de uma Cruz, com rosto brando,  
Como si o fel da morte não provasse?

O monte que supporta o peso ingente  
Suspira a cada gota desse sangue,  
Que o rega, e cai-lhe dos feridos membros  
    Da victima sublime.

Quem é Esse, de quem o céo, e os astros  
    A morte estão carpindo?

Não, não é um mortal! — Razão altiva,  
Em vão procuras occultar seu Nome!  
É o Filho de Deos, que sobre a terra  
Espalhou a Moral pura e celeste,

    Aos homens ensinando  
A verdade, o amor, e o soffrimento.  
Só o Filho de Deos na Cruz podia  
Soffrer por nosso amor esse tormento.

    Homens degenerados  
Sem pejo aos pés de deoses se prostravam

Tão infames como elles.  
Corria humano sangue sobre as aras  
Em sacrificio á vil hypocrisia  
De oraculo fingido;  
E as impias mãos de um impostor sagrado,  
Nas palpitantes visceras pousando,  
Iam depois queimar o incenso impuro  
Ante o altar do crime endeosado.

Tudo do engano as trevas encobriam;  
Só despotas raivosos  
A seu grado reinavam;  
E nas publicas praças, e nos circos  
Só escravos em ocio pão pediam.

Como de vaga em vaga repellidos  
Os restos do naufragio,  
Vão na areia encalhar, tal parecia  
Que a Humanidade ao fim tocado havia.

No meio deste horror eis que apparece,  
Como um iris de paz, do Eterno o Filho.  
O erro confundido,



Procura em vão lutar. Embalde se erguem  
Fogueiras aos Christãos. Espavorido  
Vê o sedento algoz imbelles virgens  
Com os olhos no céo vencer a morte;  
E das tremulas mãos por terra cáiem  
    A sanguineas bipennes;  
Os falsos deoses dos altares saíem;  
E sobre o Capitolio a Cruz se eleva,  
Como o signal da redempção do mundo.  
    Victoria, os céos entoam,  
    Victoria á Humanidade!  
O Christo do Senhor descêo á terra,  
E aos homens ensinou a sã verdade.

Roma, 17 de Abril 1835.

---

XIII.

UM PASSEIO AS TUILERIAS.

Eis-me no mundo!... Aqui presente o tenho  
Todo, tal como elle é, em breve quadro!  
Aqui os homens o prazer procuram,  
E mil vezes aqui a dor encontram.

Nestas ruas de flores,  
Confundidos os sexos, as idades,  
E o vicio confundido co' a virtude,  
Se encontram, se abalroam.  
Debaixo destas arvores em renques,  
Qu' inda ha pouco de gala se cobriam,

E já empallidecem só co'o sopro  
Longe do inverno, como reis de um dia,  
    O fido amante espera  
    A retardia amada.  
Meditabundo aqui passeia o sabio,  
    E inspirações recebe;  
Aqui o velho ao sol as cans aquece;  
E vê correr o infante após seu arco,  
    Inquieto e afanado,  
Como após a Fortuna corre o adulto.

Aqui sobre esta pedra solitario  
O candido Filinto repousava,  
Chorando a Patria, que lhe fôra ingrata,  
E, máo-grado a injustiça, amando-a sempre.  
Co' os Martyres nas mãos, n'alma a poesia,  
    Aqui ao Luzo idioma  
Immortal monumento erguêo glorioso,  
Que ao lado dos Lusiadas sublimes,  
Parelhas correrá co' a eternidade.

Que immenso é o Universo! que infinito!  
E tu, Senhor, tu só n'um volver de olhos

Tudo vês, tudo alcanças!  
Como é este logar tão limitado!  
Entretanto o que o seu recinto abrange  
Meus olhos não distinguem.

Esta columna d'agua impetuosa,  
Que compellida esguicha, e no ar se curva  
Pelo vento açoutada,  
De um lado e de outro lado vacillante,  
Como um branco pennacho aos ares sôlto,  
E de poeira em fôrma  
Cái; e tranquilla jaz no largo tanque;  
Representa, oh mortal, a historia tua!  
Assim humilde nasce,  
Da terra assim te elevas arrojado,  
Assim te agita das paixões a furia,  
Assim pendes, e em pó no commum fosso  
Descanças, té que sôe a voz terrivel  
Do Archanjo do Senhor, no eterno dia.

Desde que no horizonte o sol fulgura,  
Té que a Noite, e o silencio se annunciam,  
Ondas de homens sobre ondas incessantes

Este recinto invadem.

De quatro lados sete portas francas ;  
E um só não vejo em vestes que o trabalho ,  
E a indigencia assignalem.

Tentais embalde entrar : — ide-vos , pobres ,  
Ide-vos , homens ao trabalho affeitos.

Ergueram , vossas mãos estas muralhas ,  
Vossas mãos estas portas fabricaram ,

Que hoje ante vós se feixam ;

Com o vosso suor foi amassada

A terra , que estas arvores sustenta ,  
Mas gozar não podeis da sombra d'ellas ;  
Vós deveis sementar ; outros que fruam.

Aqui vós não entraes : — ide-vos , pobres.

Como reproba assim por toda parte  
Com desprezo se expulsa a indigencia ,

Feio crime entre os homens !

Aquelle hontem beijava o pó da terra ,  
Hoje á custa de usura , e latrocinio ,  
Envernizado com pomposo nome ,

Grande , nobre se ostenta !

Tal a serpente em torcicollos chega

Arrastando-se ao cume de alto monte,  
Que o brioso animal vingar nem tenta.  
O mundo é sempre assim, é sempre o mesmo;  
Os esforços, os bens da sociedade  
São sempre para quem menos carece.

Entre estes arvoredos lá diviso

Do Gigante da terra

A Columna immortal, e a estatua egregia,

Qu' inda parece ameaçar o mundo.

Alli vejo domado, e curvo o orgulho

Dos despotas dos povos.

Alli a Liberdade

Sentada está no carro da victoria,

De louros coroada, mas sombria.

Alli vejo de Deos a omnipotencia,

Que ergue, quando lhe apraz, do pó um homem,

Para calcar dos Reis o sceptro, e o orgulho.

Alli vejo o valor, vejo a justiça;

Grecia, e Roma alli vejo n'um só Genio!

Seu corpo tem por tumulo um rochedo,

Onde continuamente o Oceano chora;

Seu grande nome a terra toda o sabe.

O palacio aqui está, de um rei morada.  
 Quantas recordações m'elle desperta!  
 Co' a mesma rapidez com que n'um sonho  
     As sombras se succedem,  
 Tal os fastos da historia se me antolham  
 Scena por scena em quadros animados.

Aqui Paraguassù, filha dos bosques,  
 Do esposo ao lado entrou extasiada,  
 Vendo a grandeza da Eùropéa còrte.  
 Um rei lhe dèò a mão; e uma rainha  
 Da bocca sua ouviu as maravilhas  
 Do seu caro Brasil, então deserto.  
 Ah saiamos daqui; que horriveis quadros  
 Me veem ora turbar a phantasia.

Marmoreos simulachros

Dos divinos heroes da Grecia, e Roma,  
 Descerrai vossos labios; pois que o genio  
 De bruta mole em homens convertêo-vos,  
 Fallai, por Deos fallai; eu vos conjuro;  
 Dizei-me si melhores do que os de hoje  
 Os mortaes foram das passadas éras.  
 Mas vós não respondeis; ficai, sois pedra

Esta escada subamos ;  
Como silencioso se desliza  
O outr'ora ovante Sena! Nem murmura!  
Como humilde atravessa estas arcadas!  
Não sois assim, da minha Patria oh rios!  
Oh Paraná, oh tumido Amasonas!  
Eu já te vi, oh Sena,  
Altivo assoberbar estas muralhas;  
Hoje mesquinho nem banhal-as podes :  
Hoje o ousado menino a ti se lança.  
De um desthronado rei és triste imagem;  
Sem pompa assim caminha desprezado  
Dos proprios seus, que o respeitaram, servos :  
Tudo assim é na terra!

No meio estou da capital do Mundo!  
Alli vejo dos sabios a morada\*,  
Aqui das leis o templo\*\*,  
Entre suas columnas vagueando  
Com talhe ameaçador se me afigura  
Do rival de Demosthenes o espectro.

O Instituto de França.

\*\* O Palacio do Camara dos Deputados.



Deste lado o obelisco magestoso,  
Que á terra estranha os homens transplantaram,  
Como um filho grosseiro dos desertos  
Entre um povo que os seculos poliram.

Sabes tu que logar marcar vieste?  
Sabes tu essa cor o que nos mostra?  
Esta terra que occupas foi outr'ora  
Logar do cadafalso! foi banhada  
Co' o sangue de Luiz, de um rei co' o sangue.

Mas o sol se retira,  
E já se enlucta o céo, e a Natureza.  
Porque todos alli vão reunir-se?  
Melodicos accentos de harmonia  
Meus ouvidos adoçam!  
Oh musica divina!  
És tu que attráhes os homens, que dispersos  
Sem ordem vagueavam.  
Do céo foi inspirado o que primeiro  
Um som com outro som cadenciando,  
Pôde dar o transumpto harmonioso  
De Deos, da Sociedade, e do Universo.

Já não vêdes, meus olhos; novas trevas  
Envolvem do Senhor as maravilhas.  
De dia em dia assim, de noite em noite,  
Horas, annos, e seculos se abysmam  
No seio da perpétua Eternidade.  
O homem nasce, e morre;  
Tu só, meu Deos, és grande.



XIV.

A TRISTEZA.

Triste sou como o salgueiro  
Solitario juncto ao lago,  
Que depois da tempestade  
Mostra dos raios o estrago.

De dia e noite sozinho  
Causa horror ao caminhante,  
Que nem mesmo á sombra sua  
Quer pousar um só instante.

Fatal lei da natureza  
Seccou minha alma e meu rosto;  
Profundo abysmo é meu peito  
De amargura e de desgosto.

Á ventura tão sonhada,  
Com que outr' ora me illudia,  
Adeos dice, o derradeiro,  
Té seu nome me angustia.

Do mundo já nada espero,  
Nem sei porque inda vivo!  
Só a esperança da morte  
Me causa algum lenitivo.

---

A AFFLIÇÃO.

Não, não é sangue; é fel envenenado,  
    Que em minhas veias gyra.

Não, não é vida; são espinhos hirtos,  
São hervados acúleos, que incessantes  
    O coração me pungem.

Não, não é ar; é o halito da morte,  
    Que o peito me comprime.

Não são do mundo as scenas que me envolvem  
    São as scenas do Inferno.

É possível, meu Deus, que tanto soffra  
Um misero mortal, e qu' inda viva?

Queres ver do teu servo  
A alma, de padecer já calejada,  
Sem murmurar, sem blasphemar té onde  
A paciencia leve?

Em mim acaso novo Job preparas?  
Ou o meu coração não é de humano,  
Ou a dor já o tem empedernido  
Co' o reiterado embate.

Oh meu Senhor, pequeno é o meu peito,  
Para conter um coração repleto  
De tantas afflicções, de angustias tantas.  
Tira-me a propria vida,  
Tira-me o sentimento,  
Ou com triplice lamina de ferro  
Fórta meu peito, e meus ouvidos cobre.

Oh dever de homem probó!  
Hei de eu como uma incude duros golpes  
Supportar insensível, sem queixar-me  
De quem martyrios taes sem dó me causa

Sem dó?..... E talvez mais; sem um remorso!

Tu Zeno, assim me ensinas;

Philosophia austera,

Eu sigo a tua lei, por ti me guio.

Oh que esforço é preciso

Na idade do prazer, e do interesse!

Eu chorei, e meus olhos se seccaram;

Nem mais em nova dor lagrimas novas

Terei para chorar; as dores todas

Fizeram-me tragar seus amargores;

Não ha mais dor que apresentar-me possa

Nova taça de acético veneno.

O triste solitario,

Que em aspero deserto transviado,

De improviso se vê acommettido

De crueis serpes, que o pescoço lhe atam,

E cravam-lhe no peito

Agudas presas de peçonha cheias,

É a horrivel imagem

Do estado meu, do meu duro martyrio.

Mas quem poderá crer-me?

Quem póde avaliar minhas angustias?  
Mimosos do prazer, eia, deixai-me;  
De vossa compaixão não necessito,  
    Vosso riso me offende.

Estala, oh coração, estala, acaba!  
    Não tens uma só fibra,  
Que ao golpe de uma dor não retinisse.  
Porque não deixas o meu corpo, oh alma?  
Que fogo de esperança inda te anima?  
Oh esperança, quasi que me foges!  
Não ha consolação para o infelice,  
Que longe de seus páis, da Patria longe,  
    Definha entre pezares.

Que, oh mundo, com dores só misturas  
As lições que nos dás? A experiencia  
    Só com dores se colhe,  
Como uma flor de espinhos guarnecida?  
São inuteis os livros, e os conselhos?  
    É tudo a experiencia?  
A experiencia é só quem nos ensina  
    A sciencia da vida?



Oh infantil vaidade!

Vós, oh jovens, cuidais que sabeis tudo,  
As paginas de um livro apenas lendo.  
Dos velhos desprezais os sãos conselhos,  
E orgulhosos dizeis : — Hoje a velhice  
Lições deve tomar da juventude;  
Hoje de nossos páis á cima estamos.  
Moço sou, como vós sabio julguei-me;  
Como vós illudi-me.

Hontem fagueira a sorte se mostrava,  
Ria-se a Natureza,  
E em sacros laços de amizade estreita  
Os bomens se apertavam.  
Hoje terrivel tempestade brama,  
Os homens se repellem, se debatem,  
Como rabidas féras nas florestas.

Mysterioso enigma,  
Inexplicavel Ser, capaz de tudo,  
Fonte de vicios, de virtudes fonte,  
Que edificas, que assolas, e que sempre  
De ruína em ruína ovante marchas,

Como um Genio de morte,  
Dize, o que és tu, oh homem!

Cala-se a Natureza, e só resôa  
Um grito doloroso  
Dos tumulos erguido,  
Como um gemido de agoureiro Mocho,  
Quando sobre destroços esvoaça.

No peito a dextra applico;  
Palpita o coração fraco e pausado,  
Attento escuto, as pulsações calcúlo;  
Não me agita o remorso,  
Nem espectros a noite me apresenta;  
E minha alma tranquilla na tormenta  
Como um firme penedo,  
Nem a sombra de um crime a entenebrece.  
Doce consolação de um peito afflicto!

Oh unico juiz incorruptivel,  
Oh meu Deos, ante quem brilha a verdade  
Mais clara do que o sol; a cujos olhos  
O mais pequeno verme iguala ao homem,

E a Natura descobre os seus arcanos ;  
Tu, que o meu coração penetrar podes ,  
Julga tu só, e vê si são meus erros  
Iguaes ás minhas dores.

Enganar-te, oh meu Deos, não póde o homem !  
Si feia iniquidade n'elle habita ,  
Si creço o que soffro, ah deixa, deixa  
Que os inimigos meus de mim se vinguem.  
Não me attendas, Senhor; meus áis despreza.

Deixa expiar meus erros  
Na terra, onde este pó ao mal me prende,  
Antes que eu suba ao tribunal eterno.  
Mas si falla a innocencia em meu soccorro,  
Mostra a verdade, salva-me, e absolve  
Aquelles que me infamam ;  
Que eu os perdòo, oh Deos; por ti o juro ;  
Sou Christão; — e o Christão soffre, e perdôa.



XVI.

A CONSOLAÇÃO.

Que tens? De que te queixas, desgraçado?  
É da Patria a saudade que te afflige?  
São os erros dos homens? São teus erros,  
Que pesam sobre ti? És criminoso?  
Aborreces a vida? A morte queres?

O qu' hei de eu responder? Não, oh meus labios,  
Não reveleis arcanos de minha alma,  
Não crimineis os homens;  
Queixas inuteis são; labios, calai-vos.  
A quem não sente o mal, que importa o alheio?

Não; não sou desgraçado. Estas profundas  
Dores que me aguilhoam d' alma os seios,  
São os signaes de uma lição do mundo.  
Sinto a dor, mas sou grato á Providencia,  
Que dest'arte me instrue, como mãe terna,  
Que só para ensinar o filho pune.

No mais íntimo d' alma o virtuoso  
Acha quem o console na desgraça.  
Desgraçado, és tu só, tu miseravel,  
Tu, que não do assassino o punhal temes,  
Mas o punhal da propria consciencia.

Lei é da Humanidade, e não do acaso;  
Soffrer, sempre soffrer é seu destino.  
A Natureza o homem bruto cria,  
    O mundo o aperfeiçôa  
    Com dores e trabalhos.  
Como se brunem com o attrito os seixos,  
    No revolver das ondas,  
Ou como no crisol, á chamma exposta,  
    Se purifica a prata,  
Dest'arte, entregue á dor, doma-se o homem.

O templo da verdade o erro escolta,  
Armado de punhaes, e de flagicios;  
E antes que a Humanidade entrever possa  
Um claro lume do seu divo rosto,

    Ali quantos são primeiro  
    Tristes victimas do erro,  
Servindo de degráos da luz ao ingresso!

Nossos olhos lancemos ao passado,  
E co' o fanal da historia descubramos  
Quantos martyrios nossos páis soffreram.  
Tudo o que vemos nada é mais que a lucta

    Da verdade, e do erro.

A verdade, que herdada hoje gozamos,  
Assás regada foi com sangue humano;  
Por nós dezoito seculos luctaram,  
E nós pelo porvir luctamos hoje.

    Não é fóra do mundo,  
Engolphado em prazeres que embriagam,  
Em brando leito languido estendido,  
Rodeado de escravas, que o incensam,  
Como um rei do Oriente; nem na meza  
De esplendido banquete, qual Lucullo,

Que se colhem lições da experiencia.  
Não; engana-se aquelle, que Epicuro  
Mal interpreta, e diz : Eia, gozemos;  
A vida no prazer cifra-se toda.

É nos carceres só, é nos perigos,  
Quando ao exilio marcha o justo Aristides,  
Quando Homero um chorado pão esmola,  
Quando no carcer Galileo medita,  
Quando do throno avito um rei baqueia;  
A experiencia então a voz levanta :  
Solon, Solon, Solon, bem m' o dizias!

Do passado a lembrança é morta idéa;  
A experiencia só, a experiencia,  
Dura, severa mestra,  
Por caminhos de dores, entre espinhos,  
Guia o incerto passo  
Do mortal que viaja sobre a terra.  
A dor é da verdade companheira;  
Quem busca a experiencia, a dor encontra.

Porque pois lamentar si a dor é util?  
Si ella é nuncia de um mal, de que nos cumpre

Fugir, ou evitar assaltos novos?  
O fogo que ao infante o dedo queima,  
A reflectir o ensina, enquanto os mimos  
Da terna mãe mil vezes o corrompem.

Oh desgraçado aquelle  
Que jamais supportou uma só mágoa,  
E que de gôzo em gôzo vê seus dias  
Correr tranquillamente;  
Como a flor nasce, e morre,  
Mas como a flor tambem nada conhece;  
Existe, mas não vive,  
Que é, sem dor, o prazer uma chimera.  
Para vermos a luz, que ancias, que dores  
Não soffrem nossas mães? Mas nesse instante  
As dores maternâes, nascendo, herdamos.  
Gloria, fama, saber dores nos custam;  
Até o ultimo expiro a dor nos segue;  
E quem sabe si á dor põe termo a morte?  
  
Como é feliz aquelle que levanta  
Seu espirito a Deos, e com fé pura,  
No meio da tormenta,  
Que o mundo sem cessar contra nós arma,



Do céo auxilio espera,  
Emquanto sem conforto, entregue á raiva,  
Blasphema o impio contra Deos, e os homens.

Feliz quem assoberba a iniqua sorte;  
E, para o consolar, acha a virtude,  
    Que benefica brilha,  
Como em negra soidão placido lume  
Alma esperança gera, promettendo  
Asylo ao peregrino afadigado.

Feliz, feliz mil vezes, quem tranquillo  
Não ouve o apuridar da consciencia,  
    E um só crime exprobrar-lhe!  
E no leito da paz, ou na masmorra,  
Não vê punhaes em sonhos, nem phantasmas.  
Mesmo quando os ruíns dores lhe causem,  
Como Guatemosino atado, e posto  
Sobre estendidas, chammejantes brasas,  
Com os olhos no céo, sereno exclama :  
    N'um leito estou de rosas!

Entre afiadas rodas, açoutado  
    Com laminas de ferro;

Na cadeia, no circo, e na fogueira,  
    Ou alvo da calunnia,  
O justo não stá só, Deos é com elle.  
Cadeias, circo, infamia, fogo, e morte,  
    Tudo supera o justo.

Como as nuvens pejudas de vapores  
    Exhalados da terra  
Do coruscante sol a face cobrem,  
E por um pouco a Natureza enluctam;  
Mas depois da tramenda tempestade,  
De mais bello setim o céo se arreia,  
E o sol raios dardeja mais brilhantes,  
Assim depois da angustia, e da calunnia  
A innocencia triumpha acrisolada.

    Ah! não nos lamentemos;  
Que quanto mais se soffre mais se alcança.  
A dor só para o iniquo é um tormento.  
    De Zeno as leis seguindo,  
Como si a não sentissimos, vivamos;  
Deos existe, e nos vê; Deos só nos julga.

Pariz, 5 de Septembro de 1834

XVII.

A VIDA DA INNOCENCIA.

A vida é placida e bella  
Para quem a não conhece,  
E na candida innocencia  
Qual puro jasmim florece.

É uma aurora rosada,  
Um sonho delicioso,  
Para quem o arcano ignora  
Deste mundo cavilloso.

É um mel suave e grato  
Para quem no lar paterno ,  
Co' a bençã dos seus maiores ,  
Recebe a bençã do Eterno.

É um celeste thesouro  
Para a tenra criatura ,  
Que vive como tu vives ,  
Vida dos Anjos tão pura.

Só vive assim a innocencia  
De Deos amada e querida !  
Oh innocencia ! oh perfume !  
Oh doce orvalho da vida !

Filha de páis virtuosos ,  
Luminosa é tua estrella !  
Vive para ornar o mundo ,  
Feliz , innocente e bella.

---

XVIII.

A SEPULTURA DE FILINTO ELYSIO,

NO CEMITERIO DO PÈRE LA CHAISE.

Eis-me fóra do mundo ,  
Nas solidões dos mortos ,  
No imperio do silencio , e da tristeza ,  
De campas , e cyprestes rodeado !

Scenas aqui não ha , que aprazer possam  
Aos sentidos daquelles , que embebidos  
Nas illusões do mundo , a morte temem ,

Como o completo termo da existencia;  
Cegos, que a luz não viram do infinito!

Á sombra destas arvores chorosas,  
Encostado a um sepulchro,  
Ocio não pasta o rico em sésta amena;  
Nem quem o vero bem no engano cifra  
Deste valle de angustias.

Á dor esta mansão é consagrada,  
E á saudade, e ás lagrimas dos vivos,  
Que a Deos, e á Eternidade a mente sobem.

Aqui, sim, oh minha alma, aqui te exalta;  
Sólta as prisões do barro que te opprime,  
E vaga sem horror na immensidade.

Estas ruas de tumulos suberbos,  
Que cidade figuram,  
Só corruptos cadaveres habitam,  
Pocira, nomes, e ossos descarnados.

Os mortos que nos marmores repousam,

Não te encham de terror ; nem os gemidos  
De alguma triste esposa , ou mãe saudosa ;  
    Nem do vento o murmûrio ,  
Que merencorio sôa entre os cyprestes .  
    Nada temas , minha alma ;  
Preconceitos da infancia te não gelem ;  
    Não ; sem susto vagueia ;  
    Mal não fazem os mortos ;  
Só entre os vivos o temor é justo .

    Oh Filinto ! oh Filinto !  
    Onde estás ?... Escutemos...  
Aqui nem mesmo os echos me respondem .  
Oh meu Filinto , é esta a vez terceira ,  
    Que incansavel te busco .  
De um em um tenho lido os epitaphios  
    Destas funebres lousas ;  
    O teu só não encontro .

Onde é que a ingratição da injusta Patria ,  
    Dessa Patria que honraste  
    Co' os teus divinos carmes ,  
Cavou-te a humilde sepultura ? — Onde ?

D' ella ausente, proscripto, na miseria,  
    Como Camões viveste;  
Saudoso, e só por ella suspirando,  
Monumentos ergueste á gloria sua;  
E surda sempre foi aos teus gemidos;  
Como Camões morreste na indigencia!  
Mas elle ao menos expirou na Patria;  
Terra da Patria recebêo seus ossos;  
E tu? — Nem ella sabe onde repousas!

    Oh desgraçada Lisia!  
Ingrata mãe de heróes, de egregios vates,  
Assim deleixas teus preclaros fillos,  
    Que em fadigas se afanam  
Por cingir-te de brilho immarcescivel?  
Teu vate, teu cantor já te exprobrára,  
Quando com rouca voz assim dizia,  
E não do longo canto afadigado,  
Mas de cantar á gente endurecida:  
    O calor, com que mais se accende o engenho,  
    Não o dá a Patria, não; que está mettida  
    No gosto da cubiça, e na rudeza  
    De uma austera, apagada e vil tristeza.



No Universo estas vozes resoaram ;  
Linguas cem estas vozes repetiram ;  
    E o que fizeste , oh Lisia ?  
Chamaram-te madrasta , e mãe tyranna ;  
    E hoje? — aiuda és a mesma !

Oh Patria minha , o meu Brasil , não sejas  
Como Lisia cruel para teus filhos.  
Ligado á sorte sua , supportaste  
Sec'los tres os grilhões do captiveiro ;  
Ma já que sacudiste a espessa treva ,  
    Que os olhos te vendava ,  
Da tua antiga Irmã vê as miserias ,  
    E de imital-a teme.

Vejamos. — Estes myrtos tão viçosos  
Ornar devem de um vate a sepultura.  
Oh será elle? — Não ; aqui descança  
    O coração de um filho.

Não afrouxemos , vamos ; que assim marcha  
    A Humanidade inteira ,  
Sem nunca repousar , sobre reliquias  
    Das gerações extinctas.

Cada casa é um túmulo ; e de sangue ,  
Logar não ha na terra ,  
Que manchado não fôsse.  
Um dia chegará a Humanidade  
Ao limite que Deos lhe prescrevêra.

Não descancemos ; vamos ,  
Emquanto a sepultura não acharmos  
De Filinto, que ha tanto procuramos.

Luiza e Abeilard inda no marmor ,  
Junctos, da morte o eterno somno dormem ,  
Neste gothico tumulo ; mil c'rôas  
Suas estatuas cobrem, que os amantes  
A seus pés depositam.  
Qu'eu não possa pagar igual tributo !  
Amor, tu me desdenhas ;  
Nunca um osculo teu rosciou meus labios ;  
Nunca de virgem olhos conduídos  
Sobre mim almas chammas espargiram ;  
Ah nunca fui amado !  
Nascido para a dor , jamais minha alma  
Em delicias de amor sonhou ao menos !

Que illustres nomes estas lousas mostram !  
Estatuas , bustos , inscripções só vejo  
De prestantes varões , de egregios vates.  
Ao lado deste tumulo pomposo ,  
Onde d'Arte o primor offusca o nome  
Daquelle que mimoso foi da sorte ,  
Como a meu coração falla sublime  
Esta Cruz negra á sombra de um cypreste!

O sol desmaia ; e precursor da noite  
Cinéreo véo nos ares desenrola-se.  
Já fraqueio , e suor transsuda a fronte.  
Deixarei estes sacros aposentos ,  
Sem que te'encontre , o candido Filinto ?  
Serei tão malfadado , que esta c'rôa  
Depositar não possa em tua campa ,  
E sobre ella chorar , gravar meu nome?

Ah não desesperemos ;  
Mais um esforço. — Emfim , é ella , é ella !  
Nem sequer um cypreste , um myrto a cobre !  
Já lisa a pedra pelo pé do tempo  
Mal indica que teve um epitaphio.

Ingrata Patria ! Ingrata !

O tempo ao menos , carcomendo a lagea ,  
Tua vergonha occulta ao estrangeiro.

Oh meu Deos ! aqui jaz desconhecido  
Quem cantou dos teus Martyres a gloria  
Em altisono metro harmonioso !

Reverente ante a tua sepultura ,  
Oh Filinto , tu vês um triste filho ,  
Que choroso , da Patria ausente vive.  
Joven , talvez hardido , ousei na lyra  
Os dedos applicar , seguir teus vôos :  
Sons , que desfiro rusticos , consagro  
Em holocausto a Deos , e á Patria minha.  
Da celeste Sião , onde tua alma  
Fulgurante resplende ,  
Um raio de estro á minha mente vibra.  
Recebe esta corôa ,  
Estas folhas recebe ,  
Que viçosas colhi na sepultura  
Do immortal La Fontaine , a quem honraste \*.

Com a traducção que fez das suas fabulas.

Quiçá prima homenagem sejam ellas  
Que aos manes teus humana mão tribute.  
Possa o tempo guardar estes , que escrevo ,  
Tristes versos , até que um Luso os leia

Uma lagrima dai , oh Portuguezes ,  
Uma lagrima ao menos a Filinto ,  
    Ao desgraçado velho.  
    Assás honrou á Patria ;  
Em premio exilio teve. — Adeos, Filinto.

Que exemplos a futuros escriptores !

Paris , 28 de Setembro de 1834.



XIX.

UMA MANHÃ NO MONTE JURA.

Deixemos este lugubre aposento,  
Estas estreitas, tortuosas ruas\*,  
E subamos, Amigo, este fraguado.

Ingreme, escabrosissimo, impossivel  
    Parece que o vinguemos;  
Mas si á forte vontade a acção se aduna,

De Poligny, cidade de França, situada nas abas do monte Jura.

O que ha na terra que resista ao homem?

Eia, Amigo, subamos.

Já as flores da noite alvinitentes,  
Que o firmamento esmaltam,  
A desmaiar começam, só co' a vista  
Dos arreboes d' aurora.

Da terra alvos vapores se levantam  
Condensados, e no ar se desnovellam,  
Montes bosquejam, mares, e cidades,  
E nos campos se perdem do infinito,  
Como agora se perde o pensamento  
Na vastidão de idéas, em que vaga.

Subamos do rochedo até ao cume;  
Lá, respirando um ar puro e suave,  
Recebendo do sol os primos raios,  
Louvores ao Altissimo entoemos.

Subamos. — Que vastissima paizagem!  
Que cadeias do montes abraçados,  
E como torreões, grimpas, espectros,  
Ás nuvens se levantam!

Que tapetes de vinhas se desdobram,  
E as varzeas, e as encostas alcatifam!  
Que escuros tectos de mesquinhas villas  
Salpicadas aqui, e alli, quaes combros  
De terra, que formigas amontoam!

De tantas sensações extasiada,  
Minha alma se sublima, e se converte  
N'um hymno harmonioso,  
Em louvor do Senhor da Natureza.

A lucifera estrella alli fulgura;  
Lá se ergue o Sol n'um Oceano de ouro,  
De rubins ondeado!  
Tu, que illuminas mil milhões de povos,  
Que outros tantos baixar tens visto ao nada,  
E outros tantos subir ao gráo daquelles;  
Cem, e cem vezes eu te ví radiante  
Atravessar contente e vagaroso  
De minha Patria os campos,  
Os sêrros, e as cidades,  
Como si, lei não sendo o movimento,  
Eterno no Brasil brilhar quizesse.



Oh Sol, ind' hontem viste essa ditosa  
Patria, por quem suspiro aqui saudoso;  
Patria, por quem me afano; mas si embalde,  
Longe d'ella acabar prefiro ao opprobrio  
De vel-a, e ser-lhe inutil.

Não, oh Patria, não stou de ti distante;  
Commigo estás, é teu meu pensamento.  
Um desejo violento, irresistivel,  
Como a enchente, que de alto se desaba,  
Todo me occupa, e o coração me abala;  
Desejo de te ver no orbe cantada  
Como a primeira das Nações da terra.

Descancemos, Amigo,  
Descancemos um pouco, que é difficil  
Por não trilhadas, perigosas sendas,  
Sem fadiga vencer tal penedia.  
Olha, vês tu aquelle que pasmado  
Debaixo nos contempla, e se confunde,  
Envolto na poeira,  
Co' as pequenas ovelhas que apascenta?  
Quiçá de nós dizendo esteja agora :

Eis dos homens té onde o arrojo chega!  
Porque a plana estrada desprezaram,  
Onde sem risco todos nós marchamos,  
Para perigos affrontar ousados?  
Cairão , cairão ; serão punidos..

Assim mesquinhos entes invejosos,  
Tristes aves de agouro,  
Que no charco commum patinham, grasnam,  
Quando vêm remontar altivos genios  
    Ás sublimes espheras,  
Esses, cuja missão é o progresso,  
E das mãos arrancar da Natureza  
    Novas, uteis verdades,  
Clamam, praguejam, mas no charco morrem;  
Emquanto que de céu em céu voando,  
De Nação em Nação, de povo em povo,  
Da Humanidade os astros bemfeitores,  
Em torno a Deos, na Eternidade pairam  
    De propria luz radiantes.

Trabalhemos, Amigo, pela Patria,  
    Só por amor da Patria,

E entreguemos á Deos nosso destino.  
Si á região dos astros não subirmos,  
Pyrilampos seremos nos desertos,  
E aos nossos reunidos, luz daremos,  
Que nas trevas talvez ao desgarrado  
    Viájer encaminhe.  
Trabalhemos, Amigo, pela Patria,  
    Só por amor da Patria,  
E entreguemos a Deos nosso destino.

    Ah subamos ainda,  
E cheguemos ao tope da montanha.

Esta pedra que cái, bate, e reflecte,  
E assim de curva em curva saltitante,  
Vai rolando, e batendo, até que chega  
    Desfeita em mil pedaços,  
É a imagem dos seres subalternos,  
Que só grandes parecem pela altura,  
Em que a cega ignorancia os collocára;  
Mas quando se despenham, desaparecem,  
Sem que se abale o mundo; nem arrastam  
    Satellites comsigo,

A não ser a poeira  
Que só os rodeava.  
Assim muitos colossos se abysmaram ,  
Colossos de vaidade :  
Assim se enterrarão no eterno olvido  
Muitos que a Patria nossa inda hoje opprimem  
Co' o peso da ignorancia.

Nossa Patria tão bella! — Nossa Patria  
Tão digna de um porvir grande e sublime!  
Eil-a, como um cadaver de gigante,  
Roída por milhões de vis insectos,  
Que ella mesma alimenta!

Olha, Amigo, esta pallida saudade,  
Que nesta penedia a custo vive!  
Aqui não é que vegetar devia  
Flor tão cara á minha alma.  
Vês tu coma ella pende a roxa fronte  
Mal que a colho, e a colloco no meu peito?  
Como ella o coração, soffrendo a mágoa  
Que o nome d' ella explica,  
Longe da Patria, em que meus páis habitam,

De languidez se encolhe.  
Irás commigo, oh flor, terna saudade,  
Inda que murcha e secca; — irás commigo,  
E acabaremos jūctos.

Poligny, 7 de Oitubro de 1834.



XX.

A VISTA DE ROMA.

É Roma! é Roma! é a cidade eterna!  
Lá sobre a cathedral do christão mundo  
De Buonarotti\* o genio se levanta,  
Prodigio d' arte, maravilha humana  
Consagrada a Deos vivo.

Entre suas ruínas, magestosa  
Inda Roma se ostenta.

\* Michel-Angelo Buonarotti, architecto da magnifica cupula de S. Pedro, em Roma.

Inda seu nome impõe respeito ao mundo,  
E enthusiasmo gera.

Mas Roma entre ruínas se me antolha  
Como essa arrependida penitente,  
Que a vã pompa do mundo desprezando,  
A cruz do Redemptor humilde abraça.  
Em vez de capacete, esparsa a cõma;  
Em vez de sceptro, cruz; o marcio riso  
    Não mais lhe habita os labios,  
Nem lampejantes olhos mais incutem  
    Terror, vingança, e morte.  
Religiosa dor hoje a sublima,  
E a veste de candura, e de belleza.

Rainha das Nações, eu te saúdo!  
Mãe illustre de heroes do mundo espanto!  
Eu te vejo, e minha alma inda duvida!  
E não sentida commação me abala.

Esta vermelha terra, árida e sêcca,  
Qu' inda exhala mortiferos vapores;  
Este inculto deserto abandonado  
    Dos homens, e das feras,

Onde uma flor sequer não ri-se ao menos;  
Esta desolação, esta tristeza,  
Este horror sepulchral, que em torno gyra  
    Da senhora do mundo,  
Tudo alfim aqui falla, e ós olhos mostra  
As sangrentas tragedias, que juncaram  
    Estes campos outr'ora.  
De tanto sangue humano que a ensopára,  
De tanto ferro gasto que a cobrira,  
Conserva ainda a cor a terra esteril!

Porque nuvens de córvos esvoaçam  
Nestes ares pejados de vapores?  
Porque arrancam gemidos dolorosos,  
Que as carnes, e os cabellos arrepiam,  
Como si elles um mal tambem carpissem?  
    Odor carnificino  
Ainda exhalarão de Roma os campos?  
É que não acham mais sangue que bebam!  
    Cadaveres que os cevem!

Que Romano saído do sepulchro  
Reconhecer-te, oh Roma, poderia



Que viajor, entrando em tuas portas,  
 Não dirá : Onde estou? onde está Roma?  
 Si uma voz respondesse : Eis aqui Roma.  
 Como não exclamar cheio de assombro :  
 Que maldição do céo caio sobre ella!

Tambem teem as Nações suas idades.

Joven já foste, oh Roma!

Já guerreiro vigor armou-te o braço;  
 Já tremeram de ti milhões de povos.  
 Fatigada de gloria, e já curvada

Entre tuas ruínas,

Hoje tu tremes, como uma Rainha

Annosa sobre o throno,

Que em annos juvenis calcára ufana.  
 Hoje só em teu Deos arrimo encontras;  
 Só a Religião te ampara a frente,  
 Que co' o peso dos seculos já pende.

Sem este novo Deos morta já fôras.

Teus velhos deoses á paixões sujeitos,  
 Teus senhores, teus Neros, e teus filhos,  
 Degenerada raça

Dos Brutos , e Catões , raça maldita ,  
Nos mais nefandos crimes só nutrida ,  
Tudo alfin te arrastava ó horror , e á morte ,  
E te ía despenhar na sepultura .  
Mas um Deos novo te salvou do abysmo ;  
Novas virtudes dêo-te , graças novas ,  
E tu por elle só inda hoje vives .

Da guerra o Genio que nas pugnas véla ,  
E o pacifico Genio que aos destinos  
                  Dos Imperios preside ,  
Entorpecidos de fadigas tantas ,  
Entre a poeira das ruínas tuas ,  
Cobertos de laureis , prostrados jazem .

Co' a espada o antigo mundo amedrontavas ,  
Co' a Sciencia , e a Razão guiaste o novo ;  
Sim ; a gloria perdeste dos combates ,  
Mas alcançaste da Sciencia a gloria .

Ignora o mundo o teu porvir augusto ,  
Que ao mundo occulta Deos seu pensamento ;  
Mas tu despertarás á voz de um Genio ,

Do somno em que te abysmas.

Dorme, dorme, que o Tempo não perece ;

Dorme, que um dia te erguerás mais bella ;

Dorme, até que a trombeta do teu Anjo

No mausoléo resôe de Adriano \*

Os designios de Deos serão cumpridos ;

Não, tu não morrerás, cidade eterna.

Hoje Castello de S. Angelo.

Roma, Dezembro 1834.



XXI.

O DIA DE ANNO BOM DE 1835.

Vai-te, vai-te... Sepulta-te , não surjas  
Do abysmo do passado ,  
Anno , que para mim seculo foste  
De contínuos tormentos .

Vai-te, vai-te... Nem mais lembrança tua  
A mente atribulada me ennegreça ;

Desapparece, passa como a nuvem,  
Que o funebre pallor da lua augmenta  
    Em socegada noite;  
Como um sonho, que agita a phantasia  
    De adormecido enfermo;  
Ou como um pensamento mal formado  
    No delirio da febre.

Mas como te olvidâr, si á consciencia  
Ao grito da vontade se rebella?  
E acinõosa a memoria inda conserva  
    Tua lembrança triste?  
E sem cessar traidora phantasia  
Máo-grado meu me está representando  
    Mil desgostosas scenas?

Eterna ficará tua lembrança  
    Á minha alma presente,  
Para d' amarga vida despertar-me  
    Os passados revezes,  
Como ao lado do altar pendente voto  
O naufragio recorda, e o salvamento.

Como depois de borrascosa noite ,  
    Rutila alva serena ;  
Do seio do futuro inexaurivel ,  
Novo auno , sai , assoma mais fagueiro ,  
    E as lagrimas estanca ,  
Que pela dor mil vezes arrancadas ,  
Do coração aos olhos me subiam .

Faze que esta illusão que a alma cõsola ,  
Esta esperança , ultimo refugio  
Que na desgraça o malfadado encontra ,  
Nuncio me seja de um melhor futuro .  
Sê meu Iris de paz , e o meu sanctelmo .  
Assás desditas minhas jus me outorgam  
De merecer-te ao menos um sorriso ;  
Assás para um favor soffrido tenho .

Esta que ora desfructo paz serena ,  
Este descanzo que piedosa dextra  
Concede a meu espirito agitado ,  
    Este celeste sopro  
De alma ventura que respiro agora ,  
    Esta luz que me aclara ,.

Já deixa-me entrever porvir brilhante,  
E o horizonte da Patria me apresenta,  
Da longe Patria, tão por mim chorada.

Vem, anno novo, vem; traze-me alegres  
Noticias de meus páis, da Patria minha.

Traze-me este consolo,

Este consolo ao menos, que me afague

Na distancia em que vivo.

Outra ambição não tenho, outra... E o que póde

Minha alma cubiçar de mór valia?

Coração como o meu, ermo de inveja,

Exempto de vaidade, a pouco aspira;

Só de nobres desejos se alimenta.

E tornarei a ver-te, oh Patria cara?

Teus montes saudarei? tuas florestas?

Teus rios? e o teu céu azul sem nódoa?

Ainda abraçarei os páis annosos?

Mas em que dia? Quando? Como tarda!

Vem, anno novo; vem, minha esperança!

Por tí eu suspirava.

Qual um amante pelo bem amado.  
Vem, oh nuncio de paz; vem consolar-me.  
Oxalá que não toques ao teu termo  
Antes qu' eu volte ao paternal albergue.

Roma.





XXII.

AS RUINAS DE ROMA,

Á CLARIDADE DÁ LUA.

Oh que espectáculo funebre e sublime!  
Aqui foi Roma! — Aqui erguêo-se altiva  
A Senhora do Mundo!  
E de tanta grandeza eis o que resta!

Quantas trombetas no Universo sôam,  
E os fastos marciaes da augusta Roma

Sonorosas proclamam !

Quantas vozes de Roma o nome entoam !

Mas uma vista só destas reliquiãs ,

Estas columnas , qu'inda se sustentam

Meias fóra das covas , meias dentro ,

Como espectros alçados dos sepulcros ;

Este mesmo silencio , tudo falla ,

Sem turbar os sentidos assombrados !

Oh grandezas , quão perto estais do nada !

Eu saudei-vos , ruínas , quando o dia

Sobre vós seus fulgores entornava ,

Vosso florido manto realçando ;

Quão longe então estaveis

Desta mystica , horrivel majestade !

Oh que não é o sol o astro dos mortos !

Nem se cúbre de purpura o cadaver !

Tu és , oh lua , o astro das ruínas !

No páramo celeste solitaria

Placida alvejas , de pallor tingindo

Estes negros destroços ,

Qual a tremula lampada suspensa

No asylo dos finados ,  
Que só das trevas o horror aclara ,  
Para mais réalçar o horror da morte.

Como uma ave de agouro em clima estranho ,  
De tão longiquas plagas transportado ,  
Plagas á culta Europa ainda ignotas  
Quando já isto tudo eram ruínas ,  
Eis-me aqui sobre o monte Palatino!  
E amanhã ? — Onde irei ? só Deos o sabe.

Oh pó erguido ! oh pedras ! oh ruínas !  
Que sublimes lições estais dictando  
Nessa muda linguagem dos sepulcros !  
Oh desgraçado o povo que as não ouve !  
Desgraçado quem não as comprehende !

Vós sois mais eloquentes  
Que os vossos oradores , cujas vozes  
Veze mil n'outros tempos echoastes :  
Vossa voz só nos seios d'alma sôa ,  
Como a terrivel voz da consciencia ,  
Ou como o gelo , que entorpece o corpo ,  
E a vida toda ao coração concentra.

O que ha-hi mais sublime que esse Mario ,  
 Genio de morte , um homem curvo á morte ,  
 Sentado nas ruínas de um Imperio ?  
 Seu rosto baço... seu olhar sombrio...  
 Que idéa o pensamento lhe revolve?  
 Quem não dirá que em torno d'elle gyram ,  
     Dos destroços erguidos ,  
 Milhões de espectros , cujas negras sombras  
 Em seu feroz semblante se desenham?  
     Quem não dirá que elle ouve  
     Carpidores gemidos ,  
     Magoados queixumes  
 De angustiadas mães , de tristes orfãos ,  
 Que lhe pedem seu pão , e o amaldiçoam?

Da Humanidade inteira és symb'lo , oh Mario!  
 Do pó tirada pela mão do Eterno ,  
 Desde o berço do sol té seu sepulcro ,  
 Quantas soffrido tem vicissitudes?  
 Quantas phases tem tido ? E marcha ainda !  
 Quantas vezes na marcha tortuosa ,  
 Qual no mar o baixel , que o vento busca ,  
 Longas calmas soffrêo , longas tormentas?

E qual o fim será da Humanidade?  
Que porto lhe destina a Providencia?  
Mas quem póde do seio do futuro  
    Arrancar este arcano?  
Confia, Humanidade, em teu Piloto  
Confia; a Providencia é quem te guia.

Oh Deos, Mario tambem serás um dia!  
A vista espriarás pelo Universo,  
    E só verás ruínas!...  
E todos esses luminosos Mundos,  
Do sanctuario teu fanaes brilhantes,  
    Ter-se-hão extinguido!  
E a quem dirás então? — Eis-me sozinho  
Sentado sobre o exicio do Universo,  
Concentrado em mim mesmo, no infinito;  
Dei fim á Humanidade; eil-a em poeira;  
Um sopro de meus labios sumio tudo!

Quem te ouvirá, oh Deos? — A Eternidade!  
Oh futuro, oh futuro inaccessible  
Aos mortaes olhos, só a Deos presente!

Oh pó erguido! oh pedras! oh ruínas!  
 Ah! quantas gerações aqui passaram,  
 Cujos rastos impressos na poeira  
 O vento os dissipou, como seus nomes  
 Pela esponja do tempo extinctos foram!  
 De quantas scenas testemunhas fostes!  
 Que infamias vistas, que cruceis delictos  
     Inda aos homens occultos!  
     Que batalhas! que horrores!

Que milhões de cadaveres cairam.  
 Entre estes sete montes, como pedras  
 Despegado se teem destes fragmentos!  
     Tudo isto era um só monte,  
 Era um vasto redil de armentio gado <sup>1</sup>

Que accesa .lava em borbotões fervendo  
     Engulio estes Templos?  
 Que estragador, ardente meteóro,  
 Despejado do Inferno, talou tudo?  
 Oh Guiscard! oh Guiscard! estas murallas  
 Escapadas do incendio, e enfumaçadas,  
 Inda te chamam fero, inda te accusam <sup>2</sup>!

## Lá stá o Capitolio!

Quantos captivos Reis, ao carro atados  
Do seu triumphador, alli subiram!  
Alli Manlio morou; dalli a um passo \*  
Foi as aguas mortaes beber do Tibre <sup>3</sup>  
Aquelles muros Catilina viram,  
E aos accents de Cicero tremeram.  
Alli se decretava a liberdade,  
A escravidão dos Reis, e dos Imperios.  
Alli entre punhaes expirou Cesar,  
Só por querer cingir a calva fronte  
Co' o diadema real, depondo os louros;  
Mas o que ao grande Cesar foi negado,  
Tiberios, e Caligulas tiveram!  
Tanto dos homens a injustiça póde,  
Ou tanto a corrupção que o brio extingue.

Ah! saíamos daqui, que profanado  
Foi este monte, habitação dos Gracchos,  
E do immortal philosopho de Tusculo \*\*,

A rocha Tarpeia.

\*\* Cicero.

Pelo mais ruim tyranno.

Eis seu palacio de ouro;

Nero aqui se entregava aos seus delirios

Lá pallideja <sup>4</sup> ao longe aquella torre

Como um phantasma ao clarcar da lua!

Alli ria-se Nero

Com satanicos olhos scintillantes,

Nos quaes de Roma a imagem se pintava

Envolta em crepitantes labaredas,

E o povo que expirava emmaranhado

Entre as ondas de fogo, e de fumaça.

Cantor do inferno, o monstro, o parricida

Tanto horror celebrava ao som da Lyra!

O que não mancha um monstro?

Oh! que o seu coração era de ferro!

Os horridos gemidos,

Os gritos d'agonia

Das moribundas victimas das chammas,

Aos ouvidos de Nero acordos eram!

Triste Jerusalem, co' os teus despojos

Erguêo-se este arco a Tito triumphante.

Este outro a Constantino,



Vencedor de Maxencio, e de Licinio,  
 Heroe, que a Cruz alçou no Capitolio,  
 Aras pagans a Christo consagrando.

Mas silencio... Silencio... Ouço gemidos,  
 Que se escapam dalli, entre as arcadas  
 Do Flavio amphitheatro \*!  
 Quem a esta hora geme?  
 Estas pedras serão? espectadoras  
 Outr'ora de crueis, sangrentas scenas,  
 Qué doídas talvez inda hoje chorem,  
 Quando homens, que as pizavam, applaudiam  
 O espectaculo infame?

Não, não; são os christãos, são penitentes,  
 Que abraçados co' a Cruz prostrados jazem,  
 E choram sobre o chão de pó, e sangue,  
 As palavras ouvindo do Eremita  
 Que n' alma lhes embebe a Eternidade.  
 Orai, christãos, orai; pedí ao Eterno,  
 Por vós, por vossos páis, por vossos filhos.

Mais conhecido com o nome de Coliseo.

Que sons funércos de sagrados bronzes  
    Longos vão reboando  
Nestas immensas, lugubres arcadas?  
Oh meu Deos, que terrível pensamento  
Estes sons repetidos me despertam!  
Aquella vasta cupula, que o genio  
Nos ares collocou em gloria tua,  
E ás egypcias pyramides supera;  
Aquella torre, d'onde agora partem  
Os sons, que estas abóbadas retumbam;  
Todo aquelle suberbo monumento,  
Rico de mil prodigios espantosos,  
Tudo isso cairá!... será ruínas!  
Futuras gerações sobre seus combros  
De mausoléos, de estatuas, de columnas,  
Subirão, oh meu Deos; e a essas pedras  
Perguntarão : Que mãos vos elevaram?  
    Que mãos vos destruíram?

Ind' hoje eu vi o sol, n'um lago de ouro,  
Entre montanhas de rubins accesos,  
Atrás daquella cupula occultar-se.  
Pois bem, oh sol, tu passarás um dia

Nesse mesmo logar onde declinas ;  
 Não ouvirás os sons religiosos  
     Dos orgãos , que hoje escutas ;  
 Descoberto verás o sanctuario ,  
 Prostradas as columnas em pedaços ,  
     Quebrados os altares ,  
 Aberto , e destruido o Vaticano ;  
 Ahi se aninharão nocturnas aves ,  
 Reptis passearão na relva e musgo ;  
 E apenas ouvirás seus tristes guinchos !  
 E o que dirás , oh sol , de tanto estrago ?  
 Dirás , sem suspender a marcha tua :

    Mais que as obras dos homens ,  
     De Deos duram as obras.

Tudo o que é dos mortaes a morte sella.  
 Jamais minguei de luz , tanta luz dando  
 Desde que Jehovah do cáhos tirou-me.

    Porque caíste , oh Templo ?

Tu , que espanto do mundo outr'ora foste ?

    Tu , que outr'ora suberbo

Meu luminoso oceano dividias ,  
 Erguendo tua sombra até meu rosto ?

Quantas vezes o filho piza a terra  
Que o cadaver do pái, ou mãe encobre,  
Inda enfeitado co' as herdadas joias?  
Assim da prisca Roma a filha herdeira  
Da pompa sua, majestosa se ergue  
Sobre o immenso esqueleto mutilado,  
Da augusta soberana.  
Filha de Roma, cairás como ella!

Estes desenterrados obeliscos,  
Que agora entre teus muros se levantam,  
Arrancados do Egypto, quantas quédas  
De cidades teem visto, e terão inda  
Novos leitos no pó de Imperios novos!  
Filha de Roma, cairás como ella!

As obras dos mortaes como elles morrem;  
Nem duram as cidades mais que os cedros,  
Que espontanea produz a Natureza;  
Nova planta da extincta se alimenta;  
Phenix é o Universo,  
Que, morrendo, renasce a cada instante.  
Tudo o que o homem vê morte respira;

E si tu, oh meu Deos, não és eterno,  
O que é eterno então? o que? o Nada?  
Transitorio será tudo no Mundo?  
E o dever, e a justiça em que se firmam?  
Oh Razão, o que és tu? — Impios, calai-vos,  
Loucos sois delirantes.  
Não, oh sabio Spinosa,  
Tu não eras atheo <sup>6</sup>. não te entenderam;  
Um Deos ha sempiterno, o Ser dos seres.

Filha de Roma, cairás como ella.  
Outra herdará teu nome, e teus thesouros,  
E com tuas riquezas adornada,  
Seu estrado fará do teu sepulcro.  
Mas quando este Universo se aniquile,  
Na memoria de Deos serás eterna.

Roma, 25 de Janeiro de 1835.

XXIII.

O RISO DA FORTUNA.

Não te rias, oh fortuna!  
Teu riso me é suspeito;  
Contra a desgraça não clamo,  
Não quero ser venturoso.

Vai-te, oh fortuna,  
Não me atormentes;  
Já não te creio,  
Em tudo mentes.

Emquanto te procurava  
Andei errados caminhos;  
E das rosas que murcharam  
Só me restam os espinhos.

Vai-te, oh fortuna,  
Não me atormentes;  
Já não te creio,  
Em tudo mentes.

Por cousa tão transitoria  
É loucura amofinar-nos;  
Os bens que hoje nos outorgas,  
Amanhã podes tirar-nos.

Vai-te, oh fortuna,  
Não me atormentes;  
Já não te creio,  
Em tudo mentes.

Com bem pouco me contento,  
Conformei-me co' a desgraça;  
Já me tenho por ditoso,  
Já regeito a tua graça.

Vai-te, oh fortuna ,  
Não me atormentes ;  
Já não te creio ,  
Em tudo mentes.

Não sei o que é a ventura ,  
Nem sei si sou desgraçado.  
Por bens que podem ser males  
Eu não troco o meu estado.

Vai-te, oh fortuna ,  
Não me atormentes ;  
Já não te creio ,  
Em tudo mentes.

Rapidos passam os dias ,  
E a cada passo que damos ,  
Á morte , que é sempre certa ,  
Ligeiramente marchamos.

Vai-te, oh fortuna ,  
Não me atormentes ;  
Já não te creio ,  
Em tudo mentes.



É só ditoso na terra  
Quem vive em paz com sua alma;  
Quem das penas que aqui soffre,  
Só do céo espera a palma.  
Vai-te, oh fortuna,  
Não me atormentes;  
Já não te creio,  
Em tudo mentes.

Albano, Março de 1835.



XXIV.

O SUSPIRO Á PATRIA.

ROMA NO COLISEO.

Já que do coração rompestes os seios,  
Onde terna saudade te gerára,  
E quando mais minha alma nas da Patria  
    Idéas se engolphava,  
Da clausura do peito te escapaste,  
    Onde mais não cabias,  
Fugitivo roçando inertes labios,

Triste suspiro meu!... Já que teu echo  
O silencio quebrou mysterioso  
Do sepulcral horror deste recinto ;  
Sai, oh suspiro! sai... Não mais resões,  
Inutil não te percas,  
Nestas longas abóbadas quebradas,  
Murmurando tu só de estancia em estancia,  
Como um lugubre som de ave nocturna,  
A quem prazem as trevas, e os destroços.

Teu doloroso som repercutido  
Na opposta parte, tal pavor inspira,  
Que um gemido parece das entranhas  
Desta immensa ruína ;  
Eu mesmo que exhalei-te, eu mesmo tremo,  
E mortos tremeriam si te ouvissem;  
Que farão os viventes!

Hirtos na fronte tenho inda os cabellos,  
Frio, trémulo o corpo,  
Como um tronco de gelo ao vento exposto;  
E o triste coração onde habitaste,  
Recobrando de novo o movimento,

Com desusada força ora palpita,  
E monótono sôa,  
Como sôa o martello sobre a incude.

Temem os olhos de se abrir ás trevas,  
E de ver coroado o amphitheatro  
De alvas sombras de mortos, e de espectros,  
Que para mais terror me pinta a mente.

Vôa, suspiro meu, vôa, não tardes;  
Nuncio vai ser do estado em que me deixas.  
O caminho te indico; aos ares sóbe;  
Deixa de Roma os solitarios campos,  
Esta terra de sangue, e de cadaveres,  
E ás praias chega da querida Patria,  
Tão longes praias! — Quem me dera eu vel-as!

Mas no longo trajecto  
Vai por mim os logares visitando,  
Por onde eu já passei triste e saudoso.  
Oh! quão gratas me são reminiscencias!  
D'ellas compõe-se a vida,  
Os prazeres são ellas da velhice.

Do afadigado albor de um curto dia  
Eis tudo o que nos fica!

Toma a Flaminia estrada ;  
Passa o lúrido Tibre, outr'ora rubro,  
Quando o campo cedêo a Constantino  
O barbaro Maxencio ;  
Verás Assís no cimo da collina  
As cinzas adorar do sancto filho \*

Do Trasimêno ás margens \*\*  
A poeira verás de ossos romanos,  
E um susurro ouvirás, que diz : Hannibal!

Chega aos campos que o Arno fertiliza ;  
Entra em Florença, e em Sancta Cruz \*\*\* visita  
De Dante a sepultura.  
Sentado está com merencorio gesto ;

São Francisco de Assis, cujas cinzas estão na convento de sua patria.

\*\* Hoje lago de Perugia.

\*\*\* Igreja de Santa Croce, chamada o Pantheon Florentino, onde estão os tumulos de alguns homens celebres de Italia.

Dir-se-ha qu'inda do Inferno horridas scenas  
 Se lhe antolham; e o misero Ugolino  
 Mirrado entre cadaveres corruptos  
 Dos innocentes filhos, miserandos,  
 Como esfaimado tigre ossos roendo.  
 Pousa na dextra o rosto, e co' a sinistra  
                   Sustenta o immortal livro;  
 Chora de um lado a Poesia, e do outro  
 Italia veneranda está dizendo :  
 — ONORATE L'ALTISSIMO POETA \* —

Buonarotti, Alfieri, Machiavelli,  
 Verás ahi tambem; tudo saúda.  
 Nem a Toscana deixes sem que vejas  
 Essa Pisa, onde as Artes reuasceram.  
 Contempla de Bosqueto a maravilha \*\*,  
 O Campo-Sancto, a torre que pendente  
 Ameaça cair como um gigante.  
 Vai ouvir o susurro do teu vôo  
 Nesse musêo de mortos de Bolonha.

A estatua allegorica representando a Italia aponta para este letreiro, que está gravado aos pés da estatua de Dante Alighieri.

\*\* A cathedral de Pisa é obra do architecto Bosqueto.

Ligeiro passa por Modèna, e Parma ;  
Passa de Lódi a celebrada ponte ,  
Essa que o peso supportou ingente  
Do Genio das victorias.

Passa o Apenino, e o Pò, e á Milão chega ;  
E em sua Cathedral mysteriosa ,  
Que prostrado me vio venerabundo ,  
Ao som do organ sagrado, que rebõa  
Nas gothicas abóbadas, respira  
Religioso accento.

Mensageiro de dor, ah ! não visites  
Outros logares, que o prazer inspirem.  
Cança. o prazer ao homem quando é longo ,  
Mas tu, melancolia, jamais canças  
Aquem d' alma os arroubos saboreia.

Pela margem do lago \*, que tranquillo ,  
Azul celeste e puro ,  
A vida da innocencia symbolisa ,

\* Lago Maggiore.

Os Alpes busca, por heroes trilhado;  
 Os Alpes, como braços da Natura  
 Que erguidos para o céu a Deos adoram.

Sóbe o Simplão; penetra as galerias;  
 Si o nome do Brasil na pedra açhares,  
 Minha mão o gravou, beija esse nome.  
 N'outra pedra verás meu nome escripto,  
     Si os gelos o não cobrem;  
 Sentado ahí subí meu pensamento  
 Té ao throno de Deos, e pela Patria  
     Dirigi-lhe meus votos.

Désece, verás de Brigg argenteos cumes\*  
 Que igneos raios reflectem, simulando  
 Claros elmos de exercito em parada.  
 Continúa teu vôo; Sion passa,  
 Chega á bella Genebra, que se espelha  
 No lago cor do céu, e no seu Rhódano,  
 Que o remanso do lago veloz deixa,

As torres, e os zimbórios de Brigg são todos coroados de bolas  
 de ferro branco, e com os raios do sol luzem como si de prata fossem.



Para ir levar fertilidade aos campos,  
Como, mal que desperta, ao leito foge,  
E asinha o lavrador busca o trabalho.

Da infancia de Rousseau deixando o berço,  
Pobres villas da França irás passando,  
Ricas cidades vendo.

A Poligny chegando, a rocha\* vinga,  
E na gothica estancia, que talhada  
Foi ahi pela mão da Natureza,  
Brasil, lerás nas rusticas pilastras.  
N'uma aba da montanha, juncto á estrada,  
Onde occulto desliza manso arroio,  
Acharás uma imagem veneranda  
Da Rainha dos céos, tres vezes pura,  
Dos christãos caminhantes protectora.  
Inda a seus pés verás murchas saudades,  
Por minhas mãos colhidas na montanha.

De cidade em cidade irás vagando;  
Entra em Pariz, Rainha das cidades.

\* O monte Jura. Veja-se p. 132. *Uma Manhã no monte Jura.*

Mas ah! triste suspiro,  
Si esses ares alegres te abrandarem,  
Si o seu buliçio perturbar teu vôo,  
Dos mortos no jardim vai acoutar-te\*  
E entre jazigos tua dor recobra.  
Como me apraz dos mortos o remanso!  
Como dos myrtos sepulcraes o aroma  
Faz o prazer libar da Eternidade!  
Oh grata habitação! Oh paz suave!  
Quando ás minhas fadigas porei termo?  
Oh meu suspiro, si acabar podesses  
Entre outros mil suspiros confundido  
Nessa triste mansão! — Mas não, tens inda  
De dar tua mensagem.

Passa a sombria patria de Corneille\*\*  
Onde se ergue o honroso monumento  
Da magnanima Virgem  
Pelo céo inspirada,  
Que a fereza dos homens queimou viva\*\*\*.

\* O cemiterio do Père La Chaise.

\*\* Corneille nasceo em Ruão em 1606.

\*\*\* Jeanne d'Are (Pucelle d'Orléans), queimada em Ruão em 1431.

Pelas margens do sena aos mares vòã;  
Atravessa o Oceano, tão profundo  
    Como a dor de minha alma.  
Passa o Oceano, imagem do infinito.  
Entrarás n'um immenso ancoradouro,  
De altissimas montanhas torneádo,  
Onde repousa perennal verdura,  
Que as espadoas dos montes engrinalda.

Oh sem par maravilha!

Resupino, grandissimo gigante  
Ao longe assoma, e do Janeiro a barra  
Ao viajor cansado patenteia?  
Igual outro não ha; errar não pòdes.

Ahi é que te eu mando;  
Essa é a Patria minha, a Patria amada,  
Que a vida dêo a quem me dêo a vida!  
Ahi respira ainda a mãe annosa,  
O encanecido pái, e irmãos queridos!  
Verás si para amal-a razão tenho!  
Mas não me capta amor grandeza sua.  
Pobre fosse ella, pequenina aldeia,  
Por ella meu amor igual seria;  
Que este nome de Patria é tão suave

Como o nome de mãe, de pái, de amigo ;  
E a mãe, e o pái, e o amigo inda que pobres  
A um nobre coração gratos são sempre.

Venturoso súspiro,  
Antes que em doce riso te convertas,  
Nesse magico céo da Patria minha,  
Á paternal mansão ligeiro adeja  
    Como o meu pensamento ;  
Beija dos caros páis as mãos rugosas,  
    E soluçando diz-lhes,  
Que o filho humilde a Deos rogando fica  
    Por elles, pela Patria ;  
Sobre os restos de Roma, pensativo,  
Um suspiro exhalou, que á Patria envia.

Roma, 20 de FEVEREIRO de 1835.



XXV.

AO MEU ILLUSTRE MESTRE E AMIGO

O REVERENDISSIMO SENHOR

P. M. FR. FRANCISCO DE MONTE-ALVERNE.

Eis-me em Roma! Da Patria tão distante!  
Inda de vós conservo tal lembrança,  
Que ás vezes se me antolha a imagem vossa;  
A-ella me dirijo, fallo, escuto,  
E cuido que ella me ouve, e me reponde.  
Como de um tão bom mestre, tão amigo  
Poderá o discipulo esquecer-se?

Quantas vezes aqui, nos sacros templos,  
Ouço sanctas palavras destes padres;  
Cuido ver-vos no pulpito elevado;  
Mas desconheço as vozes, e nem sinto  
Bater-me o coração dilacerado  
Da grave dor christã; nem em transportes  
Subir minha alma ao céo como um effluvio  
Da flor erguido; então saudoso exclamo:  
Quem me dera inda ouvir o grande Alverne!

Roma é bella, é sublime, é um thesouro  
De milhões de riquezas; toda a Italia  
É um vasto musèo de maravilhas.  
Eis o qu'eu dizer posso; esta é a Patria  
Do pintor, do philosopho, e do vate.

Embalde Roma invoco, e a musa empenho,  
Para um quadro traçar destes prodigios;  
Sem cessar uma voz me falla n'alma:  
Da louca pretensão que te allucina,  
Desiste, oh phantasia! não te é dado  
Achar uma linguagem tão facunda,  
Tão sublimes imagens com que pintes  
Dignamente esta immensa maravilha.

Como é possível descrever ao vivo  
Todo o horror da montanha que vomita  
Fogo, lavas, e fumo do ancho seio?  
Quem póde retratar a majestade  
Do vasto Colisêo, quando o argenteia  
Do nocticulo globo ò incerto lume,  
Seus raios pelas fendas enfiando?  
As projectadas sombras como espectros;  
Rotos muros, longuissimas abóbadas;  
Um gemido escapado de repente  
Do pobre, que ante a Cruz seus males chora;  
Um funebre arquejar de ave sinistra;  
Uma voz, que além sôa murmurando?  
Quem narrar póde os pensamentos todos,  
Que d' alma em torno em turbilhões volteiam,  
Inda mais pavorosos que as ruínas?

Quem, penetrando as negras catacumbas,  
Escondidas da terra nas entranhas,  
Dos martyres christãos leitos de morte,  
Onde não entra o sol, nem entra a lua,  
E só pequena luz, na mão do guia,  
Trémula, moribunda bruxoleia,

Como pallida estrella, ou como um olho  
Do genio habitador daquellas trevas;  
Quem não se enche de horror? Quem fallar póde?  
Só ver, e emmudecer; a lingua é fraca;  
As grandes commoções não se descrevem.

Como é tão eloquente a lisa pedra  
Que só diz : — Aquí jaz Torquato Tasso !  
Quando todos os marmores ligados,  
Inda assim receber não poderiam  
Seus versos immortaes por epitaphio !

Assim eu, receando dizer pouco,  
Não podendo pintar tanta grandeza,  
Eloquente serei nada dizendo.

Roma, Abril de 1835.

---



AO ILL.<sup>mo</sup> E EX.<sup>mo</sup> S.<sup>no</sup>R

JOSÉ JOAQUIM DA ROCHA\*,

DIGNATARIO DA IMPERIAL ORDEM DO CRUZEIRO,  
DEPUTADO DA EX-ASSEMBLEIA CONSTITUINTE DO BRASIL.  
EX-MINISTRO PLENIPOTENCIARIO NAS CORTES DE PARIZ, E DE ROMA, ETC., ETC.

;

Os serviços que prestastes á Patria; o amor, e o respeito que vos consagram os Brasileiros residentes em Pariz; o titulo de Pái com que elles vos honram; o seu legitimo pezar, e as lagrimas que vistes correr de seus olhos, no momento em que d'elles vos separastes, que bem previam elles que um vacuo tinha de ficar

Já não existe; mas seu nome caro a todos que o conheceram, virá na nossa historia.

em seus corações; são os justos motivos que me inspiraram estes mesquinhos versos, que hoje vos offereço. Possam elles ser tão gratos á vossa alma, como a todos nos será grata a vossa lembrança.

Roma, Abril de 1835

XXVI.

Folga minha alma , quando se me antolha  
A candida virtude ,  
E Varões dignos de louvor me indica.  
Eu prostro-me a seus pés venerabundo ;  
Que a mente minha , de louvar anciosa ,  
Encomios jamais nega á heroicidade.

Appareça quem já colhêo aromas ,  
Que impura a minha dextra

Nas aras da lisonja profanára.  
Descerra os labios, rígida virtude,  
Dize si ouvidos teus já se irritaram,  
Si coraste de pejo ao ouvir meus cantos?

Não, não, tu me respondes; fiel sempre  
Aos sacrós meus dictames,  
Hymnos teceste á Patria, á Liberdade,  
E a Varões benemeritos, que eu prezo.  
Canta, canta; que é esse o unico prêmio  
De quem sem egoismo á Patria serve.

Orgam é da verdade a consciencia;  
E da virtude é orgam  
O coração que falla, e nunca mente.  
Firme Varão, immovel nas tormentas  
Que vezes o Brasil amedrontaram,  
Rocha, quem no Brasil teu nome ignora?

Tu foste um dos primeiros que firmaram  
A Independencia nossa.  
De tua alma o vigor, e o enthusiasmo,  
Os povos animavam, que te ouviam;

E unindo-se em prol da augusta causa ,  
Para ser seu apoio te escolheram.

Quando a injustiça e a ingratição armadas  
Os raios da vingança  
Contra os Varões da Patria fulminaram ,  
Salvo não foste , não ; a Patria vio-te ,  
Inda no seu desmaio , com teus filhos  
Innocentes , marchar ao injusto exilio.

Quem não sabe que a morte te aguardava ,  
Dura , affrontosa morte ,  
Nessa terra , onde algemas se forjavam  
Para o Brasil escravisar de novo ?  
Quem perfidia tão negra não conhece ,  
E os intentos da cega tyrannia ?

Da sorte das Nações só Deos decide.  
Quando ellas o invocam ,  
E credoras se fazem do que aspiram ,  
Deos um Anjo velar sobre ellas manda ;  
Esse Anjo tutelar não mais as deixa ,  
Esse Anjo é quem contrarios planos burla.

Por milagre desse Anjo salvo foste ;  
    Por milagre desse Anjo  
Cem , e cem vezes o Brasil foi salvo  
Das cruas garras de crueis abutres ;  
Só por milagre d'elle em breve espero  
Ver o Brasil subir á mór altura.

Oh ! que doce é no meio dos perigos  
    De horrenda tempestade ,  
Já languido de fome , e de fadiga ,  
Ver aberta n'uma onda a sepultura ,  
E armada contra sí dura companha \*  
Exclamar : — Tudo soffro pela Patria !

Outro tanto dizer muitos não podem.  
    Digno tu és de inveja !  
Ah ! si invejosos tens , eu os desculpo.  
Sempre a inveja assim foi ; sempre ella investe  
A quem mais por virtudes se distingue ;  
Sempre villões Aristides tiveram.

Não ficção poetica , mas realidade encerram estes versos ; que na viagem para o logar do exilio, depois de horrivel tempestade, e já perto de Vigo, elevou-se a tripulação contra o commandante e os passageiros.

Mas quando a imparcial posteridade,  
Que só a laurea outorga  
A quem por acções nobres merecêra,  
Teus títulos julgar, ella gostosa  
Tecerá teus encomios; e o meu hymno  
Á memoria dos homens será grato.

Quem dêo fulgor ao sol, dêo alma ao homem,  
Tambem cobrio os campos  
Co' o brilhante matiz de lindas flores;  
Nem porque de mil soes mantem a ordem,  
Deleixa as pequeninas criaturas  
Ao acaso, sem lei, sem um instincto.

Assim o homem digno de tal nome,  
Que memorandos feitos  
Em prol da Humanidade practicára,  
Não despreza as domesticas virtudes;  
Aquellas de immortal gloria o revestem,  
Estas o resplendor da gloria esmaltam.

Quantos o Mundo vio Coriolanos,  
Que o esclarecido nome

Infamaram depois com acções negras?  
Tu porêtu sempre firme, sempre o mesmo,  
És á Patria fiel, e a vida tua  
Sempre tem sido de virtude exemplo.





XXVII.

UMA NOITE NO COLISÉO.

A MEU AMIGO FRANCISCO DE SALLES TORRES·HOMEM.

É sublime o espectáculo , que off'recem  
Da prisca Roma os pallidos destroços ,  
Quando da noite a placida lanterna  
Branquejando na abóbada cinzenta ,  
Seu funebre clarão , como alvas flores ,  
Entre elles vagamente enfia , estende.  
Tudo é confuso então , tudo é mysterio ,

Tudo infunde pavor melancolia !  
Dos sonhos na mansão julga-se a mente,  
De escarpados rochedos rodeiado ,  
De sombras, de phantasmas, que vaguciam ,  
Que n'um arco se escondem, n'outro surgem.

Os fanaes que no campo amarellejam ,  
Circulados de aréolas moribundas ,  
A lembrança despertam desses fogos ,  
Que ás vezes os cadaveres exhalam  
De noite , das recém-abertas campas.

Que profundos , terriveis pensamentos  
A uma alma pensativa não inspiram  
Estas reliquias da grandeza antiga  
Da augusta mãe de heroes , que agora vemos  
Como n'um cemiterio esparsos ossos  
Ao tempo branqueando. Aqui o homem  
Estrangeiro não é ; elle conhece  
Estas ruínas , e com ellas falla  
Uma mystica lingua , que alma entende.  
Mas ah ! índa esta terra hoje é manchada  
Com sangue humano ! Ind' hoje estas columnas

Dos derrocados templos de impios deoses,  
De impios Romanos os punhaes occultam.  
Nem no reino da morte ha segurança!  
Por toda parte o crime o homem segue!

Não passeiam aqui brancos phantasmas  
Entre os sombrios arcos, nem as grutas  
Do palacio dos Cesares somente  
Ao mocho gemedor asylo prestam.  
Não, não; são assassinos que profanam  
Deste precinto o lugubre silencio,  
Tão propicio aos philosophos e aos vates.

Á sombra das ruínas solitarias  
Oh! que nefandos crimes vis sicarios,  
Da Humanidade opprobrio, não perpetram,  
Sem temor do seu Deos, e da justiça!  
Como que calejada a consciencia,  
Cançada de gritar, os abandona.

Como de nós tão perto a morte vimos,  
Neste mesmo lugar, onde sentados  
Ouvimos soluçar ave agoureira,

Que no templo de Venus acoutada ,  
Suffocados gemidos arrancava  
Do intimo do peito ; como um homem ,  
Que nas vascas da morte , em vão luctando ,  
Sem esperança já , soccorro implora .

Oh severa sciencia , tu condemnas  
Estes , da nossa infancia , preconceitos .  
Mas quem pôde negar que ruíns desditas  
Presagiadas são milhões de vezes ?  
Si a negra borboleta que esvoaça -  
Em torno do casal , e n'elle pousa ;  
Si o tetrico carpir de ave nocturna ;  
Si d'alma o repentino abatimento ;  
Certas palpitações inopinadas ;  
Os sonhos , as visões , nada annunciam ;  
Si é falsa crença de alma allucinada ,  
Que á infancia , e á velhice o medo incute ,  
Ao menos na do homem propria essencia ,  
Mysteriosa essencia , apoio encontra ;  
Que a Razão , do céo filha , não tão facil  
Se eclipsa pela opaca sombra do erro .  
Não se oppõe á Razão a crença nossa ,

Que nem sempre á Razão o céo concede  
A mina profundar inescrutavel,  
Onde de effeitos mil se occulta a causa.  
Que mysterio é maior que o germen do homem?  
Que mysterio é maior que a vida sua?  
Que mysterio é maior que a sua morte?  
Oh mysterios sublimes! — D'onde, oh homem,  
A evidencia te veio, que este mundo,  
Que fóra de ti vês, real exista?  
Na terra para mim tudo é mysterio,  
Eu, o que sei, e tudo quando ignoro.

Dia aziago foi todo este dia,  
Desde o surgir do sol, té seu ocaso.  
O coração pejado de tristeza  
Procura a solidão, ama o mysterio.

Bella era a noite, mais que o dia bella!  
Alvinitente a lua rutilava,  
Como um rosto de virgem pudibunda,  
Que em seu jardim passeia solitaria.  
Ao Capitolio fui, e foi commigo  
O Amigo fiel; junctos passámos

De Tito o arco, e ao pé do Palatino  
De um mocho ouvimos horridos gemidos,  
Que os ares magoavam, resoando  
Do Colisêo nos longos corredores.  
Um pouco repousámos sobre o muro  
Do cesarço palacio esboroado.  
O mocho carpidor gemêo tres vezes;  
Os nossos corações se apavoraram,  
E ambos involuntarios suspirámos.  
Tristes versos, que a mente alli dictou-nos,  
Com luctuosas vozes repetimos.  
De pois de meditar sobre os presagios,  
Marchámos para o Flavio amphitheatro.

Co' um archote na mão, de estancia em estancia,  
Cobertos de compridas, brancas vestes,  
Como phantasmas gravemente andaudo,  
Mais e mais o horror destes recessos  
Dest'arte nossos vultos augmentavam.  
Oh! quem pôde narrar scenas tão funebres?  
Do archote a luz o tecto avermelhava,  
Co' a fria luz da lua contrastando;  
Cinéreo fumo, deslizando em ondas,

Fugitivos duendes simulavam;  
E para mais pavor, do fundo peito,  
Deixavamos sair longos suspiros,  
Que em toda a galeria reboavam.

Cançados de gozar de mil maneiras  
Essas scenas sublimes, regressámos  
Para o nosso aposento, atrás deixando  
O arco triumphal de Constantino.  
Tudo estava em silencio, immovel tudo;  
Só resoava o som dos nossos passos,  
E ante nós nossa sombra caminhava.

Eis que chegando ao sitio onde sentados  
Ave sinistra soluçar ouvimos,  
Tres, de punhaes armados, negros vultos,  
Como da terra erguidos, nos investem.  
Qual nosso susto foi! Nos feros rostos,  
Nos scintillantes olhos desses monstros  
De suas almas vis o intento lêmos.  
Nas laminas luzentes co' os reflexos  
Do claro astro da noite, e que apontadas  
Sobre os peitos estavam, nossa morte

Com cor sanguinea viamos pintada.  
Só pelo Amigo cada qual temia.  
E qual foi, oh minha alma, nesse ensejo  
O pensamento teu?... A Patria! A Patria!  
Não mais vel-a! — Morrer tão longe della;  
Sem por ella ter feito um sacrificio!  
Distante de meus páis... Oh Providencia!  
Ouviste o coração que te invocava,  
E tu salvaste o Amigo, e me salvaste  
Das cruas garras dos sedentos tigres.  
Mais que o aureo metal é cara a vida;  
Para louvar a Deos vivos estamos.

Roma, 11 de Abril de 1835.





XXVIII.

PARA QUE VIM EU AO MUNDO?

Do céo as estrellas  
Acaso no brilho  
São todas iguaes?  
São umas mais bellas,  
E outras parecem  
Funéreos fanaes.  
Assim são os fados  
Dos tristes mortaes.

Cada qual tem sua sorte ;  
Um foi para a dor gerado ,  
E outro pela ventura  
Ao nascer foi embalado.

Quanto mais penso , mais creio  
Neste mysterio profundo ;  
E a mim mesmo então pergunto :  
Para que vim eu ao mundo ?

Como resposta esperando ,  
Escuto silencioso ;  
No coração , que palpita ,  
Murmura um som luctuoso.

Sôa essa voz em meu peito  
Como em caverna profunda ,  
Como um suspiro exhalado  
Pela vaga gemebunda.

Para a dor , me diz , nasceste ;  
Para a dor . para o tormento ;  
Teus males só terão termo  
Co' o teu ultimo momento.

Soffrer, tal é meu fado! — Eu me resigno.

E que al hei de fazer? Curta é a vida...

E quem me tolhe qu' eu de todo a encurte?

Não serei livre de lançar por terra

Um fardo que me acurva, um fardo inutil?

É a vida para uns nectar suave,

Toxico é para mim;... devo tragal-o?

Acaso Deos me dice

A ti toca soffrer por mil que gozam.

Mas eu blasphemo, oh céos! Que voz me grita:

.. Mortal, olha o que fazes! Contra a vida

Não ouses attentar. Quem vida deo-te

Só quando lhe aprover tirar-t'a póde.

Oh meu Deos! compaixão; minha alma humilde

Graça implora da sua insana idéa.

Rir, ou chorar, eis só o que o homem sabe;

Si não canta, blasphema!

A sorte choremos,

Que avessa nos é;

Mas não blasphememos,

Vivamos co' a Fé,

Qual a esponja de liquido embebida ,  
De perpetua , lethal melancolia  
    Pejado tenho o peito ;  
    Minha alma amortecida ,  
E como que em seu tumulo encerrada ,  
Só pela dor á vida é revocada .

Oh minha alma , tu és como a lanterna  
    Do cemiterio ,  
Que ante o altar , sobre um esquiife solta  
    Pallor funéreo .

A sorte choremos ,  
Que avessa nos é ;  
Mas não blasphememos ,  
Vivamos co' a Fé .

Oh prazer ! Oh doçura da existencia !  
    Meta tão desejada  
De todos os mortaes , para quem inda  
Brilha no céo a estrella da esperanza .  
Oh benigno sol , que a vida aqueces ,  
    Para mim te eclipsaste !

E si ás vezes phosphorico lampejas ,  
Quando eu , affeito á dor , não te desejo ,  
É para exacerbar meu soffrimento.  
Ah! nem me afaga da esperança o riso ,  
Nem me consola amor ; tudo me fóge.

A sorte choremos ,  
Que avessa nos é ;  
Mas não blasphememos ,  
Vivamos co' a Fé.

Bolonha , Maio de 1835.

---

XXIX.

O CARCERE DE TASSO,

EM FERRARA.

Que vim eu aqui ver? — Uma masmorra  
Humida, estreita, onde respiro apenas!  
Si a fronte elevo, o negro tecto roço;  
Si estendo os braços, a largura abranjo;  
Dous passos bastam a medir seu fundo.

Que vim eu aqui ver? — Nomes escriptos  
De um lado e de outro de centenas de homens,

Que como eu curiosos peregrinos  
Vieram visitar este recinto.

Vós, meus olhos, nada vedes;  
Mas minha alma no passado  
Um vate vê encerrado  
Nesta lugubre prisão.  
Aqui chorou longos dias,  
Longas noites, longos annos,  
Quem por olhos soberanos  
Enloquecêo de paixão.

Tasso aqui como um escravo  
Amargurou a existencia;  
De um senhor a inclemencia  
A morte aqui lhe quiz dar.  
Triste elle a ausencia carpia  
De sua cara princeza.  
Seu amor, sua belleza  
Causaram só seu penar.

Livre, qual Deos o criára,  
Entre ramos adejando,

Melodias exhalando ,  
Passa a vida o rouxinol.  
Saúda o sol quando nasce ,  
Redobra o canto co' a dia ,  
Enche os arcs de harmonia ,  
Geme ao dcitar-se do sol.

Mas si preso na gaióla  
Mão tyranna o encadeia ,  
Inda assim elle gorgeia ,  
Para dar allivio á dor.  
Assim, oh grande Torquato ,  
Neste carcere horroroso  
Gemer te viram saudoso  
A Liberdade , e o Amor.

Fado! Fado do vate!... A Italia toda  
As doçuras gostava de teus versos ;  
Goffredo ao céo da gloria remontava  
Sobre as sonoras azas de teu genio ;  
E tu, oh Tasso, aqui nesta masmorra  
Como um vil criminoso definhavas !  
Fado do vate! rigoroso fado !



Mas Tasso ousou amar de um duque a filha.

Oh Ferrara! cem duques teus cingidos

De aureas c'roas, de purpura cobertos,

Um só Tasso não valem.

Um vate é mais que um rei. Reis faz o povo,

E a seu grado os desfaz, como do mármore

Tira o esculptor um Nume, e quando apraz-lhe

Em simples animal converte-o, ou quebra-o.

Mas tu, sagrado fogo d'harmonia,

Quem te accende nas almas dos poetas?

O magico poder com que convertes

Achiles n'um heroe, Páris n'um fraco,

Acaso dos mortaes herdaste, oh vate?

Ou foi prenda do céo a lyra tua,

A lyra, que immortaes sons desferindo,

Vive no tempo, e impõe silencio á inveja?

Muros desta prisão! muros, que outr'ora

Um thesouro encerrastes,

Vós, que insensiveis testemunhas fostes

Dos suspiros de Tasso,

Dizei, muros, si acaso vós podestes

Tolher do engenho as azas?

Ou si o tyranno a gloria nodoou-lhe?  
 Vingou a Humanidade a affronta sua;  
 Como um astro no céo Tasso rutila,  
 E o nome do tyranno negrejando,  
 Augment.-lhe o fulgor, que o illumina.

Mas oh da Providência altos arcanos!  
 Que mais soffra na vida, quem co' a morte  
 Nova vida immortal viver começa!

Assim homens ingratos,  
 Em quanto vivo o merito premeiam!

Ah! consola-te, oh Tasso,  
 Que o unico não foste, que da sorte  
 Sorvêo tragos amargos.

Quasi é do vate estrella o infortuneo!  
 Como os martyres são, que só morrendo  
 A apotheose recebem.

Aquelle a quem a Grecia erguêo altares,  
 Homero, mendigou de porta em porta!  
 Tu, oh Ravenna, o fugitivo Dante  
 Viste iracundo praguejar seu fado.  
 Camões, rival de Tasso, o pão esmola  
 Ante os olhos de Lisia. E tu, oh Silva!

Da minha Patria filho ,  
 A fogueira subiste com pé firme ,  
 Que a innocencia teus passos vigorava ;  
 E entre as chammas , por mãos ímpias accesas ,  
 Teu ultimo suspiro ao céo subiste  
     Ante esse bruto povo ,  
     Que outr'ora te applaudíra.  
 Tu Claudio octagenario <sup>2</sup> , na masmorra  
 Para a affronta evitar te deste a morte.  
 Lá de horrenda prisão correm ferrolhos ,  
     A dura porta se abre ,  
 Lá sai Dircêo <sup>3</sup> saudoso , suspirando  
     Pela cara Marilia ,  
     Lá vai morrer proscripto  
 Nas inhospidas plagas Africanas.  
 Fado do vate ! rigoroso fado !

Porém dos vates  
 Porque lamento  
 A triste sorte ?  
 Póde o tormento ,  
 Ou póde a morte ,  
 Inda que seja

Dura , affrontosa ,  
Fazer que a historia  
Não perpetúe  
Sua memoria ?  
Raivosa a inveja  
Arme-se embora  
E os accometta.  
Do vate a gloria ,  
É qual planeta ,  
Que no céo mora ,  
No céo lampeja ,  
Para honra dos humanos ,  
E opprobrio dos tyrannos .

Ferrara , 3 de Maio de 1835.

---

XXX.

NO ALBUM DE UMA VENEZIANA.

Bem quizera , oh bella virgem ,  
Hoje extrahir de meu peito  
Algum suave perfume ,  
Em signal do meu respeito.

Quizera na minha lyra  
Cadenciar algum hymno ,  
Com que louvasse os incantos  
Desse teu rosto divino.

Mas temo, temo que o peito,  
De gemer já fatigado,  
Em vez de cantar, exhale  
Um suspiro magoado.

Ah! temo, temo, acredita,  
Que a minha funebre lyra,  
Em vez de entoar um hymno,  
Só triste nenia desfira.

Ah! tu cuidas, bella virgem,  
Que é feliz todo o vivente?  
Inda estás no albor da vida,  
Tens uma alma inda innocente.

Não; tu me vês peregrino,  
Errando de terra em terra :  
Mas, oh virgem, tu não sabes  
Que dor o meu peito encerra.

Maio, Veneza, 1835.



XXXI.

A MEU AMIGO

D. J. G. DE MAGALHAENS.

Como é bella a Natura !

Póde o parto de um genio em febre intensa

Rivalisar taes scenas ?

Ver das aguas a quéda ruidosa

Deslizar entre seixos , formando

De crystal mil festões , que se esmaltam

Da palheta do iris , pintando

Retab'los , onde o toque da mão-mestra

Em matiz variado delinea  
 Successivas bellezas, como a idéa,  
 Que outra idéa desperta, vinculando  
 Das sensações o quadro reanimado;  
 Onde terna saudade em ledo arroubo,  
     Volteia esperançosa  
 Sobre as azas divinas da memoria,  
 Que em seu gremio renova eras passadas;  
 Misteriosa phenix de nossa alma!  
     Propercio e Cinthia,  
     Catullo, Horacio,  
     Mecenas, tudo  
     Do antigo Lacio  
 Patente sobre as ruinas vejo errarem,  
 Como nuvens de phosphoro ceruleo,  
 Ou vapores n'um lago, matutinos,  
 Ou nas selvas nocturnos pyrilampos.

E tu, oh linda Zenobia,  
 Que com teu pranto nutriste  
 Estas aguas sempiternas,  
 E solitaria carpiste  
 Tua corôa, teu sceptro,



Armadas, marmóreos paços,  
Vastos templos de Palmyra,  
Que Roma fêz em pedaços.  
Já foste Palladio, e idolo  
Do teu povo soberano;  
Mas quebrou-te o templo, as áras,  
O iconoclasta Romano.  
Vem, princeza dèsgraçada,  
Vem solitaria commigo,  
Vem chorar a antiga gloria,  
Que eu tambem choro um amigo.

Si ora invoco teus manes neste ensejo,  
Não turbo as regias cinzas, que humilhadas  
No exilio findaram sem moimento.  
Como tu, solitário a vida gemo,  
E a passada ventura, que gozára,  
Entre amicaes amplexos, venturoso.

Mas que voz na soidão remonta aos ares?  
Celeste Cherubim baixa do céo,  
E na frauta divina exalta o hymno,  
Que a terra a Jehová diurna envia.

Mas não ; alto prodigio se levanta ;  
    Providente Natura  
Companheiro me envia ; alado vate ,  
    Homero da floresta ,  
Em melodico metro , o estro exalça ,  
Meus suspiros conforta , adoça as magoas.

Salve , oh vate Rouxinol ,  
Salve , á luz mysteriosa  
Deste archote , que de noite  
Faz a terra duvidosa .  
Salve , oh Lua alvinitente ,  
Mãe de amor , do vate amante ,  
Do silencio grata esposa ,  
Salve , salve neste instante !

Mas quem turba teu manto de silencio ,  
E a voz levanta em prolongado ronco ?

São as do Anio  
Tartáreas aguas ,  
Que sempre vivem  
Quaes minhas magoas .  
Da historia imagem ,

Das estações  
Vivo retrato  
Seus borbotões ;  
Qual vida , e morte ,  
De vaga em vaga ,  
Se esconde , e surge ,  
Se accende , e apaga.

Assim batem as aguas rugidoras ,  
Que os atomos confundem , dilatando  
A continúa torreute , que retrata  
Do infinito a imagem !

Onde está o infinito , oh Deos Eterno ?  
Esse marco onde esbarra a mente humana ,  
Que sem tino volteia titubante ,  
E no abysmo do peito se aprofunda ,  
Face a face encontrando a consciencia ?  
Oh consciencia , ao teu clarão se rasga  
O véo das illusões ! Elle nos mostra  
Das paixões o tropheo dentro do túmulo ,  
E ao pé quadro da vida , que demonstra  
O nada da vaidade , e o desengano  
Majestoso sentado

Na cadeira da escola da verdade,  
D'onde colhe a virtude os seus dictames!

Pallida Lua, teus suaves raios,  
Que placidos se esbatem nas campinas,  
E as fugitivas ondas argenteiam,  
Da consciencia nossa a imagem pintam,  
Que falla ao coração com tal potencia,  
Sem nos labios volver um som de phrase.

Mysterioso accento, alta harmonia  
Desenvolve a Natura em seus concertos.  
Emquanto a voz unisona do Anio,  
Que em equoreos cylindros vai rolando,  
E entre seixos ribomba,  
De medonho fragor o ar pejando;  
Canoro rouxinol preludio exalta,  
E sublime se acorda ao som horrivel,  
Que as aguas tangem em contínuos vortices  
Entre o limo, e as areias das cavernas,  
Variando as estrophes; lá prolonga  
Suavissimo gorgeio, que se perde  
Em ventrilocos echos; quaes soluços

De enamorada virgem, que receia  
Do coração trahir ternos affectos.

Volve a paz, o silencio, ronca a onda  
    Em perpetuo murmurio ;  
Da fadiga repousa alado vate,  
E inspirada canção alto redobra.

Mais sublime retoma o retornello,  
Em agudos sibilos elevando-se ;  
Quebra a voz ; vem morrendo suspiroso ;  
Doce, e doce remonta, enche o espaço ;  
Majestoso se espraia, floreado ;  
Qual rojão que remonta alem das nuvens,  
E no ar arrebenta um firmamento  
De ephemeris estrellas luminosas.

Volve a paz, o silencio, ronca a onda  
    Em perpetuo murmurio ;  
Da fadiga repousa alado vate,  
E inspirada canção alto redobra.

Melancolico entôa em nova escala  
Amorosa canção, que invejam dulcias .

Té que alfim tiritando se arrebatá ,  
Entrecorta o trinado , e pouco a pouco  
Em fluente florido se evapora .

Volve a paz , o silencio , ronca a onda  
    Em perpetuo murmurio ;  
Da fadiga repousa alado vate ,  
E inspirada canção alto redobra .

Mesclado effeito de sublimes notas ,  
Ora forte , ora lento vai soltando ;  
Finge o pranto , surri-se , e desenvolve  
Insolita harmonia , que assimilha  
Batalhões com clarins , rufos , o timbalos ;  
Emmaranha um confuso regorgeio ,  
Que se perde n'um som prolongadissimo .

Triumphante cala a cithara ,  
Disparece qual relampo ;  
Ronca a onda sempre a mesma ,  
E o silencio toma o campo .

Oh Rossini das aves , tu que buscas  
    A soidão , o silencio ,

P'ra teu canto esmaltar sem o marulho  
Da vigilia do dia; e como um genio,  
Que no leito desdobra mil prodigios  
Ao cançado mortal em grato sonho,  
Nesta hora me recordas  
Ao coração lanhado imagens ternas,  
Tão tristes, que ante mim se deseuirolam  
Qual penacho de fumo  
De apagado brandão juncto ao esquife,  
Que um cadaver de virge' avaro occulta.

Oh Rossini das aves, que linguagem  
Teu discurso soltou? Não é da terra.

Ah! cantas porventura  
Os fastosos annaes, a decadencia,  
Os triumphos, e a quéda dos Romanos?  
A saudade, as delicias da amizade,  
Ou a historia amorosa de uma victima?

Marmoreos atrios, aureos peristylos,  
Conquistas dessa industria, que assoberba  
A terra, o mar, os montes, e os abysmos,  
Tudo o tempo desfez co' a mão dos seculos.

Sibyllinas paráphrases  
De mysticos oraculos ,  
Que o futuro previam , não previram  
Essa mãe de desastres  
Cimitarra de Totila ,  
Que a Palestra , o Nymphêo , a Academia ,  
E mais d' arte primores derrocára  
Nesse mundo do bello , que Adriano  
Collocára engenhoso sobre a encosta  
Das ridentes collinas , que te adornam ,  
Oh decantada Tibur !  
Qual tumulo sagrado , o viajante  
Vem teu solo beijar , e espavorido  
Desses restos augustos que te cobrem ,  
Vai na patria narrar taes maravilhas ,  
Maldizendo a ignorancia , e Caracalla.

Esta , outr'ora suberba , aurea cidade  
Minha imagem retrata em quadro iconico !  
Onde está teu Licêo , onde o teu Foro ?  
Os teus templos , e muros formidaveis ?  
Que sepulcro encerrou os Paladinos ?



Eleva , eleva moles gigantescas ,  
 Pelo genio das artes inventadas ,  
 Oh vaidoso mortal ! marca os teus fastos  
 Com marmoreos padrões ; que o dia chega  
 Em que , a um leve aceno do destino ,  
 Com teus paços irás dormir na terra .  
 Novos combros de areia gera um vento ,  
 Que outro vento derruba , nivelando-os .

Muros reticulares

De calcinada argila ,  
 Que arrendadas abóbadas sustentam ,  
 De grinaldas de amoras adornados ,  
 Em vão querem mostrar primeva pompa .  
 Onde outr'ora tangêo Horacio a lyra ,  
 E Tibullo chorou ternos amores ,  
     Mortaes serpes se enroscam ,  
 Aguardando findar pastor incauto ,  
 Que a fadiga do sol chama ao repouso .

Sobre o alto das collinas ,  
 Que em torno ao Anio vecejam ,  
 Vis choupanas , restos sacros ,  
 Inda gloria mal lampejam .

Teus acanthos de Corintho ,  
E o teu luxo oriental ,  
Jazem na terra , e aos insectos  
Servem hoje de pousal.

Mas , oh Deos , si a vista volvo  
Ao Catilo , e suas aguas ,  
Lá no templo da Sibylla  
Vão findar as minhas magoas.

Supina Tibur, espraia  
No horizonte larga vista ,  
Vê como geme na terra  
A Rainha da conquista.

Como tu , mudei de aspecto ;  
Já me viste rico , ufano ,  
Quando juncto ao meu amigo  
Te saudei lá do Lucano.

Onde vás , Peregrino estudioso ?  
Em que albergue feliz pédes pousada ?  
Acaso sobre um tumulo deserto

Entre rotos soffitos ,  
Na cithara brasilia merencorio  
Teus suspiros a Deos grato sublimas?  
E baixando ao amigo , tambem sentes  
    No adyto do peito ,  
Como elle , trespassar-te agra saudade ,  
Que fere o coração , e illude a mente?  
    Si a mansão de Petrarca ,  
Nas Collinas Euganeas , visitares ,  
No marmoreo portal grava estas linhas :  
    Se juncto , ou longe  
    Da Laura diva  
    A lyra altiva  
    Tangeste sempre :  
    Qual tu , o amigo  
    Saudoso agora ,  
    De mim se lembra ,  
    E por mim chora.

Tivoli, Maio de 1835.

ARAUJO PORTO-ALEGRE.

XXXII.

EM RESPOSTA A MEU AMIGO

M. DE ARAUJO PORTO-ALEGRE.

Não era noite, nem o sol brilhava ;  
Mas do céu as estrellas rutilantes  
Com branda luz os ares perfumavam ;  
E nas aguas azues, dormentes aguas,  
Que Veneza circulam com cem braços,  
Os celestes fanaes, e a casta lua  
Suas bellas imagens balançavam.  
Outro céu esse lago parecia.

Eram dous céos! Veneza em meio estava,  
Como um astro que parca luz emana.  
O leão de São Marcus inda eu via;  
A torre esbelta, o gothico palacio,  
E a ponte dos suspiros.

Mas tudo, tudo  
Deixar devia,  
Antes que o dia  
Amanhecesse,  
E desfizesse  
Quadro tão bello.  
A mão do escravo  
Obediente  
Maquinalmente  
Já martellava  
O fatal bronze\*;  
Pancadas onze  
O ar vibrava.  
Triste e choroso

Ha em Veneza, na praça de S. Marcus, uma torre chamada do Relogio; em cima um sino, e duas estatuas de bronze com martellos nas mãos, marcando com elles as horas.

Teus versos lia,  
E de saudade  
Me enternecia.  
Teus versos lendo,  
Phantasiava  
Que te escutava,  
E que assentado  
Inda a meu lado  
Te estava vendo.

Já para responder-te preparado  
A amizade invocava,  
E cravados no céu os olhos tinha.  
Mas a hora fatal gelou-me o arroubo!  
Alerta o gondoleiro me esperava;  
Partir... deixar Veneza era forçoso.

Co' os teus versos nas mãos, tu em minha alma,  
Na gondola puz pé; saudei Veneza;  
E co' os olhos em lagrimas nadando:  
Adeos, Veneza, eu dice,  
Adeos, adeos, marítima cidade;  
Decaída Rainha do Adriatico.

Eu suspirava ainda ;  
A gondola do cáes se ia afastando ,  
E do grande canal sulcando as aguas ,  
Quando vozes ouvi : era o barqueiro ,  
Que ao compasso do remo recitava ,  
Com monotona voz , porèm saudosa ,  
Do vate de Sorrento os doces carmes .

Tudo então repousava ;  
Veneza ao longe illuminada eu via ,  
    Como um céu estrellado .  
O esquife brandamente deslizava ,  
As somnolentas aguas despertando ,  
Qual negro mergulhão de argenteo rosto ,  
Ou qual cysne de lucto revestido .  
Porque tão curta foi noite tão bella ?  
Ah ! quem nunca deixou patrias devezas ,  
Quem de um amigo não chorou a ausencia ,  
    Nem de uma amante a perda ,  
Gozar não póde em solitaria noite  
Esta doce impressão , que alma suffoca .

Tomei terra em Fuzin ;  
Arqua deixei , onde habitou Petrarca ;

Abano, que por ser de Livio patria,  
Ainda hoje se ufana ;  
E na crastina aurora saudei Pádua,  
Ao som da melodia incantadora,  
Que ao sol nascente o rouxinol tributa.  
Pela segunda vez vi seus palacios,  
Seu templo semiárabe, que outr'ora  
De Antonio repetio sacros accentos.

Visitei de Vicença os monumentos.  
Em Montebello recordei prodigios  
Do armipotente Lannes.  
Eis-me em Verona alfim, oh caro amigo!  
Já vi seus mausoléos, e o amphitheatro,  
Que Roma, e o Colisèò me está lembrando ;  
O Colisèò, que junctos vezes tantas  
Ao triste albor da lua visitámos !

Tudo a memoria,  
Doce tormento .  
Neste momento,  
Me está narrando,  
Sem omissão ;



E a cada folha  
Da nossa historia ,  
Que vai passando ,  
Punjente espinho  
Me vai varando  
O coração.

Sempre a teu lado  
Vivi contente ;  
A ti ligado ,  
Uma vontade  
Só nos unia ;  
Vera amizade  
Nos apertava.  
Si triste estava ,  
Tu me alegravas ;  
Em ti vivia ,  
Comtigo ria.  
Si me dizias :  
Sou teu amigo ,  
Eu como um echo  
Te repetia.  
Era um exemplo

Nossa união.  
Mas quiz a sorte,  
Sempre inimiga,  
Atormentar-nos,  
E separar-nos  
Por algum tempo;  
Desde esse instante  
A dor pintou-se  
No meu semblante;  
Mas só a morte  
Dará um córte  
Ao laço sancto,  
Que nos prendêo;  
Si poder tanto  
O justo céo  
Lhe concedêo.

Vai, meu suspiro,  
Vai ver o amigo,  
Que te deseja  
No seu retiro.  
Á Roma adeja,  
Deixa-a, e te inclina

Á Palestrina ;  
Chega ao abrigo  
Onde elle pousa ;  
Ahi repousa ,  
Suspiro meu.

Verona , 12 de Maio de 1835.



XXXIII.

**PORQUE ESTOU TRISTE?**

Ah! não queiras saber porque suspiro ;  
Porque geme minha alma , como a rôla ,  
Que outro canto não tem senão queixumes ,  
Com que magôa os ares .

Ah! não me inquiras... Si chegar tu podes ,  
Ao través de meus olhos , á minha alma ,

Verás que o rosto meu assás explica  
O que n'ella se passa.

Dirás, talvez, que injusto me lastimo ;  
Qu'inda possuo um pai, qu'inda mãe tenho,  
Qu'inda um amigo aperta-me em seus braços,  
E proscripto não erro.

Mas que importa thesouros taes possua,  
Si gozal-os não posso? Si na ausencia,  
Da saudade o farpão continuamente  
O peito me trespassa?

De gotta em gotta o matutino rócio  
Enche, e pende do lyrio o debil calix,  
Que opprimido co' o peso se lacera,  
Desbota, e alfim fallece.

Uma gotta após outra um lago fórma,  
Novas gottas de chuva o lago augmentam,  
Trasborda emfim, e dá a um rio origeni,  
Que nas planices róla.

Eis de meu coração a fida imagem.  
Repetidos pezares pouco a pouco,  
Males amontoados desde a infancia  
A existencia me azedam.

Procuro embalde no festim da vida  
Um logar para mim. Si uno meu canto  
Ao hymno de alegria, a voz me falta,  
E o coração suspira.

Oh Ancião de Téos, feliz foste ;  
Por amores contavas os teus dias !  
Dias ditosos ! Eu os meus numero  
Só pelos meus pezares.

Mal vibravas da lyra os fios de ouro ,  
Para de heroes cantar preclaros feitos ,  
Em vez de resoar de Atríde o nome ,  
Amor , dizia a lyra.

E eu , oh destino ! si de Amor intento  
Terno o nome entoar , rebelde a lyra  
Só suspiros exhala , e as cordas gemem  
Ao toque de meu dedo.

Suspirar, suspirar.... Tal é meu fado !  
Porque o céo fez-me assim ? Ao céo pergunta,  
Porque dêo elle ao sol igneos fulgores,  
E pallidez á lua ?

Emquanto o sabiá doce gorgeia,  
Gemem na praia as merencorias ondas ;  
E ave sinistra, negra esvoaçando,  
Agoureira soluça.

Ao lado do cypreste verde-negro,  
Desabrocha a corolla purpurina  
A perfumada rosa; e juncto d'ella  
Pende a roxa saudade.

Eleva-se a palmeira sumptuosa,  
E desdobra nos ares verdes leques,  
E perto da raiz, á sombra sua,  
Definba humilde arbusto.

Eis da Natura o quadro ! Isto harmonia,  
Isto belleza, e perfeição se chama !  
Eu completo a harmonia da Natura  
Co' os meus tristes suspiros.

Vê agora si á lei posso eximir-me  
Que a suspirar me obriga?... Oh alma minha,  
Arpeja a que possues, unica fibra,  
Exhala teus suspiros.

Turim, 15 de Maio 1835.





XXXIV.

A FLOR SUSPIRO.

Eu amo as flores  
Que mudamente  
Paixões explicam  
Que o peito sente.  
Amo a saudade,  
O amor-perfeito ;  
Mas o suspiro  
Trago no peito.

A fôrma esbelta  
Termína em ponta ,  
Como uma lança  
Que ao céo remonta.  
Assim , minha alma ,  
Suspiros geras ,  
Que ferir podem  
As mesmas feras.

É sempre triste ,  
Ensanguentado ,  
Quer secco morra ,  
Quer brilhe em prado.  
Taes meus suspiros....  
Mas não prosigas ,  
Ninguem se move ,  
Por mais que digas.

---

XXXVI.

OS SUSPIROS DA PATRIA.

D'onde veem estes suspiros?  
D'onde veem tão magoados?  
Que a mim chegam tão quebrados!  
Que peito os pôde conter?

Que distancia elles vènceram?  
Que longos mares passaram?  
Que ventos atravessaram,  
Para aqui virem morrer?

Estes tão tristes suspiros  
Aqui não foram nascidos;  
Não; suspiros tão doídos  
Quem podia aqui gerar?

Só uma mãe malfadada,  
Que vê seus filhos luctando,  
Nos céos os olhos fitando,  
Assim pôde suspirar.

N'uma praia solitaria  
Bate a vaga moribunda  
Menos triste e gemebunda,  
Pejando o ar de seus áis.

Vós, gemidos dos desertos,  
Entre as folhas vagueando,  
Nas cavernas ululando,  
Tanto horror vós não causais.

Suspiros, d'onde vindes? — Mal vos ouço,  
Em meu peito murmura o echo vosso

Em jogo pueril, vendando os olhos,  
O infante, na planice, embalde ensaia  
Da estrada andar em meio.

Angulos fôrma; alfim se esbarra a um tronco;  
Assim andamos nós olhi-vendados  
Pela estrada da vida!

Cai-nos a venda do barranco ás bordas,  
Quando nas suas lubricas crateras  
Já nossos pés deslizam.

Vem a velhice, que melhor te escuta,  
Reflectimos então; porém que importa!  
O tempo é já passado!

Do que serve ao cadaver o remedio?  
Um mestre ao moribundo? um guia áquelle,  
Que marcha ao cemiterio?



XXXV.

A EXPERIENCIÁ.

Experiencia! Medico tardio,  
Tua voz util fôra, si mais cedo  
Em nossa alma soasse!

De tropeço em tropeço vai-se a vida,  
Como o rão entre seixos se despenba;  
Nada o curso lhe tolhe.

Das paixões o marulho estrepitoso,  
Como o som da cascata caudalosa,  
Cobre, abafa teu echo.

Eu conheço teu mal. Ah! não são estes,  
Qu'inda os pulsos teem lividos dos ferros,  
Recem-livres, costumes teem de escravos,  
Estes não são, que ao teu porvir brilhante  
As portas abrirão; são os seus filhos.  
Espera, espera, que o porvir é grande;  
E a vontade do Eterno, que os teus montes,  
O teu céu, os teus rios nos revelam,  
Será cumprida um dia : espera, espera.  
Ainda hontem te ergueste de teu berço ;  
Mal um passo ensaiaste,  
E não é crível que amanhã já morras.

Como em torno do sol os astros gyram  
Em circulo perpetuo,  
Em torno do seu Deos as Nações marcham,  
E de tal Astro á luz jamais se eclipsam;  
Crê em Deos; que elle só salvar-te póde.

E vós, que a fronte ergueis de nós á cima,  
Vós, que empunhais da governança o leme,  
Vós, que velar deveis, até quando  
Fareis da Patria o patrimonio vosso,

E tolhereis seus passos?

Corai, corai de pejo, envergonhai-vos  
De encher o excelso assento de poeira,  
De poeira que sois, que um leve sopro  
Dispersa, e acaba, e nem vestigios deixa

Para o crastino dia.

Nullidades, que humanas fórmias cobrem,  
Empolas, que se geram n'um minuto,  
E que n'outro minuto se desfazem,  
Como bolhas de espuma, que brincando,  
De tenue tubo o infante cair deixa,  
E no meio da quédia desaparecem;  
Que fizestes, que em vossa gloria falle?  
Nada!... Passastes como seccas folhas,  
Que os ventos remuíham.

Basta, emfim basta de illusão, de engano.

Mira a Patria a grandeza;

Vós a empeceis; deixai o campo livre  
Á Juventude, do progresso amiga.

Eu vos saúdo, Geração futura!

Só em vós eu confio.



Surdo, funéreo, como a voz que sôa  
Longe no ermo, da enchente que se arroja  
De alpestre rocha, em borbotões fervendo,  
E se esconde da terra nas entranhas;  
E minha alma estremece apavorada,  
Como de uma harpa a corda magoáda.

Suspiros, d'onde vindes? — Sois da Patria?  
Ah! sois da Patria... Sim, eu vos conheço  
Por esse accento de afflicção, de angustia,  
Por esta dor, que me causais, tão agra.

Tu suspiras, oh Patria!  
Co' os teus os meus suspiros se misturam.  
E que al fazer eu posso?  
Si é surda a Providencia ás preces tuas,  
Que póde a fragil mão de um filho inutil?

Os teus suspiros  
A mim chegaram,  
E me abalaram  
O coração.  
Soccorro dar-te

Embalde intento,  
E só augmento  
Minha afflicção.

Qual naufragante  
Que uma onda impelle,  
Outra o expelle  
Ao alto mar;  
E de onda em onda  
Sendo rolado  
Já lacerado,  
Vai encalhar.

Mas na praia não achando  
Um asylo protector,  
O alento ultimo exhala,  
E a alma envia ao Criador.

Assim morreis, suspiros, em minha alma,  
Depois de haver o Oceano magoado.

Mas, oh Patria, quem causa mágoas tuas?  
Ah! não falles, não digas... soffre... espera.

Coberta de poeira,  
E a sacode no rosto da Sciencia,  
Ou no alcáçar da lei se assenta ufana;  
A Moral a seus pés serve de solio,  
De cupula o capricho.

Tudo está profanado!  
A civica corôa  
Dá-se á ambição, que sóbe intumecida  
Como a onda do mar, e tudo alaga.  
Exhauriram-se os nomes das virtudes,  
E um só não ha que ao crime se não dêsse.  
Os logares são premios da baixeza,  
Da feia adulação, da vil intriga!  
O hymno cantam da victoria; e a Patria  
Geme afflicta co' o peso da ignorancia  
Dos homens, cuja estrella é o egoismo;  
E até a lyra, para mór opprobrio,  
Vendidos sons só verte!

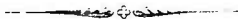
Tudo está profanado!  
Como posso louvar-te, illustre Veiga,

Sanctuario da honra foragida?  
Que nome te darei? que flor? que incenso?  
Como o bronze que sôa em torre excelsa ,  
    Chamando a Deos os homens ,  
Tu bradaste , prégaste o amor da Patria ;  
A teus brados os homens surdos foram ,  
    E tu enrouqueceste.

    Apostolo da ordem ,  
Caíste, enfim caíste ! — Mas com gloria !  
Caíste, mas sem nódoa ! Sim , caíste !  
Mas Socrates tambem soffrêo a morte !

Qual se vê nas cidades arrazadas ,  
O templo solitario , esparsos bustos ,  
Rotas columnas , capiteis dispersos ,  
Combros de terra , montes de ruínas ;  
E no meio , inda envolta de poeira ,  
Uma estatua , que o tempo respeitára ,  
E que os olhos attrahe do peregrino ;  
Assim te eu vejo em pé ! e assim um dia  
A geração futura , pesquisando  
No meio das reliquias desta idade

Crescei, mimosa planta,  
Sobre a terra da Patria só regada  
Com lagrimas e sangue.  
Crescei, crescei da liberdade, oh filhos,  
Para a Patria salvar, que vos aguarda.



XXXVII.

O HOMEM PROBO

EVARISTO FERREIRA DA VEIGA.

Tudo está profanado!  
As vestes da virtude o vicio adornam;  
Da lisonja nas aras arde o incenso  
Que só devêra embalsamar o templo!  
Murchas flores, que a fronte ao vicio ornaram,  
Atiram-se em despeito ao altar do Eterno.

Tudo está profanado!  
Levanta a estupidez a hirsuta coma

Quem póde ver o formigueiro occulto ,  
Que o humano coração róe , e lacera ?  
Si eu soffro , ou não , só eu , só Deos o sabe .  
Mas feliz quem nos seios de sua alma  
Acha uma grande idéa que o consola ,  
Como uma taça de suave nectar ,  
Que lhe acalma as entranhas sequiosas .

Quem se resigna á dor não soffre tanto .  
Que veneno ali ha que um bem não faça ?  
Ou que remedio que não cause um damno ,  
Segundo o caso , e leve circumstancia ,  
Que á vista perspicaz escapa ás vezes ?  
Não , não és tu , Philosophia humana ,  
Quem me robora o peito !

Sábias lições de soffrimento dictas ;  
Mas o valor acaso dar tu pódes ?  
Quantas vezes o mal frustra a sciencia !  
Pura fonte conheço , inexhaurivel ,  
Onde sempre o infeliz adoça as dores .

Livro sagrado ,  
Vem consolar-me ,  
Vem saciar-me

Na minha dor.  
Meu peito anciado  
De ti carece ,  
Sem ti fallece  
O meu vigor.

A ti recorro  
Triste e sedento ,  
Que este tormento  
Me faz gemer.  
Dá-me soccorro  
No mal extremo ,  
Vem , senão temo  
Á dor ceder.

Cada palavra ,  
Que me vás dando ,  
É qual um brando ,  
Suave mel.  
Já em mim lavra  
A paz do empyreo ;  
Do meu martyrio  
Se adoça o fel.



Alguma cousa inteira , pura e bella ,  
Sacudirá o pó , que hoje te lançam ,  
E dirá : Eis aqui um Homem probo .

Mas que digo? — Ainda vives !  
Envenena-se a flor , si a serpe a morde ,  
E a virtude definha , conculcada !

Mas tu amas a Patria , como eu amo ;  
Amas com amor puro ,  
Sem mescla de interesse , como se ama  
Uma mãe terna , que não tem thesouros ,  
Mas só lagrimas tem para legar-nos .  
Ah! praza ao céo que a estrada em que brilhaste ,  
Seja aquella em que morras \*

E assim foi.

---

XXXVIII.

A BIBLIA ,

EM UM DIA DE TRISTEZA.

É qual estreito vaso o peito humano ,  
Que trasborda , ou se quebra , si fermenta

O veneno que encerra.

De gotta em gotta o fel da desventura  
N'alma a tristeza vai-nos embebendo ,  
Té que o corpo converte-se em masmorra ,  
De que a alma fugir busca.

Oh! quem vê uma flor que em prado brilha ,  
Parecendo exhalar vida , e doçura ,  
E rir-se em cada pétala viçosa ,

Acaso dizer póde

Si ella foi pela serpe inficionada?

Si em vez de vida , a morte só lhe lavra

O delicado estame?

AO CORONEL

ANTONIO DE SOUZA LIMA DE ITAPARICA,

OFFERECER O AUCTOR O CANTICO DE WATERLOO.

Quem melhor que um heroe sopesar póde  
As cinzas de outro heroe? Quem melhor que elle  
Póde dar o valor aos grandes feitos?  
Tu vás a Waterloo; tu vás sentar-te  
Aos pés desse leão, que as mãos dos homens  
Sobre vasta pyramide elevaram,  
Para narrar ás gerações futuràs  
Raros prodigios da potencia humana.

Intrepido soldado peregrino ,  
Que depois de salvar Itaparica ,  
Guardaste na baúha a espada ufana ,  
E as sciencias cultivas incançavel ;  
A teus olhos , de ver insaciaveis ,  
Já vai a terra parecendo estreita !  
Si te é grato escutar os sons da lyra ;  
Si tu , que viste de Virgilio o tumulo ,  
De Horacio a casa , e a casa de Mecenas ,  
Pódes com gosto murmurar meus versos ,  
Este cantico aceita , que te off'reço  
Em signal de respeito , e de amizade.



XXXIX.

NAPOLEÃO EM WATERLOO.

Tout n'a manqué que quand tout avait  
réussi.

NAPOLEÃO EM S. HELENA. (*Memorial.*)

Eis aqui o logar , onde eclipsou-se  
O Metéoro fatal ás regias fronte!  
E nessa hora em que a gloria se obumbrava ,  
Além o sol em trevas se envolvia !  
Rubro estava o horizonte , e a terra rubra !  
Dous astros ao occaso caminhavam ;  
Tocado ao seu zenith haviam ambos ;

Ambos iguaes no brilho , ambos na quéda  
Tão grandes como em horas de triumpho !

Waterloo!... Waterloo!... Lição sublime  
Este nome revela á Humanidade !  
Um Oceano de pó , de fogo , e fumo  
Aqui varrêo o exercito invencivel ,  
Como a explosão outr'ora do Vesuvio  
Até seus tectos inundou Pompeia.

O pastor que apascenta seu rebanho ;  
O corvo que sanguineo pasto busca ,  
Sobre o leão de granito esvoaçando ;  
O echo da floresta , e o peregrino  
Que indagador visita estes logares :  
Waterloo!... Waterloo!... dizendo , passam.

Aqui morreram de Marengo os bravos !  
Entretanto esse Heróe de mil batalhas ,  
Que o destino dos Reis nas mãos continha ;  
Esse Heroe , que co' a ponta de seu gladio  
No mappa das Nações traçava as raias ,  
Entre seus Marechaes ordens dictava !

O halito inflammado de seu peito  
Suffocava as phalanges inimigas,  
E a coragem nas suas accendia.

Sim, aqui stava o Genio das victorias,  
Medindo o campo com seus olhos de aguia!  
O infernal retintim do embate de armas,  
Os trovões dos canhões que ribombavam,  
O sibilo das balas que gemiam,  
O horror, a confusão, gritos, suspiros,  
Eram como uma orchestra a seus ouvidos!  
Nada o turbava! — Abóbadas de balas,  
Pelo inimigo aos centos disparadas,  
A seus pés se curvavam respeitosas,  
Quaes submissos leões; e nem ousando  
Tocal-o, ao seu ginete os pés lambiam.

Oh! porque não vencêo? — Facil lhe fôra!  
Foi destino, ou traição? — A aguia sublime  
Que devassava o céu com vôo altivo  
Desde as margens do Sena até ao Nilo,  
Assombrando as Nações co' as largas azas,  
Porque se nivelou aqui co' os homens?

Oh! porque não vencêo? — O Anjo da gloria  
O hymno da victoria ouviu tres vezes ;  
E tres vezes bradou : — É cedo ainda !  
A espada lhe gemia na bainha ,  
E inquieto relinchava o audaz ginete ,  
Que soía escutar o horror da guerra ,  
E o fumo respirar de mil bombardas.  
Na pugna os esquadões se encarniçavam ;  
Roucavam pelos ares os pelouros ;  
Mil vermelhos fuzis se emmaranhavam ;  
Encruzadas espadas , e as baionetas ,  
E as lanças faiscavam retinindo .  
Elle só impassivel como a rocha ,  
Ou de ferro fundido estatua equestre ,  
Que invisivel poder magico anima ,  
Via seus batalhões cair feridos ,  
Como muros de bronze , por cem raios ;  
E no céo seu destino decifrava .

Pela ultima vez co' a espada em punho  
Rutilante na pugna se arremessa ;  
Seu braço é tempestade , a espada é raio .  
Mas invencivel mão lhe toca o peito !



É a mão do Senhor! barreira ingente  
 Basta, guerreiro! Tua gloria é minha;  
 Tua força em mim stá. Tens completado  
 Tua augusta missão. — És homem; — pára.

Eram poucos, é certo; mas que importa?  
 Que importa que Grouchy, surdo ás trombetas,  
 Surdo aos trovões da guerra que bradavam :  
 Grouchy, Grouchy, a nós, cia, ligeiro;  
 O teu Imperador. aqui te aguarda.  
 Ah! não deixes teus bravos companheiros  
 Contra a enchente lutar, que mal vencida  
 Uma após outra em turbilhões se cleva,  
 Como vagas do Oceano encapellado,  
 Que furibundas se alçam, luctam, batem  
 Contra o penedo, e como em pó recuam,  
 E de novo no pleito se arremessam.

Eram poucos, é certo; e contra os poucos  
 Armadas as Nações aqui pugnavam !  
 Mas esses poucos vencedores foram  
 Em Iena, em Montmirail, em Austerlitz.  
 Ante elles o Thabor, e os Alpes curvòs

Viram passar as aguias vencedoras !  
E o Rheno, e o Manzanar, e o Adige, e o Euphrates  
Embalde á sua marcha se oppozeram.

Eram os poucos, que jamais vencidos  
Os dias seus contavam por batalhas,  
E de cãs se cobriram nos combates ;  
O sol do Egypto ardente assoberbaram,  
A peste em Jaffa, a sêde nos desertos,  
A fome, e os gelos dos Moscovios campos.  
Poucos que se não rendem ; — mas que morrem !

Oh ! que para vencer bastantes eram !  
A terra em vão contra elles pleiteára,  
Si Deos, que os via, não dicesse : Basta.

Dia fatal, de opprobrio aos vencedores !  
Vergonha eterna á geração que insulta  
O Leão que magnanimo se entrega.

Eil-o sentado em cima do rochedo,  
Ouvindo o echo funebre das ondas,  
Que murmuram seu cantico de morte

Braços cruzados sobre o largo peito,  
Qual naufrago escapado da tormenta,  
Que as vagas sobre o escolho regeitaram;  
Ou qual marmorea estatua sobre um tumulo.

Que grande idéa o occupa, e turbilhona  
Naquella alma tão grande como o mundo?

Elle vê esses Reis, que levantára  
Da linha de seus bravos, o trahirem.  
Ao longe mil pygmeos rivaes divisa,  
Que mutilam sua obra gigantesca;  
Como do Macedonio outr'ora o Imperio  
Entre sí repartiram vis escravos.  
Então um riso de ira, e de despeito  
Lhe salpica o semblante de piedade.

O grito ainda innocente de seu filho  
Sôa em seu coração, e de seus olhos  
A lagrima primeira se desliza.  
E de tantas corôas que ajunctára  
Para dotar seu filho, só lhe resta  
Esse Nome, que o mundo inteiro sabe!

Ah! tudo elle perdêo! a esposa, o filho,  
A patria, o mundo, e seus fieis soldados.  
Mas firme era sua alma como o mármore.  
Onde o raio batia, e recuava!

Jamais, jamais mortal subio tão alto!  
Elle foi o primeiro sobre a terra.  
Só, elle brilha sobranceiro a tudo,  
Como sobre a columna de Vendôme  
Sua estatua de bronze ao céu se eleva.  
A cima d'elle Deos, — Deos tão sómente!

Da Liberdade foi o mensageiro.  
Sua espada, cometa dos tyrannos,  
Foi o sol, que guiou a Humanidade.  
Nós um bem lhe devemos, que gozamos;  
E a geração futura agradecida:  
NAPOLEÃO, dirá, cheia de assombro.

18 de Junho de 1836.

---

XL.

AO GENERAL LAFAYETTE \*

Nascido em virgem plaga Americana,  
Onde da independencia o livre sopro  
    Os homens vivifica;  
Onde de azul setim n'um céo sem nódoa  
Lucido gyra o disco coruscante,  
    Que ao vate o genio inflamma;  
Sem que do medo a dextra me agrilhoe,

\* Por occasião de baptisado do filho do Conde de Zenowiez, sendo padrinho o dito general.

Porém venerabundo, a mente exalço  
Ao heroe de dous Mundos.  
Tu, da gloria no céu, não dado a muitos,  
Rutilas fulgurante apar de Washington,  
Co' a luz que a liberdade  
De seu divino rosto escapar deixa,  
Qual cometa fatal á tyrannia.  
Oh grande Lafayette!  
Oh portentoso nome! honra da França!  
Nome, que no orbe cresce, como em bosques,  
Altos, frondosos cedros  
Nos alcantis do Libano se elevam,  
E as tormentas, e os raios assoberbam  
Contra elles fulminados.  
De nós aprenderão os filhos nossos  
A repetir teu nome, ainda no berço,  
Com innocentes labios;  
Nossos filhos aos seus, estes aos netos  
Irão passando intacta esta lembrança;  
Como a través dos evos  
As colossaes pyramides, que emblemas  
São da grandeza, e da existencia eterna,  
Ovantes teem passado.

Mas é grande ardimento ! Ave sem canto ,  
 Longe de seu vergel peregrinando ,  
     Em remontado vôo  
 Querer modular sons , cantar teu nome !  
 Sympathica affeição , magico impulso  
     A ti porêm me arasta ;  
 E de prazer o coração no peito  
 Expande-se a teu nome , qual se expande ,  
     Em perfumado effluvio ,  
 O doce arôma do ananaz gostoso .  
 E tu , qual prazer sentes , quando tomas  
     Esse infante em teus braços ?  
 Esse infante gentil , de heroes progenie ,  
 Filho de Zenowiez , hoje sem Patria  
     Que um Despota roubou-lh'a ?  
 Qual te anima alegria esperançosa ,  
 Quando de Kosciuszko vês o sangue  
     Gyrrar em suas veias ,  
 E as entranhas nutrir-lhe ainda tenras ?  
 Oh ! como é grato levantar nos braços  
     O filho de um guerreiro ,  
 Que malfadado sim , mas virtuoso ,  
 Sobranceiro se mostra á sorte adversa !

Ah! praza a Deos clemente  
Que por ti embalado esse menino,  
Por ti n'agua lavado do baptismo,  
Raro exemplo seguindo  
De seus nobres maiores, seja um dia  
O que foi Kosciuszko, e o que tens sido.  
Oh! si o porvir contemplo,  
Quem sabe si ainda um dia!..... Mas não pôdem  
Humanas mãos romper o véo de trevas,  
Com que a Providencia  
Esconde a mortaes olhos o futuro.  
Em sibyllino arrojô não pretendo  
Interpretar mysterios.  
Cresça o joven Emilio sempre ao lado  
Do immortal Lafayette, e aprenda, e saiba  
Amar a liberdade.

Pariz, Janeiro de 1834.

---



XLI.

ÁS SENHORAS BRASILEIRAS.

Nas veias o sangue já não me galopa,  
Nem sacros furores nos labios me fervem;  
A lyra canora do cysne Beocio  
Deixei sobre a trípode.

Os risos fagueiros do Genio da Patria  
Agora me inspiram idéas suaves.  
Os vossos incantos, oh bellas patricias,  
Eu canto dulcisono.

Imperio das graças, oh sexo mimoso,  
Vós sois o principio da nossa existencia;  
Dos nossos prazeres orige' ineffavel;  
Sem vós que seriamos?

A lua que brilha n'um céu azulado,  
E os raios argenteos no rio reflecte,  
É quadro bem lindo! porèm vossas faces  
Teem graças mais nitidas.

Os dias que alegres comvosco passamos,  
São horas bem curtas, são breves instantes;  
E os breves instantes da ausencia saudosa  
São noites bem tetricas.

O canto das aves, que sôa nos bosques,  
É grato aos ouvidos do homem selvagem;  
Porèm vossas vozes teem mais melodia  
Que as vozes dos pássaros.

A rosa tem cheiro que o ar embalsama,  
A rosa tem cores que esmaltam os prados;  
Porèm para imagem da vossa belleza  
A rosa é invalida.

As aguas teem perlas, o céo tem estrellas,  
Os campos teem flores, a terra tem ouro;  
Mas vós venceis tudo; vós sois da Natura  
A obra protótypa.

Por vós afinaram mil vates as lyras;  
Por vós mil guerreiros á gloria voaram;  
E até nações cultas por vós sacudiram  
Seu jugo tyrannico.

Oh Anjos da terra, da Patria ornamento,  
Donzellas, esposas, e mães carinhosas,  
Na lucta, que temos co' o vil despotismo,  
Mostrai-vos magnanimas.

Os vossos incantos de premio só sirvam  
A quem ama a Patria, ao sabio, e ao justo  
Deixai que ociosos, e os nossos imigos  
No lodo revolvam-se.

1831



XLII.

A MINHA LYRA.

Quando o sol era o meu astro ,  
E a minha mente inspirava ,  
No enlevo do estro inflammado  
Alegre a lyra eu vibrava.

Co' a Grecia, e Roma sonhando ,  
Colhendo flores da historia,  
Á minha Patria querida  
Hymnos tecia de gloria.

No fogo da mocidade,  
Nessa estação de alegria,  
Cantava gratas mentiras,  
Amores qu'eu não sentia.

Ás vezes tambem chorava ;  
E tu, oh lyra presaga,  
Já teu destino previas,  
E o pranto que ora te alaga.

Qual na rosa que emmurchece  
,Sécca o orvalho que a aljofrava,  
Assim seccou-se em meus labios  
O riso que os enfeitava.

Minha voz enrouquecêo-se,  
Meu coração enluctou-se,  
E o astro que me aclarava  
Em densa treva nublou-se.

Antes que o sopro do tempo  
Murchasse a flor de meu rosto,  
A pallidez já o tinge,  
Causada pelo desgosto.

A folha na primavera ,  
Si pelo insecto é roída ,  
Assim perde o verde esmalte ,  
Assim murcha , e cáe sem vida .

Deixei a prezada Patria ,  
Deixei a mãe carinhosa ;  
Perdêo então minha lyra  
Sua voz harmoniosa .

Ao som das vagas do Oceano  
Foi minha lyra aprendendo  
A suspirar quando choro ,  
A ir commigo gemendo .

Companheira de meu fado ,  
Pelo mundo vagueando ,  
Junctos os Alpes subimos ,  
Estranhas terras pizando .

Nos Alpes , como n'um throno  
Que me alçava além do mundo ,  
A gloria do Omnipotente  
Entoei venerabundo .

Entre gothicas pil stras,  
Arroubado no infinito,  
Cantei a vida futura,  
Consoło de um peito afflicto.

Sentado sobre ruínas,  
Achei um echo na lyra;  
E sobre o nada da vida,  
Dêo-me sons qu'eu nunca ouvira.

Entre campas, e cyprestes,  
Sozinho n'um cemiterio,  
Chorando a sorte de um vate,  
Na lyra achei refrigerio.

Solitario entre os viventes,  
Do mundo desconhecido,  
Como ã planta errante d'agua  
Apenas tenho vivido.

A gloria, esperança vária,  
Sonho fallaz do acordado,  
Febre que os Genios inspira,  
Só me não tem inspirado

Amiga melancolia ,  
Consumidora saudade ,  
Vós envolveis os meus dias  
Desta triste suavidade.

Em cada estação ostenta  
Diverso aspecto a Natura ;  
Ora de crystaes se adorna ,  
Ora de fresca verdura .

As aves tambem renovam  
Seu canto co' a Natureza ;  
Tudo muda , só minha alma  
Conserva sua tristeza .

Unico bem qu'eu possuo ,  
Oh minha estimada lyra ,  
Companheira de infortunios ,  
Commigo chora , e suspira .



## XLIII

### O CANTO DO CYSNE.

Meus versos são suspiros de minha alma,  
Sem outra lei que o interno sentimento;  
E como o fumo que do fogo se ergue,  
Sobem ao céu, e perdem-se nos ares.

Como o acceso thuríbulo balança  
Ante o altar, de incenso alimentado,  
Suavísimos perfumes exhalando,  
Assim minha alma oscilla  
Das illusões do mundo afadigada;

E suspirando então pelo infinito,  
Humilde a Deos seu pensamento exalça.

Cada pensamento meu,  
Como uma baga de incenso,  
Do thurib'lo de minha alma  
Sóbe ao alcáçar do Immenso.

Eis porque ainda no da vida exilio,  
Entre o véo de tristeza que me enlucta  
Alguns assomos de prazer ressumbram,  
    Como do pyrilampo  
Na escuridão da selva a luz lampeja;  
    Eis porque minha lyra  
Inopinados sons desliza ás vezes;  
Eis porque ainda para mim um riso  
    A Natureza enfeita;  
Eis porque a noite presta-me seu bálsamo,  
E na aurora que surge incantos acho.

Echo para meus suspiros  
Eu acho na Natureza;  
E para a voz de minha alma  
Um accento de tristeza.

Ah! porventura a lyra abandonada,  
Que rota e muda jaz de pó coberta,  
    Porventura ainda vive?  
A lyra morre, quando mais não sòa,  
Morre, quando, estalando a última corda,  
Evapora o seu ultimo soluço.

Assim sou eu sobre a terra;  
É minha alma como a lyra,  
Que morre, quando não geme;  
Que vive, quando suspira.

Como vive o proscripto em riba estranha?  
    No pensamento apenas,  
Nos quadros de sua alma, tristes quadros,  
Como a noite sem lua, e sem estrellas;  
Quadros nublosos, pela mão traçados  
    Da pallida Saudade.  
Oh mundo, oh mundo, exilio de minha alma!  
Vida, cruel tyranno que me prendes!

O que é a vida? Um contínuo  
Passar das trevas á aurora;

Cadeia que nos arrasta ,  
Turbilhão que nos devora.

Eis a vida!... E depois?... Mystério horrivel !  
Infinito, onde o espirito se perde ,  
    Como um átomo no espaço ;  
Deserto, onde vagueia a phantasia,  
Repouso . e asylo incerta procurando  
Como nos arcées da ardente Arabia  
O peregrino afadigado busca ,  
Para a sêde aplacar, mesquinha fonte ,  
E um ramo que lhe abrigue os lassos membros.

Talvez que amanhã se ultime  
A sentença do proscripto ,  
E que livre das cadeias ,  
Vagueie nesse infinito.

E quem sabe si a voz da Eternidade  
    Agora me revela,  
Que este manto, que ennoita a Natureza ,  
Como do esquife o mortuario panno ,  
Para sempre a meus olhos cobre a terra?

Quem sabe si ao raiar da aurora crástina ,  
A seu hymno de vida  
Um echo faltará de minha lyra ,  
De minha alma um gemido ?

Cada minuto da vida  
Póde ser o derradeiro ;  
Da vida ao nada ha um ponto ,  
E o homem passa-o ligeiro.

O Cysne que desliza á flor do lago ,  
Perlas formando co' o bater das azas ,  
Mudo a garganta alonga ,  
E só da morte a voz n'ella resôa ;  
Como uma fruta que do tronco pende  
Por amoroso voto ,  
Pelo vento agitada ,  
Embalança , e suaves harmonias  
Exhala de seu tubo :  
Assim a voz do cysne se desata ,  
Pela morte inspirado ;  
Assim se melodia ,  
Para doce entoar o hymno extremo.

Mas acaso sabe o Cysne,  
 Terno canto desferindo;  
 Que em cada accento que sólta,  
 A vida lhe vai fugindo?

Companheiro do Cysne, o tenro arbusto  
 Que uma só vez floresce,  
 E quando assim se adorna, murcha, e morre,  
 Como no dia nupcial a esposa,  
 Sabe elle porventura que essas flores  
 São as galas da morte?  
 A lampada que expira, e um clarão sólta,  
 Acaso sabe si lhe míngoa o oleo?  
 O rio que no prado se resvala,  
 Acaso dizer póde :  
 Amanhã terá fim minha corrente?  
 E o zephyro que brinca saltitando  
 Sobre as frescas corollas, sabe acaso,  
 Si ainda existirá no sol seguinte?

Nós acaso conhecemos  
 Melhor que elles nossa sorte?  
 Podemos dizer : este hymno  
 É nosso hymno de morte?

Eu canto como o Cysne, sem que saiba  
    Si é meu ultimo canto ;  
Como o arbusto que brota mortaes flores,  
Minha alma se dilata, e aromas verte ;  
Como a luz que fallece, e se afogueia,  
Em sacro amor meu coração se inflamma ;  
Como o rio que manso se desliza,  
Como o ligeiro Zephyro que adeja,  
    Devolvem-se meus dias,  
Como vagas do mar, um após outro,  
E não sei qual será o derradeiro.

Inda um suspiro, minha alma,  
Como o Cysne hoje exhalemos.  
Si amanhã vírmos a aurora,  
Novos hymnos entoemos.  
    Cantemos, cantemos  
    Co' a noite, e co' o dia,  
    Seja nossa vida  
    Continua harmonia.





# AS SAUDADES.



## I.

### INVOCAÇÃO A SAUDADE.

Tu, que n'alma te embebes magoada,  
Melancolica dor, e gotta a gotta  
Vertes no coração toxico acerbo,  
Que entorpece a existencia, e a vida rala!  
Tu, tyranna da ausencia, que retratas  
Em fugitiva sombra, em negro quadro  
    A imagem do passado;  
Que ao filho sempre a mãe annosa antolhas,  
A patria ao peregrino, o amigo ao amigo,

O esposo á esposa; e ao malfadado escravo,  
Que sem futuro pelo mundo vaga,  
Mostras a liberdade, e o lar paterno;  
E a cada simulacro que apresentas,  
Com farpado agulhão rasgas o peito  
Do triste que te soffre;  
E nos olhos sanguineos, encovados,  
Não lagrimas distillas,  
Mas fel, só atro fel, barbara, espremes.

Oh saudade! Oh martyrio de alma nobre!  
Máo-grado o teu pungir, como és suave!  
Como a rosa de espinhos guarnecida  
Aguilhôa, e apraz co' o doce aroma,  
Tu feres, e mitigas com lembranças.  
Mas ah! o teu espinho ainda é mais duro;  
E essas tuas lembranças são fallaces,  
Flores são que o punhal de Harmodios cobrem.

Para agora opprimir-me tudo se ergue;  
Tudo agora de incantos se reveste,  
Para mais aggravar minha saudade.  
Sitios qu'eu desdenhei, sitios que amava,

Templos que orar me viram respeitoso ,  
 Estes céos de saphira , estas montanhas  
 Cobertas de cocares de palmeiras ,  
 País , amigos , irmãos , ah ! tudo , tudo  
 Me está representando a phantasia ,  
 Como que pouco a pouco quer matar-me .

Que scena ha-hi que mais incantos tenha ,  
 Que ver languida virgem , pudibunda ,  
 Pallida a fronte , as faces desbotadas ,  
 Baixos os olhos , revoando a coma ,  
 E uma terna expressão de occulta angustia

Que lavra-lhe as entranhas ?

Que scena ha-hi que mais incantos tenha ,  
 Que vél-a n'um baixel , segura ao mastro ,  
 Suspiros exhalar , longos suspiros ,  
 Que vôam murmurando , e se misturam  
 Co' os ventos que sibilam nas enxarcias ?  
 De vez em quando olhar , e só ver nuvens ,  
 Nuvens que o céo encobrem , retratando  
 Fugitivas imagens , que recordam  
 Terras da patria ; quem , meu Deos , quem pôde

Resistir á tal scena ?

Tu matas, oh saudade!... Às crespas ondas,  
 Delirante Moêma\*, e quasi insana,  
 Por ti ferida, se arremessa... e morre,...

    Que não póde a mesquinha  
 Longe viver do fugitivo amante,  
 Que tanto amor pagára com desprezo.  
 Lyndóia\*\*, entregue á dor, desesperada  
 N'ausencia de Cacambo, mal lhe sòa  
 Do caro esposo o ultimo suspiro,  
 Tambem suspira, odeia a vida, ... e morre...  
 E tu, Clara infeliz\*\*\* filha dos bosques,  
 Gerada entre palmeiras,  
 Nada póde aprazer-te, nada póde  
 Extinguir-te a lembrança  
 Da rustica cabana, onde embalada  
 Em berço foste de tecidas varas.  
 De diurnas, domesticas fadigas  
 Descançada, lá quando alveja a lua  
 Em fundo azul, mil vezes te enxergaram

Veja-se o Episodio de Moêma, canto VI, p. 172, do poema Caramurú de S. Rita Durão.

\* Episodio do Uruguay, poema de José Basilio da Gama, canto III.

\*\*\* Este caso é original.

N'um tronco de coqueiro reclinada,  
 Cantar da infancia tua arias saudosas,  
 Arias bebidas nos maternos labios.

Ai... minha mãe, dizias,  
 Ai... minha mãe... quem sabe si ainda vives!  
 Aldeia onde nasci, pobre cabana,  
 Rêde que me embalavas, eu vos choro!

Oh terra do Brasil, terra querida,  
 Quantas vezes do misero Africano  
 Te regaram as lagrimas saudosas?  
 Quantas vezes teus bosques repetiram

Magoados accents

Do cantico do escravo,  
 Ao som dos duros golpes do machado?

Oh barbara ambição, que sem piedade,  
 Cega e surda de Christo a lei postergas,  
 E assoberbando mares, e perigos,  
 Vais infame roubar, não vãs riquezas,

Mas homens, que escravisas!

Mil vezes o Senhor, para punir-te,  
 Oppoz ao teu baixel ondas, e ventos;

Mil vezes, mas embalde,  
Nas cavernas do mar caído gemendo.  
Á voz do Eterno obediente a terra  
Se mostra austera e parca,  
Que a lagrima do escravo esteriliza  
O terreno que orvalha.  
A Natureza préza a Liberdade,  
E só franquicia aos livres seus thesouros.

Oh suspirada, oh cara Liberdade,  
Descende asinha do Africano á choça,  
Seu pranto enxuga, quebra-lhe as cadeias,  
E adoça-lhe da patria a dor saudosa.

Oh palavras! oh lingua! quão sois fracas,  
Para d'alma narrar os sentimentos!  
Oh saudade, afflicção dura e suave!  
Oh saudade, que o rosto me descóras,  
Saudade, que me apertas, que nos labios  
Seccas-me o almo riso,  
E o pensamento meu absorves todo,  
Como uma esponja o liquido, e o repartes  
Co' o passado, o presente, e co' o futuro.

Oh saudade! Oh saudade!  
Minhas endechas mal carpidas colhe;  
Dá-me um lugubre som , como o das vagas  
    Que nas praias se quebram  
Sem ordem , como os meus chorados cantos;  
Uma voz sepulcral , como a da rôla  
Que em solitaria selva se lamenta;  
Um accento funéreo , um echo lugubre ,  
Como o echo das grôtas , quando a chuva  
    Gotteja reboando.  
Ah! corram minhas lagrimas , ah! corram  
A quantos meus gemidos escutarem.

Oh saudade! Oh saudade!  
Pois que em minha alma habitas ,  
E sem cessar me lembras páis , e Patria ,  
Minhas tristes endechas serão tuas ,  
Saudade , serei teu... Saudade , és minha.

---

II.

ADEOS Á PATRIA.

Adeos, oh Patria amada,  
Terra saudosa, onde eu abri meus olhos  
Pela vez prima ao sol americano;  
Onde nos braços maternas suspenso,  
O teu amor co' a vida  
No albor dos annos meus fruí gostoso.

Oh margens do Janciro,  
Eu me ausento de vós com mágoa e pranto!



Adeos, brilhante céo da terra minha!  
Adeos, oh serras que vinguei difficil!  
Adeos, sombriãs varzeas,  
Que vezes passeei meditabundo.

Adeos, augustas torres  
Do templo, onde lavei-me do peccado!  
O som funéreo dos sagrados bronzes  
Ainda vem magoar os meus ouvidos,  
E n'alma despertar-me  
Tristissimas, crueis reminiscencias.

Eis alli a montanha  
Cujos pés beija o mar que em flor se esbarra.  
Quantas vezes alli triste, sentado,  
Minha alma no infinito se espraiaava,  
Os olhos vagueando  
Sobre este mar, que deve hoje levar-me!

Sim, eu te deixo, oh Patria;  
E deixo-te luctando co' as procellas,  
Que no teu horizonte se abalròam.  
Ah! quanta dor o coração me punge,

Por ver alguns teus filhos,  
Baldos de pundonor, como te olvidam.

Teus filhos... Ah! cubramos,  
Si algum ha, com desprezo o seu opprobrio.  
Feras serpentes qu'entre mansas aves  
Se aqueceram nos óvos, e mal nascem  
Dilaceram os filhos,  
E as proprias aves que lhes deram vida.

Malevolos sicarios,  
Raça espuria, sem patria, êrmos de brio,  
Já traidores alfanges afiando,  
O ensejo só aguardam favoravel  
De ensopal-os no sangue  
Daquelles a quem bens e honra devem.

Não é pavor, nem susto  
De aos pés calcado ser de intrusos Neros,  
Nem de rojo levado ao cadafalso,  
Que hoje arrancar-me de teu gremio póde;  
Nem a ambição me acena  
Qu'eu vá mercadejar por longes terras.

Não, eu não temo a morte,  
Nem dos tyrannos temo a catadura;  
Sei firme assoberbar adversos fados;  
Que o varão, que o dever toma por norte,  
Sempre a patria antolhando,  
Morte honrosa prefere á vida escrava.

Amor da sapiencia,  
Desejo de colher lições do mundo  
Leva-me ás margens do suberbo Sena,  
Para, si me não for avessa a sorte,  
Ante o altar da Patria  
Meus serviços prestar vir respeitoso.

A ti me voto inteiro,  
Tu és o meu amor, minha alma é tua.  
Só para te offertar flores cultivo  
Nos magicos jardins da Poesia;  
Si te apraz seu aroma,  
Ah! como fico de prazer ufano!

Ah! praza a Deos que a nuvem,  
Que obumbra ora teu céu, tão bello sempre,

A colera do Eterno não desabe  
Sobre as tristes e beças de teus filhos!

Ah! praza a Deos que nunca  
Teu Anjo tutelar fuja a teus lares !

Oh Senhor, tu protejes  
O povo que se vota á Liberdade;  
A Liberdade é dom que nem tu mesmo  
Aos homens tiras; como um mortal ousa,  
Erguido pó da terra,  
Eclipsar os teus dons, manchar teu nome?

Cara Patria, sem susto  
Tua frente levanta majestosa,  
Como tuas montanhas, e teus bosques!  
Não sejas só no mundo conhecida  
Por teus ricos thesouros,  
Pelos prodigios da sem-par Natura.

Oh Patria, ovante marcha;  
Já em teu seio encerras Varões dignos  
De renome immortal; não te envergonhes  
De cingir-lhes as frentes, de apontal-os.

São elles que te escoram,  
E que te hão de elevar á Eternidade.

As solitarias ondas  
Que hoje sonoras tuas praiás beijam,  
Já outr'ora, não pedras, não espuma,  
Mas cadavres, e sangue arremessaram,  
Cadaveres, e sangue  
Dos nascidos nos teus sagrados bosques.

Si inimigos ousarem,  
Armados contra ti, em frageis lenhos,  
Expellir o trovão, o raio, e a morte,  
Abir-se-hão estes mares a sorvel-os;  
Seus lívidos cadaveres  
Tuas areias juncarão de novo.

O coração presago  
Vehemente palpita, e voz suave  
Em meu peito resôa, e me annuncia  
Que o céo destes horrores te preserva;  
O coração não mente;  
A paz firmou-se em ti; seja ella eterna.

Como a enchente do Nilo  
Que estendendo-se sobre a terra Egyptia,  
Deixa após si fertilidade aos campos,  
Assim, propicia paz, tu vivificas  
O povo que te hospeda,  
E por ti bafejada a industria medr...

Como screi ditoso  
Si dado ainda me for correr teus campos,  
Beijar de annosos páis as mãos rugosas,  
Abraçar os amigos, e arroubado  
Nesse celeste instante  
Novos, oh Patria, canticos tecer-te.

Rio de Janeiro, 3 de julho 1833.



III.

Á MINHA FAMILIA.

Choram por mim... Por mim a mãe querida  
Em soluços — adeos — nem dizer póde...  
Debalde balbucia; os labios tremem,  
    E a dor a voz lhe embarga...  
    Banhado tem o rosto  
De crystallino pranto, e cor de sangue  
    Os olhos já cançados.

Lá vejo o caro pai sisudo e grave,  
A quem annos as faces enrugaram,

E a fronte encaneceram ;  
A mão ao filho estende, e a bençãam lança  
Bôa viagem, diz, bôa viagem ;  
Deos te guie, e te traga  
Na sua sancta guarda,  
Sempre digno de mim, da Patria digno.

Memorandas palavras !

Palavras de meu pai... n'alma do filho  
Ausente, eternas ficarão gravadas.

Ternos irmãos — adeos — me estão dizendo  
Com tão funebre accento,  
Como si eu condemnado á morte fosse.  
Um por um os abraço, e adeos lhes digo.  
Quero partir,... forcejo; os olhos cerro;...  
Porèm a dor que o coração me preme,  
Forças me tira, e me fraqueia os passos;  
Em borbotões rebentam  
Lágrimas, que enxugar em vão pretendo.

Que mão gelada é esta, que me embebe  
Duro alfange no intimo do peito?  
Que mão desapiedada me retalha



O coração magoado?

Mão da saudade, és tu, eu te conheço.

Oh momento da ausencia, como és agro!

Mais agro não me foi aquelle dia

Em que co' a morte ao lado,

Quasi caí do leito á sepultura.

Já brilhava a meus olhos moribundos

A luz de bento círio,

Que ante um sagrado Crucifixo ardia.

Chorava minha mãe, e seus cabellos

Sobre meu frio peito debruçavam-se.

Colocado entre o mundo e a Eternidade,

Meu ser se dividia, e ingente peso

O afflicto coração me comprimia,

Como si ferreos braços me cerrassem.

Ah! porque inteiro conservou-se o estame

Em lucta tão cruel? É qu'eu devia

Soffrer mais este golpe, e da existencia

Não estava inda o circulo completo;

Assás não tinha o Mundo conhecido,

Conhecel-o devia.

Neste instante que a dor absorve todo,  
Não me vigoram de um porvir brilhante  
Lisonjeiras lembranças,  
Sonhos fallaces, esperanças loucas,  
Que embriagam a mente do acordado.

Quizera aqui morrer, quizera nunca  
Estranhas terras visitar, que outr'ora  
Eu tanto eubiçára,  
Antes que os páis deixar, irmãos, e patria.

Mas uma estrella guia  
A seu destino o homem.  
Quem de Deos penetrar pôde os arcanos?  
Quem do Eterno á vontade oppor-se pôde?  
Cumpra-se a minha estrella... E nós choremos,  
Que n'um valle de lagrimas estamos.  
Chorando nossas mães vida nos deram,  
Chorando á luz nascemos, e mil vezes  
Esta vida choramos, e na morte  
Uma lagrima ainda se desliza  
Dos revirados olhos :

Das lagrimas a fonte só se estanca,  
Quando da vida apaga-se a centelha.

Páis, irmãos me rodeam.  
Onde estão os amigos? Um ao menos  
Não me vem abraçar neste momento?  
Um só não terei eu, que me acompanhe  
Até á triste praia,  
E o osculo da amizade ahí me imprima  
Na hora da partida?  
Eu vos conheço, amigos!  
Comvosco fique a paz, fique a alegria,  
Venha o pezar commigo.

Caro pai, bôa mãe, irmãos queridos,  
Meu ultimo suspiro vosso seja...  
Adeos... adeos; eu parto.

Riô de Janeiro, 3 de julho 1833.



IV.

A TEMPESTADE.

Desapparece o sol, o céo negreja,  
O rígido aguilão em furias brama,  
E em cada vaga a morte armada se ergue.

Hei de eu morrer, oh Patria,  
Sem que um suspiro teu sequer mereça?  
Sem que minha existencia util te fosse?  
E este mar cavará o meu sepulcro?  
Meu corpo rolará entregue ás ondas,  
Té que os marinhos tigres o devorem?

Não terei uma campa, um epitaphio,  
Onde no dia aos mortos consagrado  
As lagrimas de amigo se deslizem?

Eu estava tranquillo...  
Como um brando regato serpenteia  
Entre florída, perfumada relva,  
Ou como a lua placida fulgura  
Na abóbada celeste,  
Recamada de nítidas estrellas,  
Assim os dias meus se devolviam  
Em suaves vigílias, brandos somnos.

Tinha um pai, uma mãe, irmãos, amigos;  
Debaixo de meus passos se movia,  
Sem qu'eu sentisse, a terra;  
Ora de humana voz ternas cadencias  
As passageiras mágoas me adoçavam,  
Ora coberto com doceis de folhas,  
Que em chuviros de flores me cobriam,  
Terno cantava ao som da frauta agreste  
Que o sabiá simula.

Si no cume da serra a tempestade  
Caliginosos braços estendia ;  
Si nas torres dos templos se esbarravam  
Lampejantes coriscos ;  
Na paterna mansão , êrmo de susto ,  
Escutava o trovão , e o hymno excelso  
Que entoavam meus páis venerabundos.  
Oh! com que rapidez tudo se muda!  
O homem nem prevê proximos males!

Aqui , neste Oceano ,  
Sem que sequer um só prazer desfructe,  
Tudo é horror, e um vasto cemiterio.  
De cada lado gigantescas vagas ,  
Irritadas elevam-se , curvando  
Sobre o navio que sem tino vaga.  
Negras nuvens do sol a face enluctam ;  
Soltos trovões se embatem , troam , bramam ;  
Rijo sibila o vento nas enxarcias ;  
Ante a prôa em montanhas espumosas  
Pulveriza-se o mar , roncando horrisono ;  
Gemendo as vêrgas beijam  
A onda que se empola , e já se afunda ,

Quaes debeis cannas que o tufão dcurva.  
Que horror, oh céos! Que sorte nos aguarda!

Si é nossa estrella que morramos todos,  
Quero ser o primeiro  
Em quem, oh ondas, sacieis a furia.

Procuo embalde, scintillar não vejo  
Sanctelmo de esperança;  
Só vejo a morte abrir a foz medonha  
Em cada vaga, que engulir promette  
O lenho, surdo á voz do palinuro.

As vélas ferram desmuidos nautas,  
Rouqueja o capitão, sôa a busina,  
Mulheres tremem, criancinhas choram,  
E sobre a bomba passageiros curvos  
Arquejando se afanam.

Fitas de fogo ardentes, inflammadas,  
Entre rotos listões de negras nuvens,  
No horizonte se estendem;

Vasto lago de sangue o mar parece ;  
Relampagos mil chovem, mil se apagam ;  
Raios dardeja o céo enfurecido ,  
E os vermelhos coriscos no ar se cruzam ,  
Como cipós que os bosques emmaranham ,  
Ou qual n'um rio amontoadas serpes ,  
Curvilneas se enlaçam , sobem , descem .

Oh meu Deos ! Oh meu Deos , teus olhos volve

Sobre os filhos dos homens .

É verdade , Senhor , elles ingratos  
No tempo da bonança se esqueciam

Da tua omnipotencia ;

Ousámos , impios , profanar teu nome ;  
Mas piedade , Senhor , hoje invocamos .

Como filhos rebeldes ,

Que os são conselhos paternaes desprezam ,

Zombam mesmo dos páis , e de delirio

Em delirio á desgraça se encaminham ;

E quando já no poço da miseria

Lhes brada a consciencia ,

Então os páis invocam ;



E si os páis os não salvam, alli morrem.  
Tu és pai, oh meu Deos! Misericordia!

Um sopro de teus labios foi bastante  
Para armar contra nós a tempestade;  
Um sopro de teus labios  
Basta para acalmal-a.

Á tua voz, Senhor, tudo se humilha,  
O mar, a terra, o céu, o vento, o raio;  
Falla, seremos salvos.

Amaina o vento, o mar se tranquilliza!...  
Maravilha de Deos!... As nuves subam  
A teus pés os meus hymnos,  
Hymnos accesos nos transportes d'alma;  
Võem de mundo em mundo, de astro em astro,  
De Anjo em Anjo, até qu'elles se harmonisem,  
E dignos sejam, oh Senhor, que os ouças.

Gloria! gloria ao Senhor! estamos salvos!  
Desapparece a morte,  
Raia o sol, ri-se o céu, o mar se aplanal!

Gloria! gloria ao Senhor! estamos salvos!

Afaga-me a esperança,

Que renasce no fundo de minha alma,

Como a phenix das cinzas.

Oh Patria, serci teu; minha existencia

Ao louvor do meu Deos, a teus louvores

De ora avante a consagro.



V.

A DIA 7 DE SEPTEMBRO, EM PARIZ.

Longe do bello céo da Patria miuha,  
    Que a mente me accendia,  
Em tempo mais feliz, em qu'eu cantava  
Das palmeiras á sombra os patrios feitos;  
Sem mais ouvir o vago som dos bosques,  
Nem o bramido funebre das ondas,  
    Que n'alma me excitavam  
Altos, sublimes turbilhões de idéas;  
    Com que cantico novo  
O Dia saudarei da Liberdade?

Ausente do saudoso, patrio ninho,  
    Em regiões tão mortas,  
Para mim sem incantos, e attractivos,  
Gela-se o estro ao peregrino vate.  
Tu tambem, que nos tropicos te ostentas  
Fulgurante de luz, e rei dos astros,  
Tu, oh sol, neste céu teu brilho perdes.

Oh phantasia, reproduz si pódes  
O energico quadro, que meus olhos  
    Outr'ora extasiara;  
As scenas reproduz de enthusiasmo,  
    Que o coração abrasa  
Como o sol quando a pino os homens fere;  
Memoria, hoje recorda aquellas vozes  
Dos brasilenses peitos escapadas,  
Como do Chimborazo ardentes lavas,  
E no templo de Deos gratas soavam.  
    Recita aquelles hymnos,  
Que angelicas donzellas, varões probos  
Alternos entoavam neste Dia  
    Da Liberdade em honra.

Mas em vão, que nos ares embruscados  
O mimoso colibre não adeja,  
Nem longe do seu ninho o canto exhala  
O sabiá canoro.

Ah! si ao menos a dor que me alma punge,  
E a existencia me azeda,  
Um pouco se aplacasse, e doce riso,  
Filho do coração, subisse aos labios,  
Quiçá na ausencia da querida Patria  
Podesse, inda que rouco,  
Mais um hymno ajunctar aos outros hymnos,  
Com que de meu amor lhe fiz offrenda,  
Quando no gremio seu prazer gozava.

Lá, no teu seio, a vida respirando  
Tranquillo e socegado,  
Ou no mar agitado, á morte exposto,  
Ou aqui nesta plaga tão remota,  
Fiel te sou, oh Patria; não te olvido  
Pelas grandezas que me offrece a Europa.  
Estes eternos monumentos d'arte,  
Estas columnas, maravilhas mortas,  
Estas estatuas colossaes de bronze,

Estes jardins suberbos, estes templos  
São bellos; mas não são de minha Patria.  
Tuas virgens florestas, e teus templos  
Mais me aprazem que tudo que aqui vejo.

Ah! quem me dera agora, em grato sonho  
Illudido, cuidar que me revolvo  
Ignorado entre os meus, entre o tumulto  
Do povo que no rosto traz impressa  
A gloria deste Dia!

Quem me dera que os meus rusticos hymnos  
Por elle ouvidos fossem,  
E por elle applaudidos  
No delirio do sacro amor da Patria!

Oh! como é doce memorar os tempos  
Da passada alegria!  
Como é doce escutar ternas cadencias  
De branda voz de pudibunda virgem,  
Quando fóra da terra a alma vagueia  
No celeste infinito!

Mais doce é celebrar os claros feitos  
Dos seus concidadãos, e unido a elles,

Beber na mesma taça o entusiasmo ,  
E no divino arroubo  
Os céos congratular, render-lhes graças!

Aqui da Liberdade repetido  
Não sôa o mago accento em meus ouvidos ;  
Nem o auri-verde pavilhão tremôla ,  
Imagem das riquezas  
Da terra minha , fértil , abundante ;  
Nem o canhão ribomba , que assignale  
Que este Dia ao Brasil é consagrado.  
Só o estridor resôa  
De turbulento povo , indifferente  
Da Patria minha á gloria.

Dia da Liberdade!  
Tu só dissipas hoje esta tristeza  
Que a vida me angustia.  
Tu só me acordas hoje do lethargo  
Em que esta alma se abysma ,  
De resistir cançada á tantas dores.  
Ah ! talvez que de ti poucos se lembrem  
Neste estranho paiz , onde tu passas

Sem culto, sem fulgor, como em deserto  
Caminha o viajor silencioso.

Mas rapidos os dias se devolvem ;  
E tu, oh sol, que pallido me aclaras  
    Nestas longiquas plagas ,  
Brilhante ainda raiarás na Patria ,  
    E ouvirás meus hymnos  
Em honra deste Dia , não magoados  
Co' os funebres accentos da saudade.

---



VI.

ADEOS A MEU AMIGO

M. DE ARAUJO PORTO-ALEGRE.

Não posso duvidar, nem tu duvides ;  
Ha uma estrella que ao porvir nos guia,  
Máo-grado as ondas do inconstante mundo.  
Os destinos dos homens são patentes  
    Da Providencia aos olhos,  
Pois que aos olhos de Deos não ha futuro ;  
    Duvide embora o impio.

Com insolúvel nó a ti me liga  
Sagrada, occulta força.  
Fitos na Patria os olhos, sempre avante,  
Araujo, marchemos.

Amamo-nos; que importa Grecia, e Roma  
Vas ver sem mim <sup>1</sup>? Assim stá destinado.  
Na patria de Platão, e de Lionides,  
De Raphael na patria  
Não, não te esquecerás do teu amigo.

Vai; sapiencia colhe em solo estranho;  
Depois comnosco prodigo reparte.  
Assim de flor em flor errante abelha  
O nectar frúe, que em mel offrece aos homens;  
Assim de gottas pluviaes se embebe  
O ancho seio do monte,  
Que em limpidas correntes depois mana.

Vai; ao Parnaso sóbe; ahi meu nome  
Entôa para o céo, e attento escuta;  
Si os echos responderem,  
Juncto do nome teu meu nome grava

No marmore que acliãres.  
Ah! lembra-te de mim quando de Tasso  
Visitares o carcer.

Quando do longo meditar cansado  
Estiveres de Roma nas ruínas ;  
Quando só passeando n' Appia estrada,  
Ou da morte os segredos contemplando  
Dos Martyres Christãos nas catacumbas ;  
Quando ouvires soar de amigo o nome,  
De mim te lembrarás, dirás comtigo :  
Quem sabe si por força da amizade,  
Em mim pensa elle agora, como eu n'elle?

Vai; teu genio alimenta.  
Breves os dias são, os annos breves,  
E dos filhos dos homcns breve corre  
A vida afadigada,  
Como nos ares rapido metéoro.  
Ah! quanto a missão custa  
Cumprir na terra, onde atalaias somos!

Na comçada empresa  
Sómente ao fraco arrecpiar é dado;

Naõ se releva ao campeão donoso,  
Que desde o albor da idade  
N'alma fervêo-lhe em turbilhões o engenho,  
Que lhe inspirára a Patria.

Enganados n'um dia os mortaes podem  
Ás mãos de um nescio confiar o mando,  
Com que depois os curva ;  
Podem corôas repartir, e sceptros,  
E purpuras reaes, e tit'los nobres ;  
Podem rolar seus idolos dos thronos,  
Tomar os louros que illudidos deram ;  
Mas tu, raro no mundo, dom sublime,  
Genio, quem te repartê ?

Deos só, Deos só te envia a seus dilectos.  
Genio, filho de Deos, fogo celeste  
Baixado á terra em prol da Humanidade !  
Aquelle em cuja fronte resplendesces,  
Cujos labios inflammas,  
Um Homero será, Platão ou Phidias,  
Radiantes padrões, astros de gloria,  
De estrellas escoltados,

Que como o sol, do oriente ao occidente,  
Gyro farão eterno.

Signal em tua fronte tens do Genio ;  
Não pertences a ti, tu és da Patria.

Cum teus pinceis divinos  
Deves seus feitos esmaltar, preclaros ;  
Eu a teu lado cantar-lhe-hei a gloria.  
Unidos, sempre amigos, sempre á mesma  
Vontade obedecendo,

Que doce nos será então a vida !  
Tempo, tempo, não vòes; Patria, aguarda ;  
Araujo, marchemos.



## VII.

### NO ALBUM DE UM JOVEN AMIGO.

Amigo, eu parto, e deixo-te saudosos.  
Pois que sempre tua alma bem formada  
Minhas vozes ouviu, vozes sinceras;  
Pois que sempre os conselhos da experiencia  
    Com prazer escutaste,  
    Inda que as vezes duros;  
No momento do adeos recebe, attende  
Esta, de amor, não lisonjeira prova.

É qual sereno rio a mocidade,  
Que as imagens retrata, e não conhece

O bem, e o mal, e as illusões do mundo :  
É como verde, flácida vergonhea,  
Que a fôrma toma que o cultor lhe inprime,  
E bôa, ou má, não mais depois se muda.

Quem, como tu, da Patria longe vive,  
Longe dos paternaes, uteis dictames,  
Assás tem que luctar, si á gloria aspira.  
Philosophos não faltam que te instruam;  
Mas da vida, nas paginas de um livro,  
Não se aprende a sciencia.

Estuda, sim estuda, mas pratica  
Dignas acções de ti; e eu te asseguro,  
Pois que a Natura te protege, e inspira,  
Qu'inda um dia serás brilhante estrella  
Entre os astros que a Patria nossa adornam.  
A Dêos praza que a Patria não illudas,  
E os votos de teus páis, e dos amigos.

A todo o instante que este livro abrires,  
Lendo estes versos, dize : hei um amigo.



VIII.

AO DEIXAR PARIZ.

Sim , a custo te deixo , augusto alcáçar  
Do progresso , da luz , da liberdade.  
Vivífico remanso , onde perenne  
Bebe o estrangeiro quanto apraz á mente ,  
Do nectar das sciencias sequiosa.

Sim , com justa razão te ornas de orgulho ,  
Patria de heroes , refugio de infelizes ,



Victimas do erro , que ainda a Europa preme  
Com cem braços de ferro ; fugitivos,  
Em teu gremio cabal abrigo encontram.  
Mãe desvelada não mais prompta acode  
Com bondadoso peito ao tenro infante.

Qual da torrente que de alpestre fraga  
Jorrando em catadupas marulhosas  
Se ala equóreo vapor que o campo orvalha ,  
E em rios dividindo-se , e em regatos  
A longes terras nutrimento envia ;  
Assim os sabios , que em teu seio abundam ,  
Manam nome , e saber ao outros povos.

Para theatro de espantosas scenas  
Teu solo assignalou a Providencia.  
Aqui rompêo esse vulcão terrivel,  
Que o mundo inteiro alumiou co' as lavas ,  
E á fileira dos reis alçou os homens ;  
Aqui o rei dos reis , terror da Europa ,  
No throno colossal , firme no povo ,  
Honras , louros , e sceptros repartia.

O jugo antigo , que a razão curvava ,

Quehrou, em ti nascido, esse Descartes\*,  
Que por novo theor, methodo novo,  
Sublime estrada abrio á Intelligencia.  
Malebranche o seguio, tambem teu filho.

As boas Artes, do progresso amigas,  
Filhas da Libèrdade, irmães da gloria,  
Foragidas da Italia, atravessaram  
Alpes, e Rhêno, em ti seu templo ergueram.

Pariz, citar teu nome é pòr remate  
Aos elogios teus; eu te venero.  
Lições em ti fruit; como eu mil outros  
Brasileiros, que a Patria hoje adereçam,  
Em ti juvenis passos amestraram.  
Da sapiencia o brilho offusca o do ouro;  
Só de alma estreme a gratidão é paga;  
Grato te sou no tributar encomios  
Não lisonjeiros, que a verdade os sella.

Arando o crespo Oceano, á Patria minha  
As sciencias passaram triumphantes

Sei que Descartes não nascêo em Pariz; mas eu fallo de toda a  
França.

Do sanctario teu , nas mãos levando  
O archote da razão ; alli brilhante  
Luz difundindo , as trevas sacudiram ,  
Que em nossos horizontes negrejavam .

No facundo clarim sôa a Verdade ;  
Então do avaro Lusitano as péias ,  
E as erguidas barreiras rotas cáem ,  
Quando Montesquieu , Rousseau troando ,  
As cidades , e os campos repercutem .  
Assim de Jerichó outr'ora os muros ,  
Das Hebreias trombetas sons ouvindo ,  
Cáem aos pés de Josué submissos .

Então pautando os seus pelos teus passos ,  
Mais e mais o Brasil terreno avança  
Na escala das Nações , que no orbe avultam .

Como da lyra consoante vibra  
Uma corda , quando outra foi ferida ,  
O Brasil teus triumphos applaudindo ,  
Co' as tuas explosões harmonisando ,  
Assim empeços vence , e igual triumpho .

Oh Brasil, porventura lisonjeiro  
 Serei no meu dizer? D'onde te veio  
 A Sciencia das Leis, a Medicina,  
 A Moral, os costumes que hoje ostentas?  
 Quem te ensinou a perscrutar teus campos,  
 A pesquisar segredos, que a Natura  
 Em cada vérme, em cada flor occulta?  
 Quem teu genio subio ao firmamento,  
 E os mysterios dos astros revelou-te?  
 Quem a téla, de cores matizando,  
 Mostrou-te retratada a Natureza,  
 Teus heroes, tua historia, teus costumes?  
 Responda a gratidão. — Avulta, oh França!  
 Marcha, prospéra; e tu, Brasil, prospéra;  
 Estes meus votos são, outros não tenho.

Um povo sempre é filho de outro povo;  
 Um homem sem cultura não avança;  
 Sem ensinó os espiritos não brilham.

Quem, Pariz, sem amar-te póde ver-te?  
 E quem póde deixar-te sem saudade?  
 Ah! não beberei mais as eloquentes  
 Lições, que me apraziam, de teus mestres!

Não verei mais teu Luvre apinhoado  
De maravilhas tantas! Teus collegios,  
Onde vozes troavam sapientes!  
Ainda a mente me pinta os de Sorbonna  
Vastos amphitheatros coroados  
De attenta juventude! — Tudo deixo.....

Ah! deixo ainda mais, deixo um amigo,  
Que raros são, e que tão poucos tenho!  
Sabes com que pezar te deixo, oh Sales\*!  
Companheiro da infancia; ás portas, junctos,  
Da Sciencia batemos; ella ouviu-te,  
Abriu-te, e franqueou-te os seus thesouros.  
Ainda joven, da Patria és já um astro,  
Que no seu horizonte alto rutila;  
Eu misero, phosphorico metéoro  
Sem nome vago. — E morrerei sem nome?

E tu, pintor dos brasilenses bosques,  
Tu, que em quadros multiplices ao mundo  
Nossos costumes eloquente mostras\*\*;

\* O meu illustre amigo Francisco de Sales Torres-Homen.

\*\* Publicava então M. Debret sua Viagem Pittoresca ao Brasil, obra de um grande merito.

Venerando Ancião, amigo, e mestre,  
Por quem já uma vez chorei saudoso,  
E tu também choraste; hoje de novo  
Se reproduz tal scena; mas ao menos  
Tu ficas no teu lar, co' os teus, e eu parto,  
Parto, não para o meu Debret, teu nome  
Commigo eterno irá, como elle eterno  
Passará de uma idade á outra idade.

Adeos, Pariz; adeos do mundo emporio.  
Adeos, Sales, Debret, adeos..... Amigo,  
Que ao teu o meu destino unir quizeste,  
Hoje a minha saudade igual te punje;  
Não agravemos mais nossos pezares;  
Vamos, meu Araujo; é tempo, vamos.

---

IX.

Á SUISSA.

Tal como o caçador afadigado ,  
Depois de em vão correr ingratos montes ,  
Si alfim vê bello passaro que pousa  
    Sobre um tronco do bosque ,  
Alegre e duvidoso a arma prepara ;  
E quando cuida já que é presa sua ,  
Manso o vê que se escapa , e que desliza  
Nos leves ares co' as talhantes plumas ,  
Triste , desesperado á casa volta :  
Ou como terno amante , que de longe  
O bem amado avista , passeando

No jardim de seus páis; contente investe,  
Já em doces idéas engolphado ;  
E quando perto chega,  
E cuida ir desfructar gratos momentos,  
Ella modesta e temerosa, os olhos  
Brandamente volvendo, se retira,  
E o malfadado deixa  
Entregue á dor, carpindo-se saudoso ;  
Assim eu, oh bellissima Suissa,  
Vi teus montes, teus bosques de pinheiros,  
Teus campos fertes co' o suor dos homens ;  
Vi teu lago tranquillo, onde se espelha  
De cima desse throno de alabastro \*  
O sol, mal que amanhece faiscante.  
Assim joven guerreiro de ouro armado,  
No polido pavez attento se olha,  
E contempla seu garbo, antes que sáia  
A discorrer seus campos, coruscante.  
Vi a tua cidade de Genebra,  
Tão linda como o lyrio juncto d'agua,  
Tão graciosa como pura virgem,  
Que a roca empunha, e que meneia o fuso.

O Monte Branco.



Vi-te. e meu coração portas abria  
Ao prazer fugitivo,  
Que mais ligeiro corre que o teu Rhódano.  
Alma alegria a mente me orvalhava,  
Tão secca de pezares;  
E a saudade da Patria que me punge,  
Como que adormecida, menos dura,  
A farpa descanejava.  
Esquecido de mim, do meu destino,  
Começava a gozar-te; — e já me foges!  
Mas si tu de meus olhos desapareces,  
Desenhada na mente a imagem tua,  
Jamais consentirei que se esvaêça.

Oh Suissa, oh Genebra, oh paiz livre!  
Culta Seythia da Europa, sólo honrado  
Pelos Euler, Rousseau, Haller, e Géssner,  
Recebe inda este adeos de um estrangeiro;  
E praza ao céo que o ultimo não seja,  
Que a ti volte, e te veja uma, e mais vezes.

Genebra, 11 de Oitubro de 1834.



X.

## O GENIO E A MUSICA.

Á SENHORA CATALANI.

Sim, é certo; a Natura não se exgota;  
Mas providente de seu seio tira  
Um a um esses Genios, que benigna  
    Co' os seculos reparte;  
Assim, sem fatigar, encomios cobra,  
E co' a força do magico artificio  
Os homens doma, os encadeia, e guia.

Dos Genios a importancia se conhece  
Quando, enchendo a missão, desaparecem.

Si os rios as campinas fertilizam,  
 Os lavradores folgam;  
 Mas extinctas as fontes d'alma veia,  
 Attenuam-se os campos,  
 E a Natureza em torno empallidece;  
 Aos pedregosos, descobertos leitos,  
 O homem chega, e d'agua uma só gotta,  
 Para a sêde aplacar, não acha, e chóra;  
 Mas lagrimas a sêde não saciam!  
 Então do bem se lembra que gozára,  
 Do bem que já não goza.

Quem não respeita o Genio? Quem não sente  
 Bater-lhe o coração inopinado,  
 Quando escuta os angelicos accents  
 Do ser mysterioso,  
 Que a Natureza inspira?

Na culta Grecia, na guerreira Roma  
 Endeosada a Harmonia cultos teve;  
 Entre barbaros povos, Gallos, Francos  
 Celtas, Bretões a musica divina  
 Os cruentos costumes adoçava.

Nos Brasilios sertões, duros Tamoyos,  
Intrepidos Caités ao som se curvam  
Da harmonia selvagem;  
Como divinos, de Tupan <sup>3</sup> mimosos,  
Seus musicos respeitam.

A illuminada Europa  
Não desdenha entoar sagrados psalmos  
No Templo do Senhor; atado ao remo  
O pescador ao som das vagas canta,  
Canta o proscripto sobre estranhas plagas,  
E o peregrino em solitarias selvas.  
O canto maternal o infante acalma,  
E a colera dos homens se desarma,  
Quando escuta suave melodia.

Eis em campo o guerreiro;  
Como brioso marcha, quando trôa  
A bellica trombeta!  
Patrioticos hymnos entoando,  
Sente para o valor estreito o peito.  
Entre selvas de lanças, e de espadas,  
Coberto co' uma abóbada de fumo,

Tupan, o deos dos selvagens do Brasil.

A través de pelouros sibilantes,  
 Assoberbando a morte,  
 Vai nos braços da gloria  
 Arvorar os pendões victoriosos!  
 Na guerra hymnos guerreiros,  
 Na paz canções de amores!  
 Tanto, oh musica, podes sobre os homens,  
 Que em toda parte imperas!

Sim, que os Anjos, os céos, o sol, os mares,  
 Os valles, as montanhas, as florestas,  
 Aves, brutos, e homens,  
 E essas centenas de milhões de mundos,  
 Que cadentes vagueiam no infinito,  
 É um systema harmonico, perpétuo,  
 Em gloria do Supremo Ser dos seres!

Rara mulher, tu viste humildes servos  
 Deporem a teus pés dons preciosos,  
 Que os Reis, e os Potentados te enviavam.  
 Tu viste os proprios Reis, e seus validos,  
 E d' elles homenagem recebeste.  
 Viste os póvos da Europa arrebatados

Aqui e alli ao som de teus accordos,  
Que embebiam nos seios d'alma o incanto.  
Viste, sim viste innúmeras corôas  
Lançadas a teus pés; e proseguias  
Ufana a deslizar as sibyllinas  
Dulcisonas cadencias.  
Eis do Genio o triumpho!  
Gloria ao Genio se dê, perenne, eterna!

Sobre um leito de rosas, e de louros,  
Hoje repousas, não no esquecimento,  
Mas no arroubo da gloria:  
Como o guerreiro que na paz desfructa,  
Vendo os despojos dos vencidos povos,  
Grata consolação que a alma embriaga.

Tudo que te rodeia manifesta  
Teu immortal renome.  
Altars te ergueria a prisca Grecia,  
Si a prisca Grecia te embalasse o berço.  
Da propria filha tua a voz canora,  
Voz que tão alto sóbe, e já promette  
Outro novo milagre de harmonia,

Tambem te louva, e exalta;  
Que si o nome dos páis herdam os fillos,  
A gloria filial os páis sublima.

Ah! não desdenhes receber louvores  
Do peregrino incognito, que passa  
    Por estrangeiras plagas  
Sem arruído, como o mudo sôpro  
Das matutinas, solitarias auras.

Mil vezes proferir ouvì teu nome  
No novo, e velho mundo, e jamais pude  
    Augurar-me a ventura  
De te ver, de te ouvir, e mais ainda,  
De receber de ti signaes de estima.

Longe da Patria o viajor saudoso  
Bem raras vezes o prazer encontra.  
De cidade em cidade andado tenho,  
Reinos atravessei, cantões, e villas,  
Vinguei gelados Alpes, e Apeninos,  
Valles descì sombrios, subì torres,  
Sempre co' a Patria minha na lembrança;  
Como á andorinha que de tecto em tecto

Salta, sem que se esqueça de seu ninho.  
Tudo da Patria a idéa me revive,  
    Mas nada me consola;  
Em parte alguma não achei ainda  
Um coração de pai, de mãe, de amigo,  
Que vendo-me partir, pezar sentisse,  
E ao menos me dicesse : — Deos te guie.

Sublime *Catalani*, tu me honraste !  
Talvez unica sejas, que te lembres  
    Do peregrino errante,  
Quando elle, já na Patria rodeado  
Dos velhos páis, de irmãos, e dos amigos,  
Refrescando a memoria das viagens,  
    Entre, os que vïo, prodigios,  
Cheio de commoção, citar teu nome,  
E dicer : eu a vi ; fallei com ella !

Pago ao Genio um tributo merecido,  
    Que a gratidão me inspira ;  
Fraco tributo, mas nascido d'alma.

Florença, 20 de Novembro 1834.



XI.

NO ALBUM

DA ILLUSTRÍSSIMA E EXCELLENTÍSSIMA SÊNHORA

D. JOANNA MARQUES LISBÔA.

Um mundo occulto, mais real, mais bello  
Que o mundo exterior, nossa alma encerra.  
Abi a phantasia, habil pintora,  
Ora mil quadros reproduz da terra,  
Ora de outros mil quadros criadora,

Quadros de alma doçura,  
Instantes nos outorga de ventura.

Oh phantasia, oh unico refugio  
Do misero proscripto !  
Tu, para consolar o peito afflicto,  
Os passados prazeres nos retratas;  
As pandas azas das prisões desatas,  
E pelos patrios ares deslizando,  
Que sublimes visões nos vais pintando !

Oh! si é bello, sentado á sombra amiga  
Do patrio cajueiro  
De fructos esmaltado,  
Onde o saudoso sabiá se abriga,  
Onde pousa o colibre, e o gaturamo;  
Si é doce ouvir ternissimo reclamo  
Do lindo coro alado,  
Da aurora pregoeiro,  
Que á celeste mansão nossa alma eleva  
Quanto é mais bello, ausente,  
Á parca sombra do álamo estrangeiro,  
Ouvindo o rouxinol cantar amores,

Da Patria então lembrar-se,  
Lembrar-se de um parente,  
De um amigo da infancia, de um remanso,  
Onde, fruindo o aroma de mil flores,  
Ao som estrepitoso da corrente,  
Tantas vezes achámos o descanço  
    Às infantis fadigas!

Oh! como é doce então a alma engolphar-se  
    Nas scenas do passado!  
Tudo vem ante nós apresentar-se  
    Nesse querido instante!  
Nossa alma, entre mil scenas delirante,  
Ouve a voz da saudade que murmura;  
    A saudade, a saudade,  
Este triste prazer que não se esplica,  
Agro prazer de um coração magoado,  
    Prazer que se mistura  
Com dor, com afflicção, saudosa angustia  
Que nos punge, nos róe, nos vivifica.  
Assim nestas estranhas, longes plagas  
    Se nos antolha a Patria!

E por ella em cada inverno  
De continuo suspiramos,  
E mesmo na primavera  
Inda d'ella nos lembramos.

Cada quadro nos desperta  
A cadeia interrompida  
De gratas reminiscencias  
Da nossa passada vida.

Assim, assim um dia,  
Já sob o céo Brasilio,  
Como um sonho, da Europa a bella imagem  
Resurgindo na nossa phantasia,  
Despertará saudades deste exilio.

Então entre mil seenas divagando,  
Do passado as idéas refreando,  
Ante nós se erguerá tambem Bruxellas,  
Seus parques, seus jardins, e as torres bellas  
Dos seus templos, e gothieos palacios.

Então, talvez então, vendo este livro,  
Que quadros vos recorda tão diversos,

Vos lembrareis do errante, joven vate,  
Que estes versos traçou, saudosos versos.

Os gratos dias,  
Que aqui gozei,  
Ante minha alma  
Sempre os terei.

Os innocentes,  
Gratos penhores,  
Anjos da terra  
Incantadores,  
Que tantas vezes  
Eu afagava,  
E em grato enlevo,  
Os abraçava;  
Esta harmonia  
Do par ditoso;  
Em vós belleza,  
Amor no esposo;  
Candura em todos,  
Terna bondade,  
Dotes sublimes

Da Divindade  
Jamais minha alma  
Olvidará,  
E de vós sempre  
Se lembrará.

Bruxellas, 21 de Junho 1836.



XII.

ADEOS Á EUROPA.

Adeos, oh terras da Europa!  
Adeos, França, adeos, Pariz!  
Volto a ver terras da Patria,  
Vou morrer no meu Paiz.

Qual ave errante, sem ninho,  
Occulto peregrinando,  
Visitei vossas cidades,  
Sempre na Patria pensando.

De saudade consumido,  
Dos velhos páis tão distante,  
Gottas de fel azedavam  
O meu mais suave instante.

As cordas de minha lyra  
Longo tempo suspiraram,  
Mas alfim frouxas, cançadas  
De suspirar, se quebraram.

Oh lyra do meu exilio,  
Da Europa as plagas deixemos;  
Eu te darei novas cordas,  
Novos hymnos cantaremos.

Adeos, oh terras da Europa!  
Adeos, França, adeos, Pariz!  
Volto a ver terras da Patria,  
Von morrer no meu Paiz.

Pariz, Agosto de 1836.

FIM.



# NOTAS

## DOS SUSPIROS POETICOS.

---

### A VELHICE.

NOTA, p. 84.

Como o vapor da cónica caverna,  
Nas margens do sombrio Aniano lago,

Á margem do lago de Agnano (*Anianus lacus* dos Romanos) jaz a gruta vulgarmente chamada do cão, pelas expericncias que alli se repetem perante os curiosos que a visitam, introduzindo nella um pobre cão, que logo cáe asphyxiado em respirando o gaz carbonico que do chão della se exhala, e no meio do qual se apaga a luz do archote. Neste caso especial, creio, merecerá disculpa o adjectivo *canica*, que não vem nos dictionarios.

---

### AS RUINAS DE ROMA.

NOTA 1, pag. 156, v. 14.

Era um vasto redil de armentio gado.

Depois da destruição do Foro Romano, pelo fero Rober Guiscard, em 1084, toda esta parte da antiga Roma, desde

S. João Laterano até o Capitolio, tão entulhada ficou, que a terra, pedras, e imundieias cobriram as ruínas, que ainda hoje se deseneavam; ali apaseentavam rebanhos de vacas, e d'ahi veio o nome de *Campo Vaccino*, com que ainda hoje é conhecido.

NOTA 2, pag. 156, v. 21.

Inda te chamam fero, inda te accusam.

A destruição de Roma é devida, como vimos na antecedente nota, ao cavalleiro Rober Guiscard de Hauteville, filho de Tancerède, que, capitaneando os Normandos, entrára á testa de um formidavel exercito em Roma em 1084, fazendo recuar Henrique diante de sí, e pondo fogo na cidade, desde S. João de Laterano até o Colisêo. Depois do saque dos Normandos ficou a antiga Roma deserta, e a população transportou-se toda inteira além do Capitolio, que em outro tempo fôra o campo de Marte. (Veja *Hist. das Repub. Ital.*, por Sismondi, T. I, pag. 128, da Edie. Belga.)

NOTA 3, pag. 157 v. 5.

Foi as aguas mortaes beber do Tibre.

Chamo mortaes as aguas do Tibre, não que ellas venenosas sejam, mas porque ahi morriam afogados os condemnados de Estado, que da rocha Tarpeia se preepitavam, como Manlio, e outros, de que falla a Historia.

NOTA 4, pag. 158, v. 4.

Lá pallideja ao longe aquella torre.

Mostra-se ainda em Roma uma torre quadrada, que no meio da cidade se eleva, na qual, diz-se, Nero se abrigára, para

gozar da horrivel scena do incendio de Roma. Ahi tangia elle a lyra, enquanto as chamas devoravam a cidade. O verbo *pallidejar*, de que me sirvo, ereio que não vem nos Dicionarios, nem me lembra tel-o encontrado em nenhum auctor; si sou o primeiro que o introduzo na lingua, poderei allegar em seu favor, que tendo nós branquejar, negrejar, amarellejar, e outros de igual desinencia, nenhuma d'úvida poderá este encontrar da parte de acanhados puristas; demais elle explica perfeitamente o effeito da torre em questão, esclarecida pelo clarão da lua. Aproveitando-me da natureza desta nota, direi que a Philosophia espiritualistea, que tantos progressos tem feito entre Allemães, e Francezes, tem adoptado novos termos, e dado á velhas palavras novas terminações, como por exemplo, idealidade, religiosidade, progressibilidade, etc. Estas palavras representam novas idéas, e d'ellas nos podemos servir sem escrupulo; de outra maneira condemnemos as Sciencias, e a lingua á immobildade.

NOTA 5, pag. 159, v. 16.

As palavras ouvindo da Eremita.

Ha no recinto do amphitheatro Flavio (Colisêo) 14 altares, representando os martyrrios de Jesus Christo, no meio uma Cruz; servem estes altares para as estações penitenciaes; ahi vimos na Quaresma quantidade de povo prostrado, esutando as pregações dos Missionarios.

NOTA 6, pag. 163, v. 7.

sabio Spinosa,

Tu não eras atheo.

Spinosa é considerado vulgarmente como atheo; philosophos modernos fazem-lhe justiça. Seu systema da mais alta Meta-

physica não tem sido interpretado como devia, que mais pende elle para o pantheismo, que para o atheismo. De sua doutrina claramente se collige que elle concebia um Ser necessario, substancial e perfeito, que é Deos, e o resto só tem uma existencia phenomenal, e contingente. Póde dizer-se, rigorosamente fallando, que não ha atheos, pois que aquelles mesmos que parecem professar taes principios, ou dão existencia a uma substancia primaria, seja o nome qual for, ou se contradizem a cada passo.

---

### O CARCERE DE TASSO.

NOTA 1, pag. 208, v. 22.

E tu, oh Silva...

Antonio José da Silva, natural do Rio de Janeiro, poeta comico, foi queimado vivo n'um *auto-da-fé*, em Lisboa, em 1739, porque, dizia-se, era Judeo.

NOTA 2, pag. 209, v. 12.

Tu Claudio octogenario.

Claudio Manoel da Costa, conhecido com o nome de *Glauceste Saturnino*, distincto poeta, de quem correm algumas poesias impressas, sendo accusado, já avançado em annos, e preso com outros illustres poetas, deo-se a morte na prisão.

NOTA 3, pag. 209, v. 12.

Lá sai Dircêo saudoso, suspirando  
Pela cara Marília.

Thomas Antonio Gonzaga, tão conhecido com o nome de Dircêo, immortal nas suas Lyras. Nós lhe consagramos esta

nota, porque, de quantos teem lido suas Lyras nem todos sabem que reaes foram as suas desgraças; compromctido com Claudio Manoel da Costa, e Alvarenga, foi condemnado ao desterro para Moçambique, onde expirou. Como Petrarca, immortalisou-se com suas poesias eroticas, e o nome de sua Marilia será tão celebre como o de Laura, quando os Brasileiros prezarem mais os seus litteratos.

---

### AS SAUDADES.

Nota 1, pag. 320, v. 6.

Vais ver sem mim.

Mal sabia eu, escrevendo estes versos, e preparando-me para dar o abraço da despedida ao meu amigo, que as circumstancias tão repentinamente se mudassem, e que deixaria Pariz, para acompanhal-o na viagem á Italia. Como ignora o homem o que tem de fazer no dia seguinte! É esta uma das phases de minha vida que eterna ficará na minha lembrança; e estes versos me despertarão sempre esta triste recordação; triste pelas circumstancias que mutivaram a viagem.

---



# INDICE

## DOS SUSPIROS POETICOS.

---

Aviso do editor .	1
Artigo de Sr. Torres-Homem.	3
Advertencia.	11
I. Invocação ao Anjo da Poesia. .	19
II. O Vate.	29
III. A Poesia.	35
IV. Deos, e o Homem.	43
V. A Phantasia.	52
VI. O Christianismo : Na Cathedral de Milão.	55
VII. A Infancia	63
VIII. Preces da Infancia.	67
IX. A Mocidade.	70
X. A Velhice.	83
XI. A Belleza	89
XII. O Mysterio . .	92

XIII. Um Passeio as Tuilerias .	96
XIV. A Tristeza.	105
XV. A Afflicção.	107
XVI. A Consolação.	114
XVII. A vida da Innocencia.	121
XVIII. A Sepultura de Filinto Elysio.	123
XIX. Uma Manhã no Monte Jura	132
XX. A Vista de Roma.	140
XXI. O Dia de Anno bom de 1835.	146
XXII. As Ruínas de Roma.	151
XXIII. O Riso da Fortuna.	164
XXIV. O Suspiro á Patria	168
XXV. Ao R. P. M. Fr. F. do Monte Alverne.	178
XXVI. Ao e E <sup>mo</sup> Sr José Joaquim da Rocha , etc.	183
XXVII. Uma Noite no Coliséo.	191
XXVIII. Para que vim eu ao Mundo?	199
XXIX. O Carcere de Tasso.	204
XXX. No Album de uma Veneziana.	211
XXXI. Ao meu Amigo D. J. G. de Magalhaens.	213
XXXII. Em reposta ao meu Amigo M. de A. Porto-Alegre.	226
XXXIII. Porque estou triste?	234
XXXIV. A Flor suspiro.	239
XXXV. A Experiencia.	241
XXXVI. Os Suspiros da Patria..	243
XXXVII. O Homem probro Evaristo Ferreira da Veiga.	250
XXXVIII. A Biblia , em um dia de tristeza.	254
XXXIX. Napoleão em Waterloo.	259
XL. Ao General Lafayette.	267
XLI. As Senhoras Brasileiras.	271
XLII. A minha Lyra.	274
XLIII. O Canto do Cysne.	279

## AS SAUDADES.

I. Invocação á Saudade.	287
II. O adeos á Patria..	294



INDICE.

359

III. A minha familia.	301
IV. A Tempestade.	306
V. O dia 7 Setembro em Pariz.	313
VI. Adeos a meu Amigo M. de Araujo Porto-Alegre.	319
VII. No Album de um Joven Amigo.	324
VIII. Ao deixar Pariz.	326
IX. A Suissa.	333
X. O Genio, e Musica.	336
XI. No Album da Ex <sup>ma</sup> Senhora D. Joanna Marques Lisboa.	343
XII. Adeos á Europa.	349
Notas.	351

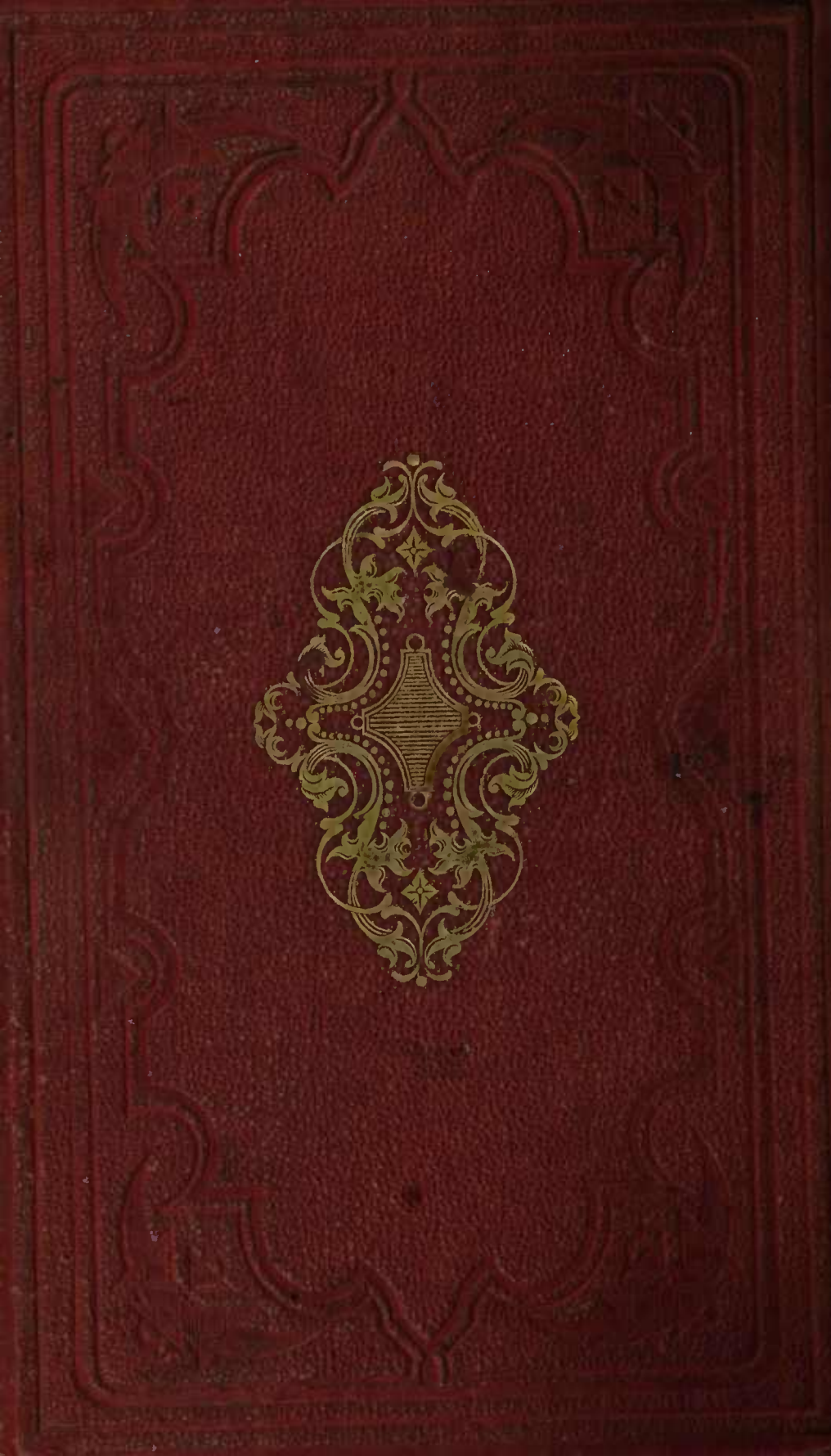
F I M













## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).